

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

UNISA

Universidade de Santo Amaro

“Arqueologia, História e Sociedade”

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

Um estudo sobre representações funerárias da deusa Ísis no processo de “Osirificação” dos Mortos; em tumbas do Novo Império Egípcio, e nos Livros de Amduat, e dos Mortos em relação ao Mito de Ísis e Osíris.

São Paulo

2017

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

UNISA

Universidade de Santo Amaro

“Arqueologia, História e Sociedade”

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

Um estudo sobre representações funerárias da deusa Ísis no processo de “Osirificação” dos Mortos; em tumbas do Novo Império Egípcio, e nos Livros de Amduat e dos Mortos em relação ao Mito de Ísis e Osíris.

Monografia de Conclusão de Curso apresentada como requisito final para obtenção do título de Especialista em “Arqueologia, História e Sociedade”, sob orientação da Professora Doutora Adriana Anselmi Ramazzina.

São Paulo

2017

Evandro Fantoni Rodrigues Alves

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

*Um estudo sobre representações funerárias da deusa Ísis no processo de
“Osirificação” dos Mortos; nas tumbas do Novo Império Egípcio, e no Livro de Amduat,
em relação ao Mito de Ísis e Osíris*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arqueologia,
História e Sociedade da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como
requisito final para obtenção do título de Especialista em Arqueologia.

Orientadora: Professora Doutora Adriana Anselmi Ramazzina.

São Paulo, 18 de Fevereiro de 2017.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Adriana Anselmi Ramazzina

Profa. Dra. Cintia Alfieri Gama-Rolland

Data de Aprovação: 18 de Fevereiro de 2017.

Conceito Final: 10,00

Louvor a ti, Ísis, a Grandiosa
Mãe de Deus, Senhora do Paraíso.
Senhora e Rainha dos deuses.
(Hino à Ísis – Templo de Philae)

Dedicado a

Inês Haydée Fantoni,

minha mãe, que sempre me apoiou em todos os momentos nesse trabalho, bem como em todas as minhas decisões e percalços ao longo de minha vida pessoal, profissional, e acadêmica. Quando escolhi – aos oito anos de idade – seguir o caminho da Arqueologia, foi uma das poucas que sempre acreditou não ser apenas um sonho de criança ou desejo inalcançável, e que sempre se esforçou e me apoiou em cada passo até chegar a este momento, me incentivando quando chegava perto de desistir e compartilhando comigo cada dificuldade e conquista do caminho percorrido.

AGRADECIMENTOS

Ao longo do caminho que percorri até este momento foram muitas as pessoas que estiveram ao meu lado das mais diversas formas e maneiras. Muitas delas sem nem saber o peso que tiveram na conquista que é o presente trabalho. Não há espaço suficiente para nomear cada uma dessas pessoas, porém seria uma grande injustiça que algumas delas não fossem citadas coletivamente, e outras ainda, citadas nominalmente pela importância que tiveram.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus.

Agradeço à minha mãe, Inês Haydée Fantoni, por todo apoio incondicional à realização deste trabalho, desde quando a ideia dele era apenas um pequeno sonho na cabeça de uma criança de oito anos que se encantou com a Arqueologia ao jogar *Tomb Raider II*, Foi ela que acreditou nesse sonho muitas vezes mais do que eu mesmo, e que me ajudou – tanto na qualidade de mãe, como na qualidade de revisora ortográfica e gramatical – a poder realizá-lo.

Agradeço ao meu pai, Vagner Rodrigues Alves, que me apoiou na realização deste trabalho e na conclusão desse curso. Mesmo não sendo aquilo que ele mesmo havia sonhado para mim, ele acreditou no meu sonho e me apoiou de diversas formas para que eu pudesse realizá-lo.

Agradeço à minha professora, amiga, e orientadora, Adriana Anselmi Ramazzina, que foi a primeira arqueóloga que conheci na vida, e também quem me apresentou ao tema da Arqueologia Funerária. Foi também ela uma das pessoas que mais me apoiou no caminho da Arqueologia, passando de professora e orientadora a amiga, e inspiração.

Agradeço à minha professora e amiga Camila Diogo de Souza, nas aulas de quem nasceu o presente trabalho, também foi através dela que tive a oportunidade de entrar em contato com o primeiro grupo de estudos de Arqueologia de minha vida, o TAPHOS, no qual me orgulho de poder participar.

Agradeço à professora Cintia Alfieri Gama-Rolland, por quem sinto grande admiração e cuja amizade desejo profundamente conservar, por ter me

honrado em dedicar seu tempo à leitura do presente trabalho antes de sua entrega final, bem como por todas as dicas e conselhos que me concedeu para a realização do mesmo, e que muito me ajudaram em sua elaboração, e por fim, como avaliadora final do presente trabalho.

Ao amigo de longa data Adilson Pereira da Silva, que muito me ajudou no desenvolvimento desse trabalho, com longas discussões sobre o tema, e críticas bastante construtivas em relação aos rumos que o presente trabalho poderia tomar.

Ao professor Rafael Theodoro, grande amigo e colega, pelo apoio acadêmico na realização do presente trabalho, em cuja biblioteca pessoal busquei muitas informações para este.

Por fim, aos colegas e alunos das escolas EMEF Padre Antonio Vieira, e EE Alfredo Inácio Trindade pelo apoio e paciência que tiveram ao longo do processo de elaboração do presente trabalho, para que tenha finalmente sido concluído de forma positiva.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
RESUMO	9
ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO	11
O MITO DE ÍSIS E OSÍRIS	13
AQUELA QUE LAMENTA OS MORTOS	27
AQUELA QUE PROTEGE E DÁ VIDA AOS MORTOS	49
AQUELA QUE NAVEGA NO SUBMUNDO	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
LISTA DE IMAGENS	109
BIBLIOGRAFIA	115
GALERIA DE IMAGENS	119

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo o estudo sistemático de certas representações de Ísis em contexto funerário, especialmente em tumbas e sarcófagos do Novo Império egípcio, e em livros funerários do Egito Antigo, procurando demonstrar a importância dessa divindade no referido contexto.

Palavras-Chave: Egito Antigo, Ísis, Arqueologia Funerária.

ABSTRACT

The present work has its main subject the systematic study of certain representations of Isis, in funerary context, mainly in tombs and sarcophagus from the Egyptian New Kingdom, and in funerary books of the Ancient Egypt, trying to demonstrate the importance of this deity in the referred context.

Keywords: Ancient Egypt, Isis, Funerary Archaeology.

INTRODUÇÃO

Poucas civilizações ou agrupamentos humanos – tanto da Antiguidade, como de períodos posteriores, até chegar aos dias atuais – possuem, ou possuíram, tanta dedicação em termos culturais e religiosos ao tema da morte, como os antigos egípcios. Através do longo período que compreende a História do Egito Faraônico, os ritos mortuários se fizeram sempre presentes, bem como as lendas e mitos acerca deles, sofrendo mudanças e adaptações, como não pode deixar de ser em uma cultura que se fez presente, viva e atuante por pelo menos três mil anos, mas mantendo-se com a mesma essência durante toda a antiguidade, e possuindo influências em nossa cultura até os dias de hoje.

Dentre os diferentes elementos que compõe a cultura funerária dos egípcios antigos, um dos quais podemos destacar como de grande importância, e que se fez presente – em maior ou menor grau – durante todo o período egípcio, é aquele que se refere à decoração, ou arte, tumular. Ainda que se vá manter o uso dessas expressões – decoração/arte – em certos momentos do presente texto, é importante ressaltar que a presença desses elementos nas tumbas não tinham – para os egípcios – finalidade artística, mas sim religiosa, compondo um elemento de grande importância no complexo e amplo leque de rituais funerários do período faraônico, e que visava – entre outras coisas – ser um guia para que os mortos pudessem atingir os Campos de Iaru, uma espécie de paraíso dos antigos egípcios.

Por se tratarem de elementos essencialmente religiosos – sem jamais desmerecer seu valor artístico – a chamada arte tumular egípcia está intrinsecamente relacionada aos deuses, e em alguns deles em especial, tais como Osíris, o senhor dos mortos; Anúbis (nomenclatura grega. Em egípcio seria *Inpw*), o senhor da mumificação; e Ísis (em egípcio *Aset*), que assume no contexto funerário o importante papel de divindade-guia para a ressurreição. É justamente a respeito de Ísis, e dos papéis que a deusa assume no contexto funerário que tratará o presente texto.

Ele tem como objetivo o estudo e a compreensão da importância de Ísis como divindade funerária, e de que forma essa importante divindade era representada na iconografia tumular do período, com especial destaque para a

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

iconografia encontrada em algumas tumbas do Vale dos Reis, em Tebas, de onde vêm as principais referências utilizadas no presente trabalho, e que identificam o mito de Osíris com as práticas funerárias, bem como dão especial destaque à Ísis, como aquela que lamenta, vela, protege e dá vida aos mortos, identificados com o seu próprio marido divino morto.

É importante ressaltar que o presente trabalho se concentrará de forma mais intensa – embora não exclusiva – no período do Novo Império egípcio, especialmente nas XVIII e XIX Dinastias, por serem nas tumbas dessas dinastias que foram encontradas maior quantidade representações de Ísis.

Uma vez que o presente estudo tem como objetivo a busca das relações da deusa Ísis com o contexto funerário egípcio, o primeiro passo a ser tomado, é identificar a origem da relação de Ísis com o mundo dos mortos, e o processo de “ressurreição” do defunto para a vida no outro mundo. Não existe apenas uma teoria a respeito dessa origem, porém uma das mais aceitas é aquela que identifica essa origem com o próprio mito egípcio acerca da morte de Osíris e das atitudes de Ísis com relação à mesma. É visando demonstrar essa possível origem que se apresentará a seguir tal mito.

O MITO DE ÍSIS E OSÍRIS

Antes de iniciarmos qualquer tipo de análise acerca das representações funerárias de Ísis, é necessário termos em mente que muitas desses aspectos tem origem, ou se ligam de alguma forma a uma das mais antigas e conhecidas narrativas do mundo antigo. O Mito de Ísis e Osíris. Assim sendo, o primeiro passo para nos debruçarmos sobre a iconografia isíaca é retomarmos e compreendermos o mito que pode ter dado origem à maioria delas. É o que se pretende fazer no presente capítulo.

Antes de iniciarmos a narração de qualquer versão que seja do mito de Ísis e Osíris, é importante ressaltarmos e falarmos um pouco sobre sua composição e possíveis origens. Primeiramente, destaca-se que tal mito remonta aos primeiros anos da civilização egípcia, e se faz presente, de forma difusa, em diversos contextos funerários e religiosos ao longo de todo o largo período faraônico, e que – na esmagadora maioria das vezes – não foram encontradas versões completas dessa narração, mas sim fragmentos da mesma, sobretudo dos episódios da mumificação e da ressurreição de Osíris.

Ainda que nenhuma versão egípcia completa do mito tenha sido encontrada, há fontes greco-romanas que preservaram algumas passagens. Não se sabe com que precisão e em que ponto os diferentes fragmentos do mito foram colocados juntos, ou se eles já haviam sido compostos unidos em algum registro original que se perdeu nas areias do tempo, ou ainda se era uma narrativa contada oralmente que nunca foi escrita por completo antes dos registros greco-romanos que possuímos.

A versão mais completa do mito de Ísis e Osíris de que se tem notícia data, como dito acima, do período greco-romano, e se encontra registrada na *Moralia*, de Plutarco, que consiste, essencialmente, em uma reunião de 78 tratados que falam sobre assuntos diversos, tais como ciência, política, filosofia, e religião. A versão aqui apresentada do mito de Ísis e Osíris é uma reprodução parcial do texto de Plutarco, traduzido para o inglês por Frank Cole Babbitt e publicado em 1936. Abaixo de cada parágrafo – cuja numeração respeita a realizada pelo autor/tradutor – dessa reprodução, colocamos uma tradução livre do mesmo texto, realizada por nós.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

"12 Here follows the story related in the briefest possible words with the omission of everything that is merely unprofitable or superfluous:

[Aqui segue a história relatada com as mais breves palavras possíveis, com a omissão de tudo que é meramente inútil ou supérfluo]

They say that the Sun, when he became aware of Rhea's intercourse with Cronus, invoked a curse upon her that she should not give birth to a child in any month or year; but Hermes, being enamored of the goddess, consorted with her. Later, playing at draughts with the moon, he won from her the seventieth part of each of her periods of illumination, and from all the winnings he composed five days, and intercalated them as an addition to the three hundred and sixty days. The Egyptians even now call these five days intercalated and celebrate them as the birthdays of the gods. They relate that on the first of these days Osiris was born, and at the hour of his birth a voice issued forth saying, "The Lord of All advances to the light." But some relate that a certain Pamytes, while he was drawing water in Thebes, heard a voice issuing from the shrine of Zeus, which bade him proclaim with a loud voice that a mighty and beneficent king, Osiris, had been born; and for this Cronus entrusted to him the child Osiris, which he brought up. It is in his honor that the festival of Pamythia is celebrated, a festival which resembles the phallic processions. On the second of these days Arueris was born whom they call Apollo, and some call him also the elder Horus. On the third day Typhon was born, but not in due season or manner, but with a blow he broke through his mother's side and leapt forth. On the fourth day Isis was born in the regions that are ever moist; and on the fifth Nephthys, to whom they give the name of Finality and the name of Aphrodite, and some also the name of Victory. There is also a tradition that Osiris and Arueris were sprung from the Sun, Isis from Hermes, and Typhon and Nephthys from Cronus. For this reason the kings considered the third of the intercalated days as inauspicious, and transacted no business on that day, nor did they give any attention to their bodies until nightfall. They relate, moreover, that Nephthys became the wife of Typhon; but Isis and Osiris were enamored of each other and consorted together in the darkness of the womb before their birth. Some say that Arueris came from this union and was called the elder Horus by the Egyptians, but Apollo by the Greeks.

[Dizem que o Sol, quando foi informado das relações de Rhea com Cronos, invocou uma maldição sobre ela que ela não deveria ter filhos em qualquer mês do ano; mas Hermes, estando enamorado pela deusa, tomou-a como consorte. Mais tarde, jogando em correntes de ar com a Lua, ganhou dela a septuagésima parte de cada um de seus períodos de iluminação, e de todas as vitórias, ele compôs cinco dias, e intercalou-os em adição aos trezentos e sessenta dias. Os Egípcios até hoje chamam esses cinco dias intercalados e os celebram como as datas de nascimento dos deuses. Eles relatam que no primeiro desses dias Osiris nasceu, e na hora do seu nascimento uma voz se pronunciou dizendo, "O Senhor de Tudo avança para a luz." Mas alguns relatam que um certo Pamytes, enquanto estava desenhando na água em Tebas, escutou uma voz do altar de Zeus, que ordenou-lhe que proclamasse com alta voz que o poderoso e bondoso rei, Osíris, havia nascido; e por isso Cronos confiou a ele o pequeno Osíris, que

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

ele criou. É em sua honra que o festival de Pamyliá é celebrado, um festival que se assemelha às procissões fálicas. No segundo desses dias, Arueris nasceu, a quem eles chamaram Apolo, e alguns o chamam de Velho Hórus. No terceiro dia nasceu Typhon, mas não no tempo e maneira correta, mas com um golpe. Ele rompeu o lado de sua mãe e pulou para fora. No quarto dia Ísis nasceu nas regiões que são sempre úmidas; e no quinto, Nephtys, a quem eles deram o nome de Finalidade e o nome de Afrodite, e alguns também o nome de Vitória. Há também uma tradição em que Osíris e Arueris saltaram do Sol, Ísis de Hermes, e Typhon e Nephtys de Cronos. Por essa razão os reis consideravam o terceiro dos dias intercalados como não auspicioso, e não faziam negócios nesse dia, nem davam atenção aos seus corpos até o anoitecer. Eles relatam, além disso, que Nephtys se tornou esposa de Typhon; mas Ísis e Osíris se apaixonaram um pelo outro e se tornaram consortes na escuridão do útero antes de seu nascimento. Alguns dizem que Arueris veio dessa união e foi chamado Velho Hórus pelos Egípcios, mas Apolo pelos Gregos.]

13 One of the first acts related of Osiris in his reign was to deliver the Egyptians from their destitute and brutish manner of living. This he did by showing them the fruits of cultivation, by giving them laws, and by teaching them to honor the gods. Later he travelled over the whole earth civilizing it without the slightest need of arms, but most of the peoples he won over to his way by the charm of his persuasive discourse combined with song and all manner of music. Hence the Greeks came to identify him with Dionysus.

[Um dos primeiros atos relacionados a Osíris em seu reino foi o de libertar os Egípcios de sua maneira destituída e bruta de viver. Isso ele fez ao mostrar-lhes as frutas de cultivo, dando-lhes leis, e ensinando-lhes a honrar os deuses. Depois ele viajou por toda terra civilizando-a sem a mínima necessidade de armas, mas a maioria da população encontrada em seu caminho ele as trouxe para seu caminho através do encanto de seu discurso persuasivo combinado com canções e todo tipo e música. Consequentemente, os Gregos começaram a identificá-lo com Dionísio.]

During his absence the tradition is that Typhon attempted nothing revolutionary because Isis, who was in control, was vigilant and alert; but when he returned home Typhon contrived a treacherous plot against him and formed a group of conspirators seventy-two in number. He had also the co-operation of a queen from Ethiopia who was there at the time and whose name they report as Aso. Typhon, having secretly measured Osiris's body and having made ready a beautiful chest of corresponding size artistically ornamented, caused it to be brought into the room where the festivity was in progress. The company was much pleased at the sight of it and admired it greatly, whereupon Typhon jestingly promised to present it to the man who should find the chest to be exactly his length when he lay down in it. They all tried it in turn, but no one fitted it; then Osiris got into it and lay down, and those who were in the plot ran to it and slammed down the lid, which they fastened by nails from the outside and also by using molten lead. Then they carried the chest to the river and sent it on its way to the sea through the Tanitic Mouth. Wherefore the Egyptians even to this day name this mouth the hateful and execrable. Such is the tradition. They say also

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

that the date on which this deed was done was the seventeenth day of Athyr, when the sun passes through Scorpion, Dand in the twenty-eighth year of the reign of Osiris; but some say that these are the years of his life and not of his reign.

[Durante sua ausência a tradição é que Typhon não tentou nada revolucionário por causa de Isis, que estava no controle, estava vigilante e alerta; mas quando ele [Osíris] retornou para casa, Typhon planejou um traiçoeiro plano contra ele e formou um grupo de conspiradores. Setenta e dois em números. Ele tinha também a cooperação da rainha da Etiópia, que estava lá na hora e cujo nome eles reportam como Aso. Typhon, tendo secretamente medido o corpo de Osíris e tendo feito um baú do tamanho correspondente e artisticamente ornamentado, fez com que fosse trazido para o salão onde as festividades estavam em progresso. A companhia estava muito encantada com a visão dele e o admiraram grandemente, depois do que Typhon prometeu presentear com ele o homem que tivesse no baú sua exata altura quando se deitasse nele. Todos tentaram em suas vezes, mas ninguém coube; então Osíris foi até ele e deitou-se, e aqueles que estavam no plano correram e fecharam a tampa com pregos e também usando chumbo derretido. Então eles carregaram o baú ao rio e o jogaram, deixando seguir seu curso para o mar através da Foz Tanítica. Portanto os Egípcios até os dias de hoje chamam essa foz de odiada e execrável. Essa é a tradição. Eles dizem também que a data em que este mal foi feito foi o décimo sétimo dia de Athyr, quando o sol passa através do Escorpião, Dand no vigésimo oitavo ano do reinado de Osíris; mas alguns dizem que esses são os anos de sua vida, e não de seu reinado]

14 *The first to learn of the deed and to bring to men's knowledge an account of what had been done were the Pans and Satyrs who lived in the region around Chemmis, and so, even to this day, the sudden confusion and consternation of a crowd is called a panic. Isis, when the tidings reached her, at once cut off one of her tresses and put on a garment of mourning in a place where the city still bears the name of Kopto. Others think that the name means deprivation, Efor they also express "deprive" by means of "koptein". But Isis wandered everywhere at her wits' end; no one whom she approached did she fail to address, and even when she met some little children she asked them about the chest. As it happened, they had seen it, and they told her the mouth of the river through which the friends of Typhon had launched the coffin into the sea. Wherefore the Egyptians think that little children possess the power of prophecy, and they try to divine the future from the portents which they find in children's words, especially when children are playing about in holy places and crying out whatever chances to come into their minds.*

[Os primeiros a saberem do mal e levarem ao conhecimento dos homens o que havia acontecido foram os Pans e os Sátiros, que viviam na região ao redor de Chemmis, e então, até os dias de hoje, a confusão súbita e consternação das massas é chamada de pânico. Isis, quando as notícias chegaram a ela, de uma vez, cortou uma de suas tranças e pôs uma vestimenta de luto em um lugar onde a cidade ainda carrega o nome de Kopto. Outros pensam que o nome significa privação, Efor também expressão “privar” no sentido de “koptein”. Mas Isis vagou em todos os lugares até o fim de seu juízo; ninguém de quem ela se aproximou conseguiu resolver, e mesmo quando ela encontrou algumas crianças pequenas, ela perguntou sobre o baú.

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

Quando isso aconteceu, eles disseram haver visto, e falaram para ela sobre a foz do rio através do qual os amigos de Typhon haviam lançado o caixão ao mar. Consequentemente os Egípcios acreditam que crianças pequenas possuem o poder da profecia, e eles tentam adivinhar o futuro através dos prodígios que eles encontram nas palavras das crianças, especialmente quando crianças estão brincando em locais sagrados e gritando qualquer coisa que venha em suas mentes.]

They relate also that Isis, learning that Osiris in his love had consorted with her sister through ignorance, in the belief that she was Isis, and seeing the proof of this in the garland of melilote which he had left with Nephthys, sought to find the child; for the mother, immediately after its birth, had exposed it because of her fear of Typhon. And when the child had been found, after great toil and trouble, with the help of dogs which led Isis to it, it was brought up and became her guardian and attendant, receiving the name of Anubis, and it is said to protect the gods just as dogs protect men.

[Eles relatam também que Ísis, sabendo que Osíris em seu amor havia se deitado com sua irmã através da ignorância, acreditando que ela fosse Ísis, e vendo a prova disso na guirlanda de melilote que ele havia deixado com Nephtys, se apressou em encontrar a criança; posto que a mãe, imediatamente após seu nascimento, o havia exposto por causa de seu medo de Typhon. E quando a criança havia sido encontrada, depois de grande trabalho e problemas, com a ajuda de cachorros que guiaram Ísis até ele, foi criado e se tornou seu guardião e atendente, recebendo o nome de Anúbis, e é dito que protege os deuses assim como os cachorros protegem os homens.]

15 *Thereafter Isis, as they relate, learned that the chest had been cast up by the sea near the land of Byblus and that the waves had gently set it down in the midst of a clump of heather. The heather in a short time ran up into a very beautiful and massive stock, and enfolded and embraced the chest with its growth and concealed it within its trunk. The king of the country admired the great size of the plant, and cut off the portion that enfolded the chest (which was now hidden from sight), and used it as a pillar to support the roof of his house. These facts, they say, Isis ascertained by the divine inspiration of Rumour, and came to Byblus and sat down by a spring, all dejection and tears; she exchanged no word with anybody, save only that she welcomed the queen's maidservants and treated them with great amiability, plaiting their hair for them and imparting to their persons a wondrous fragrance from her own body. But when the queen observed her maidservants, a longing came upon her for the unknown woman and for such hairdressing and for a body fragrant with ambrosia. Thus it happened that Isis was sent for and became so intimate with the queen that the queen made her the nurse of her baby. They say that the king's name was Malcander; the queen's name some say was Astartê, others Saosis, and still others Nemanûs, which the Greeks would call Athenaïs.*

[Depois disso Ísis, como eles relatam, descobriu que o baú havia sido deixado pelo mar perto das terras de Biblos, e que as ondas o haviam depositado gentilmente no meio de uma moita de urzes. A urze, em um

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

período curto de tempo cresceu em um belo e massivo cepo, e envolveu e abraçou o baú com seu crescimento e o ocultou dentro de seu tronco. O rei do país admirou o grande tamanho da planta, e cortou a parte que ocultava o baú (que agora estava escondido da vista), e usou como um pilar para suportar o telhado de sua casa. Esses fatos, eles dizem, Ísis descobriu pela divina inspiração do Rumor, e veio a Biblos e deitou em uma fonte toda tristeza e lágrimas; ela não trocou nenhuma palavra com ninguém, salvo apenas aquelas que ela reconheceu como camareiras da rainha e as tratou com grande amabilidade, entrançou seus cabelos e dividiu com elas a maravilhosa fragrância de seu próprio corpo. Mas quando a rainha observou suas camareiras, um anseio veio sobre ela acerca da mulher desconhecida, e por aquele cabelo trançado e por aquele corpo com a fragrância de ambrosia. Assim acabou que Ísis foi enviada e se tornou tão íntima com a rainha que ela fez dela enfermeira de seu bebê. Eles dizem que o nome do rei era Malcander; o da rainha alguns dizem que era Astartê, outros Saosis, e outros ainda Nemanûs, que os Gregos iriam chamar Athenaïs]

16 They relate that Isis nursed the child by giving it her finger to suck instead of her breast, and in the night she would burn away the mortal portions of its body. She herself would turn into a swallow and flit about the pillar with a wailing lament, until the queen who had been watching, when she saw her babe on fire, gave forth a loud cry and thus deprived it of immortality. Then the goddess disclosed herself and asked for the pillar which served to support the roof. She removed it with the greatest ease and cut away the wood of the heather which surrounded the chest; then, when she had wrapped up the wood in a linen cloth and had poured perfume upon it, she entrusted it to the care of the kings; and even to this day the people of Byblus venerate this wood which is preserved in the shrine of Isis. Then the goddess threw herself down upon the coffin with such a dreadful wailing that the younger of the king's sons expired on the spot. The elder son she kept with her, and, having placed the coffin on board a boat, she put out from land. Since the Phaedrus river toward the early morning fostered a rather boisterous wind, the goddess grew angry and dried up its stream.

[Eles relatam que Ísis cuidou da criança dando seu dedo para ele mamar ao invés de seu peito, e de noite ela ia queimar a porção mortal de seu corpo. Ela por sua vez se transformava em andorinha e voava ao redor do pilar com um lamento doloroso, até que a rainha, que vinha observando, quando viu o seu bebê no fogo, deu um grito alto e o privou da imortalidade. Então a deusa se mostrou e pediu pelo pilar que suportava o telhado. Ela o removeu com a maior facilidade e cortou fora a madeira de urze que cercava o baú, então, quando ela tinha envolvido o baú em um manto de linho e colocado perfume sobre ele, ela o confiou ao cuidado dos reis; e até hoje o povo de Biblos venera essa madeira que é preservada no santuário de Ísis. Então, a deusa se jogou sobre o caixão com um lamento tão terrível que o filho mais novo do rei expirou no local. O filho mais velho ela manteve com ela, e, tendo colocado o caixão no barco, deixou a terra. Desde o rio Fedro até o início da manhã soprou um vento turbulento, a deusa se irritou e secou seu fluxo.]

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

17 In the first place where she found seclusion, when she was quite by herself, they relate that she opened the chest and laid her face upon the face within and caressed it and wept. The child came quietly up behind her and saw what was there, and when the goddess became aware of his presence, she turned about and gave him one awful look of anger. The child could not endure the fright, and died. Others will not have it so, but assert that he fell overboard into the sea from the boat that was mentioned above. He also is the recipient of honors because of the goddess; for they say that the Maneros of whom the Egyptians sing at their convivial gatherings is this very child. Some say, however, that his name was Palaestinus or Pelusius, and that the city founded by the goddess was named in his honor. They also recount that this Maneros who is the theme of their songs was the first to invent music. But some say that the word is not the name of any person, but an expression belonging to the vocabulary of drinking and feasting: "Good luck be ours in things like this!", and that this is really the idea expressed by the exclamation "maneros" whenever the Egyptians use it. In the same way we may be sure that the likeness of a corpse which, as it is exhibited to them, is carried around in a chest, is not a reminder of what happened to Osiris, as some assume; but it is to urge them, as they contemplate it, to use and to enjoy the present, since all very soon must be what it is now and this is their purpose in introducing it into the midst of merry-making.

[No primeiro lugar em que ela encontrou isolamento, quando ela estava bastante para si mesma, eles relatam que ela abriu o baú e deitou sua face sobre a face dentro e a acariciou e chorou. A criança veio quieta atrás dela e viu o que havia ali, e quando a deusa percebeu sua presença, ela se virou e deu-lhe um terrível olhar de raiva. A criança não pôde suportar o olhar, e morreu. Outros não diriam isso, mas sim que ele caiu no mar mencionado acima. Ele também é recebedor de honras por causa da deusa; por que dizem que o Maneros de quem os Egípcios cantam em seus encontros de convívio é essa mesma criança. Alguns dizem, contudo, que seu nome era Palaestinus ou Palesius, e que a cidade fundada pela deusa foi nomeada em sua honra. Eles também recontam que esse Maneros que é o tema de suas canções foi o primeiro a inventar música. Mas alguns dizem que a palavra não é o nome de nenhuma pessoa, mas uma expressão pertencente ao vocabulário das bebedeiras e banquetes: "Boa sorte seja nossa em coisas como essas!", e que essa é a real ideia expressa pela exclamação "maneros" toda vez que os Egípcios a usam. Da mesma maneira. Nós podemos ter certeza que a imagem de um cadáver que, como é exibido a eles, é carregado ao redor em um baú, não é um lembrete do que aconteceu com Osiris, como alguns acreditam; mas é para os estimular, enquanto o contemplam, a usar e aproveitar o presente, sendo que todos muito em breve deverão ser o que ele é agora e esse é o propósito de o introduzir no meio da folia.]

18 As they relate, Isis proceeded to her son Horus, who was being reared in Buto, and bestowed the chest in a place well out of the way; but Typhon, who was hunting by night in the light of the moon, happened upon it. Recognizing the body he divided it into fourteen parts and scattered them, each in a different place. Isis learned of this and sought for them again, sailing through the swamps in a boat of papyrus. This is the reason why people sailing in such boats are not harmed by the crocodiles, since these creatures in their own way show either their fear or their reverence for the goddess.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

[Como eles relatam, Ísis seguiu até seu filho Hórus, que estava sendo criado em Buto, e colocou o baú em um lugar bem fora do caminho; mas Typhon, que estava caçando de noite sob a luz da lua, topou com ele. Reconhecendo o corpo, ele o dividiu em catorze partes e as dispersou, cada uma em um lugar diferente. Ísis ficou sabendo disso e procurou por elas novamente, navegando através dos pântanos em um barco de papiro. Essa é a razão do porquê pessoas navegando nesses barcos não são feridos por crocodilos, pois essas criaturas em sua própria maneira mostram tanto seu medo ou reverência pela deusa.]

The traditional result of Osiris's dismemberment is that there are many so-called tombs of Osiris in Egypt; for Isis held a funeral for each part when she had found it. Others deny this and assert that she caused effigies of him to be made and these she distributed among the several cities, pretending that she was giving them his body, in order that he might receive divine honors in a greater number of cities, and also that, if Typhon should succeed in overpowering Horus, he might despair of ever finding the true tomb when so many were pointed out to him, all of them called the tomb of Osiris.

[O resultado tradicional do desmembramento de Osíris é que há muitos lugares chamados tumbas de Osíris no Egito; pois Ísis fez um funeral para cada parte do corpo onde o encontrou. Outros negam, e dizem que ela produziu efígies dele e distribuiu essas entre várias cidades, fingindo estar lhes dando seu corpo, afim de que ele pudesse receber honras divinas em um número maior de cidades, e também para que, se Typhon pudesse ter sucesso em sobrepujar Hórus, ele pudesse se desesperar em jamais encontrar a tumba verdadeira quando tantas eram apontadas para ele, todas chamadas de tumba de Osíris.]

Of the parts of Osiris's body the only one which Isis did not find was the male member, for the reason that this had been at once tossed into the river, and the lepidotus, the sea-bream, and the pike had fed upon it; and it is from these very fishes the Egyptians are most scrupulous in abstaining. But Isis made a replica of the member to take its place, and consecrated the phallus, in honor of which the Egyptians even at the present day celebrate a festival.

[Das partes do corpo de Osíris, a única que Ísis não encontrou foi o membro másculo, pois ele fora jogado de uma vez no rio, e o lepidotus, o mar-sargo, e o pique haviam se alimentado dele; e é por isso que esses mesmos peixes são escrupulosamente evitados pelos Egípcios. Mas Ísis fez uma réplica do membro para ocupar o seu lugar, e consagrou o falo, em honra do qual até hoje os Egípcios celebram um festival.]

19 *Later, as they relate, Osiris came to Horus from the other world and exercised and trained him for the battle. After a time Osiris asked Horus what he held to be the most noble of all things. When Horus replied, "To avenge one's father and mother for evil done to them," Osiris then asked him what animal he considered the most useful for them who go forth to battle; and when Horus said, "A horse," Osiris was surprised and raised the question why it was that he had not rather said a lion*

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

than a horse. Horus answered that a lion was a useful thing for a man in need of assistance, but that a horse served best for cutting off the flight of an enemy and annihilating him. When Osiris heard this he was much pleased, since he felt that Horus had now an adequate preparation. It is said that, as many were continually transferring their allegiance to Horus, Typhon's concubine, Thueris, also came over to him; and a serpent which pursued her Dwas cut to pieces by Horus's men, and now, in memory of this, the people throw down a rope in their midst and chop it up.

[Mais tarde, como eles relatam, Osíris veio a Hórus do outro mundo e o exercitou e treinou para a batalha. Depois de um tempo, Osíris perguntou a Hórus o que ele achava ser a mais nobre das coisas. Quando Hórus respondeu, "Vingar o pai e a mãe pelo mal feito a eles", Osíris então perguntou a ele qual animal ele considerava o mais útil animal para aqueles que vão para a batalha; e quando Hórus disse, "Um cavalo", Osíris ficou surpreso e perguntou por que ele não preferiu dizer um leão do que cavalo. Hórus respondeu que um leão era útil para um homem precisando de ajuda, mas que um cavalo servia melhor para cortar o avanço de um inimigo e aniquilá-lo. Quando Osíris ouviu isso ele ficou muito satisfeito, pois sentiu que Hórus tinha agora uma preparação adequada. É dito que, enquanto muitos continuamente transferiam sua lealdade a Hórus, a concubina de Typhon, Thueris, também veio até ele; e uma serpente que perseguiu seu Dwas fora cortado em pedaços pelos homens de Hórus, e agora, em memória disso, as pessoas jogam uma corda e a cortam no meio]

Now the battle, as they relate, lasted many days and Horus prevailed. Isis, however, to whom Typhon was delivered in chains, did not cause him to be put to death, but released him and let him go. Horus could not endure this with equanimity, he laid hands upon his mother and wrested the royal diadem from her head; but Hermes put upon her a helmet like unto the head of a cow.

[Agora a batalha, como eles relatam, durou muitos dias e Hórus prevaleceu. Ísis, contudo, a quem Typhon foi entregue acorrentado, não fez com que ele fosse condenado à morte, mas o soltou e o deixou ir embora. Hórus não pôde lidar com isso com equanimidade, deitou as mãos sobre sua mãe e arrancou o diadema real de sua cabeça; mas Hermes colocou sobre ela um elmo semelhante à cabeça de uma vaca.]

Typhon formally accused Horus of being an illegitimate child, but with the help of Hermes to plead his cause it was decided by the gods that he also was legitimate. Typhon was then overcome in two other battles. Osiris consorted with Isis after his death, and she became the mother of Harpocrates, untimely born and weak in his lower limbs." (Plutarco, 1936)

[Typhon formalmente acusou Hórus de ser uma criança ilegítima, mas com a ajuda de Hermes para pleitear sua causa, foi decidido pelos deuses que ele era legítimo. Typhon foi então sobrepujado em duas outras batalhas. Osíris casou-se com Ísis depois de sua morte, e ela se tornou mãe de Harpócrates, nascido prematuro e fraco nos seus membros inferiores." (Plutarco, 1936)

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

É interessante notar que a narrativa de Plutarco é profundamente permeada de valores gregos aos quais o autor está submetido, inclusive ao fato de algumas divindades egípcias serem nomeadas por Plutarco com os nomes de suas identificações gregas, como é o caso de Seth, nomeado Typhon, e de Thot, que é identificado pelo autor com a divindade grega Hermes. Além do fato notável de que o processo cosmogônico dos deuses egípcios, na versão de Plutarco, é mais aproximado aos mitos gregos de Cronos e Rheia.

Além dessa identificação profunda com os elementos Greco-romanos do mito, Plutarco omite alguns fatores essenciais presentes nas fontes egípcias desde a mais remota antiguidade, remontando ao Texto da Pirâmide de Unas, tais como o episódio da ressurreição e da concepção póstuma de Hórus, que na versão de Plutarco fora gerado no próprio útero da mãe de Ísis e Osíris, e, portanto, já era nascido quando da traição de Seth. De acordo com Santos (2003, pg.101), tal postura da parte do autor pode indicar sua fidelidade ao método racional de adaptação Greco-romana, que acaba por ferir de diversas formas o mito original egípcio.

O episódio da concepção mística de Hórus possui uma grande importância no mito egípcio, e na cosmogonia egípcia como um todo, uma vez que implicitamente está se falando da geração do herdeiro do faraó, aquele que deveria reinar nas terras do Egito depois de seu pai Osíris. Nas palavras de Santos.

“Com relação à concepção póstuma de Hórus, a única menção de Plutarco refere-se ao nascimento de Harpócrates, uma criança fraca de pernas, que na teologia egípcia seria Hórus criança, encontrando a explicação em termos filosóficos para tal problema (De Ísis, cap. 19). Deve-se ressaltar que a cena da concepção póstuma de Hórus teve uma importância muito grande para os egípcios. Encontramos, desde o Texto das Pirâmides traços desse relato, que apresenta inúmeras cenas da concepção em vários templos, como observamos no capítulo II. Uma estela do Louvre, datada de aproximadamente 1400 a.C., diz: ‘Ela que reviveu o que para o desesperançado estava morto. Que recebeu a sua semente e concebeu um herdeiro, e que o alimentou na solidão enquanto ninguém sabia que ele era..’. (MANICHE, 1990, p. 59). No Papiro do Louvre 3079, essa passagem da fecundação de Ísis é bem explícita e a própria Ísis declara: ‘Não há deus ou deusa que fez o que fiz ... a fim de fazer reviver teu nome sobre a terra. Tua semente divina estava no meu seio e eu o fiz vir ao mundo ...’ (HANI, 1976, p. 82). Ísis despertou a força fecundante presente ainda no corpo de

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

Osíris, que aos olhos dos egípcios demonstrava que todo morto possuía em sua essência a força criadora.” (Santos, 2003. Pg. 101)

Podemos compreender que Plutarco pode ter relegado a segundo plano essa passagem mística do mito – e uma das mais importantes do ponto de vista egípcio – devido ao fato de estar influenciado pelos ideais heroicos Greco-romanos, segundo os quais a busca e o desafio final do herói estariam em destaque em relação aos mistérios religiosos. Isso poderia explicar também o fato de o ritual de mumificação do deus morto não ser sequer mencionado na obra de Plutarco, bem como não o são as descrições míticas da ressurreição de Osíris pelo bater de asas de Ísis transfigurada em um pássaro, e que são de fundamental importância para o presente estudo, e que podem ser encontrados em diversas representações religiosas nas paredes de templos egípcios, tais como os de Ábidos e Dendera, que reproduzem a cena em que Ísis, transformada em pássaro, sobrevoa o corpo do marido, despertando sua virilidade sexual, permitindo que lhe conceba um filho. Reproduzimos abaixo as iconografias dos dois templos, respectivamente nas Imagens 1 e 2.



IMAGEM 01: Hórus, Ísis como pássaro copulando com Osíris deitado, Ísis em forma humana. Templo de Abydos. Egito Fonte: Internet.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES



IMAGEM 02: Hórus, Anúbis, Ísis como pássaro copulando com Osiris deitado, Nephthys. Templo de Dendera. Egito Fonte: Internet.

Na Imagem 3, reproduzimos um baixo relevo do templo de Philae, dedicado a Ísis, e datado do Período Tardio. Na imagem podemos observar Osíris ressuscitado pelo bater das asas divinas de Ísis, que guarda sua forma humana.

Também é reprodução de um baixo relevo do templo de Philae a imagem 4, que retrata Nephtys e Ísis com suas asas abertas diante de Osíris, como divindades que, ao mesmo tempo, lamentam e protegem o corpo dos mortos, até que eles possam ser ressuscitados para o pós-vida.

Essa ideia de Nephtys e Ísis como divindades que lamentam, e protegem os mortos também é de fundamental importância para a compreensão do presente estudo. Ainda que essa importante representação não tenha sido completamente excluída da versão de Plutarco, o que encontramos é Ísis lamentando sozinha sobre o sarcófago de seu irmão, bem como sendo guardiã solitária do mesmo em seu retorno às terras do Egito.

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

Acerca do processo de mumificação de Osíris, e da participação efetiva e de grande importância do deus-chacal Anúbis no processo de embalsamamento de Osíris – que não é mencionado por Plutarco – podemos novamente recorrer à Santos, bem como à observação da Imagem 5, que retrata a cena em um papiro.



IMAGEM 03: Osíris sendo ressuscitado por Ísis em forma humana. Templo de Phylae. Aswan. Egito Fonte: Santos.

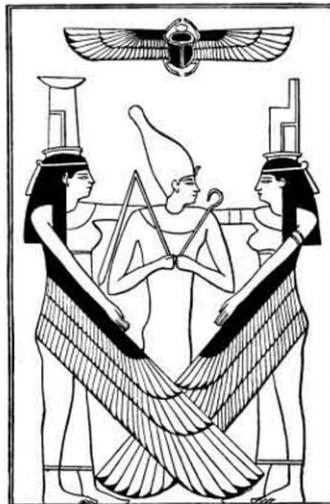


IMAGEM 04: Osíris sendo velado por Nephtys e Ísis. Templo de Phylae. Aswan. Egito Fonte: Santos.

“No relato plutarqueano, Anúbis não possui tanta importância, mas devemos mencionar que originalmente foi considerado deus dos mortos até a Vª dinastia, e nos relatos antigos ele ajudou Ísis na busca do corpo de Osíris, tendo participação fundamental no processo de mumificação. Possuía diversas atribuições, dentre elas a função de acompanhar os funerais do deus Osíris, protegendo-o de seus

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

inimigos. Juntamente com Ísis, Anúbis embalsamou o corpo de Osíris, tendo um lugar fundamental no ritual funerário.” (Santos, 2003. Pg. 103)



IMAGEM 05: Ísis. Osíris sendo mumificado por Anúbis. Fonte: Internet.

Por fim, é importante destacar ainda que são justamente nas referências egípcias omitidas ou desvalorizadas por Plutarco, mas que são amplamente difundidas no contexto egípcio original do mito, como visto acima nas reproduções das paredes dos templos de Ábidos, Dendera, e Philae, bem como nas referências colocadas por Santos em seu texto, que se dão as importantíssimas identificações da deusa Ísis como aquela que lamenta os mortos, e protege seus corpos, ao identificá-los com seu próprio marido morto, Osíris. E também sua identificação com o elemento que vai dar a ela a característica de maior importância no contexto funerário, que consiste justamente no fato de ser ela, Ísis, a divindade responsável por devolver aos mortos, com seu divinal bater de asas, o sopro de vida que vai permitir à alma do defunto ingressar no pós-vida.

Tendo isso em mente, passamos agora ao estudo específico da iconografia tumular de algumas tumbas do Vale dos Reis, bem como de outros elementos religiosos que atestam a importância de Ísis enquanto divindade funerária ao longo dos milênios em que os faraós reinavam sobre as terras do Egito.

AQUELA QUE LAMENTA OS MORTOS

Tendo revisitado cuidadosamente o mito de Ísis e Osíris – sempre tomando o cuidado necessário de não tomar uma única versão do mito como a única, ou a verdadeira, conforme explicado acima – podemos traçar um primeiro panorama acerca da relação da deusa Ísis com o contexto funerário, não apenas como uma divindade relacionada à morte, mas também relacionada à vida, e ao retorno à vida em outros planos.

O primeiro elemento em que é possível encontrar representações da deusa no contexto funerário é no que se refere à lamentação dos mortos, sobretudo – mas não exclusivamente – daqueles de maior status social, tais como faraós, altos sacerdotes, artesãos de alto escalão, construtores de tumbas, bem como militares de alta patente, que acabam – como veremos a seguir – sendo identificados com o próprio Osíris. É justamente da representação de Ísis como aquela que lamenta os mortos, como teria lamentado a morte de Osíris, e do processo religioso que pode ser chamado de osirificação dos mortos, que iniciaremos o estudo da relação da deusa com os contextos funerários e ritos religiosos da morte. É de fundamental importância lembrar ainda que a própria condição de Rainha dos deuses, atribuída a Ísis pelos egípcios, fazem com a que a deusa seja muitas vezes relacionada a diversos aspectos da realeza (Gama, 2017), o que inclui no presente estudo a questão da identificação dos mortos de classes sociais mais elevadas com Osíris, justificando de certa forma a presença da iconografia isíaca em suas tumbas reais.

De acordo com Bleeker:

“Do imemorial, duas figuras que tomam parte nas procissões funerárias merecem nossa atenção em mais alto grau. Elas são as duas carpideiras oficiais, que ocupam um local fixo na procissão funerária, na frente e atrás do caixão, e que são usualmente distintas como ‘a grande carpideira’, e ‘a pequena carpideira’. Em uma época bastante recuada foram identificadas como Ísis e Nephtys. Vale a pena destacar que durante a jornada para a tumba elas não murmuravam nenhum lamento, mas ao caminhar ao lado da marcha imponente, os gestos bem

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

controlados de seus braços expressavam seus sentimentos de pesar. (Bleeker, 1958, pg. 2 – Tradução Livre).¹

Tais afirmações de Bleeker, ao serem associadas com elementos do mito de Ísis e Osíris apresentados acima nos permitem relacionar elementos dos ritos funerários egípcios com o mito em si, uma vez que a procissão funerária pode visar a reprodução da narrativa mítica da procissão funerária do próprio Osíris, na qual Ísis caminhava à sua cabeça, e sua irmã Nephtys, aos pés do deus-defunto. Como um elemento para atestar essa informação, bem como para ser utilizado como primeiro elemento no sentido de demonstrar o processo de osirificação dos mortos, apresentamos nas Imagens 06 e 07, o sarcófago do faraó Ramsés III, da XX Dinastia egípcia, e que traz a representação de Ísis em sua cabeça, e de Nephtys em seus pés, reproduzindo a descrição de Bleeker da procissão funerária egípcia, bem como a procissão funerária do próprio Osíris.

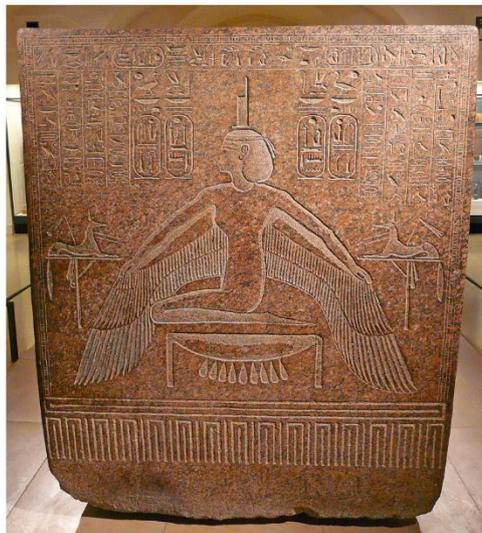


IMAGEM 06: Ísis alada ajoelhada sobre o hieróglifo para ouro. Sarcófago de Ramsés III. KV11. Vale dos Reis. Tebas. Egito. Fonte: https://c1.staticflickr.com/3/2701/4102766645_4d724ab4ed_b.jpg

¹ *“From immemorial, two figures take part in the funerary procession who deserve our attention in the highest degree. They are the two official wailing women, who occupy a fixed place in the funerary procession, in front of and behind the coffin, and who are usually distinguished as ‘the big wailing woman’ and ‘the small wailing woman’; at an early age they were identified as Isis and Nephtys. It is worth noticing that during the journey to the tomb they utter not a single lament, but stride along with stately gait: at most the well-controlled gesture of their arms expresses their feelings of grief.” (Bleeker, 1958. Pg. 2)*

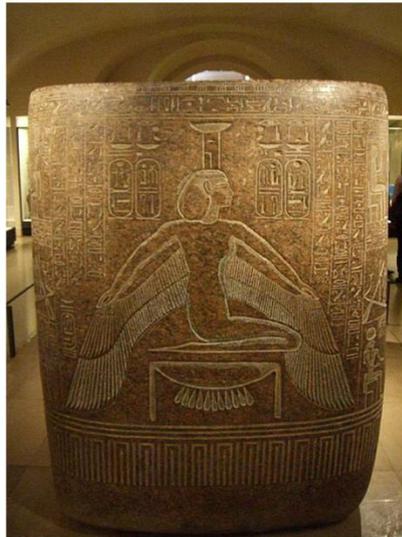


IMAGEM 07: Nephthys alada ajoelhada sobre o hieróglifo para ouro. Sarcófago de Ramsés III. KV11. Vale dos Reis. Tebas. Egito. Fonte: <http://media1.shmoop.com/images/mythology/characters/nephthys/ramses-iii-sarcophagus.jpg>

Outro elemento importante que podemos utilizar com o objetivo de sustentar tais afirmações se encontra no próprio texto de Bleeker, quando ele vai nos informar acerca do costume egípcio, que remonta ao Antigo Império, e que consiste na identificação literal e direta dos mortos com o deus Osíris.

“Do alvorecer da História os mortos no Egito eram identificados com Osíris, com o visível objetivo de fazer com que dividissem a vida vitoriosa do deus. Já nos textos das Pirâmides nós encontramos tal identificação, apesar que a prerrogativa era obviamente reservada ao Faraó. Em períodos mais tardios também pessoas comuns dividiam esse privilégio: o morto é chamado simplesmente de ‘Osíris N. N.’, e é lamentado em termos derivados do idioma do culto de Osíris.” (Bleeker, 1958. Pg. 5 – Tradução Livre).²

A primeira coisa que devemos fazer com essa afirmação é nos atentar para o fato de que o processo de osirificação dos mortos não é um fenômeno dos períodos mais recentes da longa História egípcia, mas um fenômeno que remonta às primeiras dinastias. A maior evidência disso é que o autor nos informa que já nos Textos das Pirâmides encontramos referências a esse

² *“From the dawn of history the deceased in Egypt was identified with Osiris, with a visible object of having him share the victorious life of this god. Already in the Pyramid Texts we meet this identification, though there this prerogative is of course still reserved to the Pharaoh. In a later period also commoners may share in this privilege; the deceased is called simply ‘Osiris N.N.’, and is lamented in terms derived from cultic idiom of the Osiris cult.” (Bleeker, 1958, pg 5)*

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

processo de identificação dos mortos com Osíris, bem como de Ísis como membro participante do ritual da procissão funerária – tanto de Osíris, como dos mortos em geral, em primeira instância do faraó, e em segundo momento de membros da alta sociedade egípcia, principalmente.

Os Textos das Pirâmides aos quais se refere o autor são um conjunto de textos encontrados gravados nos pilares e paredes das pirâmides de Unas, Teti, Pepi I, Merenrê, Pepi II e das rainhas Neith, Iput, Udjbeten e Ankhesenpepi (Dunand e Zivie-Coche, 2006. Pg.253; Hornung, 2007 pg.13), e são os mais antigos textos religiosos já encontrados, datando de cerca de quatro mil e quinhentos anos. É de extrema importância levarmos em conta que é bem possível que tais textos não surgiram no mesmo momento em que foram inscritos nas paredes das pirâmides, mas sim que já fizessem parte da tradição oral antes que fossem gravados em pedra em suas versões que sobreviveram até nós, para que pudessem ser encontrados em 1881, por Gaston Maspero.

São vários exemplos possíveis para demonstrar essa identificação de Osíris com os mortos já nos Textos das Pirâmides. Escolhemos alguns desses trechos por considerarmos bastante representativos e úteis para o presente estudo. São todos retirados de uma versão disponível na internet através do site <http://www.pyramidtextsonline.com/translation.html>, que tem traduções de Faulkner, Piankoff e Speleer. Não conseguimos encontrar a data de publicação online das traduções. O primeiro deles retiramos do frontão oeste da Câmara do Sarcófago.

“Encantado será o deus Cega-é-sua-cabeça

Você, você mesmo, Escorpião, será encantado

Esses são os dois nós de Elefantina que são a boca de Osíris Unas

Amarrado por Hórus sobre a espinha dorsal.”

(Faulkner, Piankoff, e Speleer – Tradução Livre).³

³ *“Enchanted will be the god Blind-is-his-head / You, yourself, Scorpion, will be enchanted / These are the two knots of Elephantine which are in the mouth of Osiris Unas,/ Knotted for Horus over backbone.” (Faulkner, Piankoff, e Speleer).*

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

Como a leitura do trecho destacado demonstra, confirmando as palavras de Bleeker, a identificação dos mortos com Osíris se faz de forma literal e direta, com o nome do deus diante do nome do defunto. Tal fórmula se repete ao longo de todo o Texto das Pirâmides. Como exemplo disso, podemos reproduzir outro trecho que encontramos na Câmara do Sarcófago, desta vez na parede norte.

“Ele vai com seu ka. Seth vai com seu ka. Thot vai

Para dizer quatro vezes ‘Ele vai com seu Ka!

Horus vai com seu Ka

Seth vai com seu ka

Thot vai com seu ka

Ele-Com-Dois-Olhos vai com seu ka

Você por você mesmo também vai com seu ka

O Unas, o braço do seu ka está diante de você

O Unas, o braço do seu ka está atrás de você

O Unas, a perna do seu ka está diante de você

O Unas, a perna do seu ka está atrás de você

Osiris Unas, eu te dou o Olho de Hórus, que seu rosto seja adornada com ele, que o perfume do Olho de Hórus possa se espalhar a partir de você”

(Faulkner, Piankoff, e Speleer – Tradução Livre)⁴

Nos mesmos Textos das Pirâmides encontramos ainda nove referências à deusa Ísis, dentre as quais três delas se mostram muito importantes para o presente estudo. A primeira delas, encontrada na elocução 219, é um elemento que mostra, mais uma vez, a identificação dos mortos com Osíris. Esse trecho em especial dá indícios de relação com o mito de Ísis e Osíris, o que o torna ainda mais interessante para nós.

⁴ *“He goes who goes with his ka. Horus goes with his ka, / Seth goes with his ka. Thoth goes. / To say four times: ‘He goes with his Ka! / Horus goes with his ka, / Seth goes with his ka. / Thoth goes with his ka, / He-With-Two-Eyes goes with his ka. / You yourself also go with your ka / O Unas, the arm of your ka is before you. / O Unas, the arm of your ka is behind you / O Unas, the leg of you ka is before you / O Unas, the leg of you ka is behind you. / Osiris Unas, I give you the Eye of Horus, that your face may be adorned with it, that the perfume of the Eye of Horus may spread towards you.” (Faulkner, Piankoff, e Speleer)*

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

“Isis, esse seu irmão está aqui, Osíris, que você preservou vivo. Ele vive! Ele vive! Este Unas vive! Ele não está morto, este Unas vive. Ele não caiu, este Unas não caiu! Ele não foi julgado, este Unas não foi julgado! Ele julga! Ele julga, este Unas julga” (Faulkner, Piankoff, e Speleer – Tradução Livre).⁵

No trecho reproduzido acima lemos claramente que Ísis é quem foi responsável por manter Osíris – identificado com Unas – vivo, e sem “decair”, expressão que talvez possa remeter ao sentido de decompor-se o cadáver, fazendo referência à prática de mumificação. Essa expressão nos é muito cara, ainda mais apresentando-se em uma fonte de período tão recuado justamente devido ao fato de ser um forte indício a confirmar nossa teoria de que Ísis seria a divindade responsável por devolver a vida aos mortos para que pudessem aproveitá-la no mundo inferior, como ocorre no mito de Ísis e Osíris. Apresentamos abaixo uma segunda referência a Ísis encontrada no Texto das Pirâmides, retirada da Elocução 222.

“Você sobe, você desce, você sobe com Nephtys, obscurecida pela barcaça do anoitecer. Você sobe, você desce, você sobe com Ísis, você se ergue com a barcaça do Amanhecer.” (Faulkner, Peliakoff, e Speleer – Tradução Livre)⁶

Da mesma forma que a anterior, acreditamos que tal trecho remete ao poder e função de Ísis em devolver a vida aos mortos. Se levarmos em consideração a ideia de que a oposição e o equilíbrio eram valores caros aos egípcios, podemos interpretar – a partir do trecho – que Nephtys estaria relacionada à experiência da morte, bem como sua irmã Ísis estaria relacionada à experiência da vida. Tal associação das divindades pode ser interpretada de acordo com a religião tradicional egípcia, segundo a qual Ísis seria esposa de seu irmão Osíris, bem como Nephtys teria como marido seu irmão Seth. O fato é que na maioria das interpretações religiosas egípcias,

⁵*“Isis, this your brother is here, Osiris, whom you have preserved alive. He lives! He lives! This Unas lives! He is not dead, this Unas is not dead! He is not gone down, this Unas is not gone down! He has not been judge, this Unas has not been judged! He judges, this Unas judges” (Faulkner, Piankoff, e Speleer)*

⁶*“You go up, you go down, you go up with Nephtys, darkened with the Evening Barge. You go up, you go down, you go up with Ísis, you rise with the Morning Barge” (Faulkner, Peliakoff, e Speleer).*

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

Osíris é identificado com o período e a região fértil do Egito, a terra preta onde é possível o plantio; ao mesmo tempo em que o deserto vermelho, onde as condições de vida eram precárias, para não dizer virtualmente impraticáveis, era tido como o domínio de Seth, e portanto a ele relacionado. Além disso, de acordo com certas versões do mito egípcio, Anúbis, que assume o papel de guia espiritual para os mortos, podendo transitar livremente entre os mundos seria filho de Osíris e Nephtys, indicando talvez que da mesma forma como Osíris é muito relacionado à vida – permitindo o trânsito de Anúbis no mundo dos vivos – Nephtys poderia estar relacionada com a experiência da morte, sendo sua herança a responsável por permitir o livre trânsito de Anúbis no mundo dos mortos. Essa dupla associação com divindades relacionadas à infertilidade (Seth) e à morte (Anúbis), nos permite identificar uma possível relação Ísis-Vida, Nephtys-Morte. Assim sendo, ao corroborarmos com essa associação entre Nephtys-Morte e Ísis-Vida, estamos de certa forma dando uma interpretação mais direta a esse aspecto da religião egípcia.

Essa possível interpretação específica advém dos trechos em que o autor do trecho do texto acima diz que o faraó foi obscurecido com Nephtys e se levantou com Ísis. Se aplicarmos a esses trechos a ideia apresentada acima de Nephtys estar relacionada à experiência da morte, e de Ísis estar relacionada à experiência da vida, podemos interpretar que o momento em que se diz do obscurecimento com Nephtys seria uma representação do processo de morrer, enquanto que o momento em que o faraó ressurgiu com Ísis seria uma alegoria do processo de ressurreição, seja neste mundo, ou no próximo. Outra referência interessante que encontramos nesse trecho é a menção às barcas do anoitecer e do amanhecer, que novamente podem representar, respectivamente os processos de morrer e renascer, uma vez que a barca do anoitecer é apresentada em relação à Nephtys, enquanto que a barcaça do amanhecer aparece relacionada à Ísis.

É possível ainda associar a questão das barcaças do anoitecer e do amanhecer com outro mito egípcio, que é apresentado em sua forma mais conhecida e completa no chamado Livro do Amduat, que é essencialmente um livro funerário do Novo Império contendo diversos elementos cosmogônicos – sempre relacionados à figura do faraó, favorecendo nossa ideia de

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

identificação dos mortos de alta classe egípcios com Osíris, em especial quando o morto em questão era o faraó, cujas representações isíacas em diversos contextos funerários reforçam a ideia de realeza, mesmo depois da morte.

Mesmo sendo um texto do Novo Império, é possível se supor que o livro do Amduat reproduza crenças de períodos anteriores, muito possivelmente com transformações ao longo do grande período histórico do Egito – como os Textos das Pirâmides – e que muito provavelmente tem suas origens em tradições orais cuja antiguidade é praticamente impossível de rastrear.

De acordo com esse conjunto de textos, nas horas noturnas, o deus Rá, em sua barca solar, e com apoio de diversas outras divindades, atravessava o submundo, enfrentando toda sorte de inimigos e monstros cujo objetivo seria destruir o universo, causando o mais absoluto caos ao impedir que o sol renascesse. Tendo isso em mente é possível questionar se as barcas mencionadas no trecho acima destacado não poderiam ser algum tipo de referência do antigo Império à nau solar de Rá, que aparece em diversos textos egípcios. Essa possibilidade ganha certa força se lembrarmos de dois fatores interessantes. O primeiro deles é de que muitas vezes se acreditava que uma das funções assumidas pelo faraó no mundo dos mortos era auxiliar Rá em sua jornada para manter a ordem no cosmos, assim como fizera em vida, posto que uma das principais funções do faraó seria o de manter a ordem nas terras do Egito (Gama, 2015, Comunicação Oral). Outro elemento a favor da possibilidade que apresentamos acima acerca das barcas é que uma das divindades que apoiam o deus do Sol em sua viagem subterrânea é a própria Ísis, como veremos adiante no capítulo que tratará sobre o Amduat e sobre o papel de Ísis neste texto funerário.

Da mesma forma como ocorrerá com o Amduat, esse aspecto específico da função de Ísis como divindade responsável pela ressurreição dos mortos no outro mundo será trabalhada mais detalhadamente no capítulo seguinte, ao lado de outra função de grande importância atribuída à deusa, a de proteger o corpo – ou *khat* dos mortos. Assim como a anterior, tal função é bastante presente e representada no Novo Império Egípcio, ao longo das XVIII e XIX dinastias, e aparenta ser uma continuidade cultural-religiosa, que remonta ao

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

Antigo Império, até pelo menos a V Dinastia, que é quando reinou Unas, embora muito provavelmente a origem de tais referências e crenças sejam ainda anteriores a esse período. O trecho abaixo demonstra esse aspecto protetor assumido por Ísis nesse período, e que acreditamos ter encontrado eco até períodos mais recentes da História Egípcia.

“Esse Unas arrebatou a humanidade como seu (próprio) membro.

Esse Unas veste a wrr.t-t-crown (‘A Muito Grande’ = Coroa Branca) das duas Enéades.

Ísis cuida dele, Nephtys o amamenta”

(Faulkner, Peliakoff, e Speleer – Tradução Livre)⁷

Neste pequeno trecho destacado acima, encontramos uma referência direta e explícita acerca da importância de Ísis como protetora dos mortos, uma vez que está escrito que *“Ísis toma conta dele.”*

Ainda no mesmo trecho encontramos referência à Coroa Branca, das Duas Enéades. Cremos que cabe aqui alguma explicação sobre o que seriam ambas. De acordo com as crenças egípcias antigas, o Egito não era conhecido como uma unidade territorial absoluta, mas sim chamado na maioria das vezes de Duas Terras, em referência às duas grandes regiões que o compunham, o Alto Egito e o Baixo Egito.

É sempre importante lembrar que as ideias de Alto e Baixo Egito não se referem a questões de posições de pontos cardeais, mas sim ao relevo do país, sendo que as terras chamadas de Baixo Egito são aquelas na região do delta do Nilo, de perfil geográfico mais plano, próxima ao Mar Mediterrâneo, sendo a porção norte do Egito. O Alto Egito por sua vez era localizado nas regiões mais elevadas, com perfil geográfico bastante montanhoso e com grande deserto rochoso, localizado na porção sul do Egito.

⁷*“This Unas ravishes mankind as his (own) limb. / This Unas seizes the wrr.t-crown (‘The Very Great’ = White Crown) from the Two Enneads. / Ísis takes care of him, Nephtys suckles him”.* (Faulkner, Peliakoff, e Speleer)

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

Essa noção de Duas Terras estava bastante presente e possui fundamental importância na sociedade egípcia, uma vez que o próprio título real do governante – que os próprios egípcios não chamavam de faraó, posto que essa palavra é uma corruptela grega para o termo egípcio “*Per -aA*”, cujo significado seria Casa Grande, ou Palácio. – seria “*Nebtawi*”, cujo significado seria “Senhor das Duas Terras”. (Gama, 2016, Comunicação Oral). Assim sendo, cada uma das macro-regiões do Alto e Baixo Egito, respectivamente ao Sul e ao Norte, possuía sua própria coroa e simbologia, sendo que a coroa do faraó governante do Egito unificado (*Pschent*) era composta pela sobreposição da Coroa Branca do Alto Egito (*Hedjat*) pela Coroa Vermelha do Baixo Egito (*Deshret*), como é possível observarmos na Imagem 08.

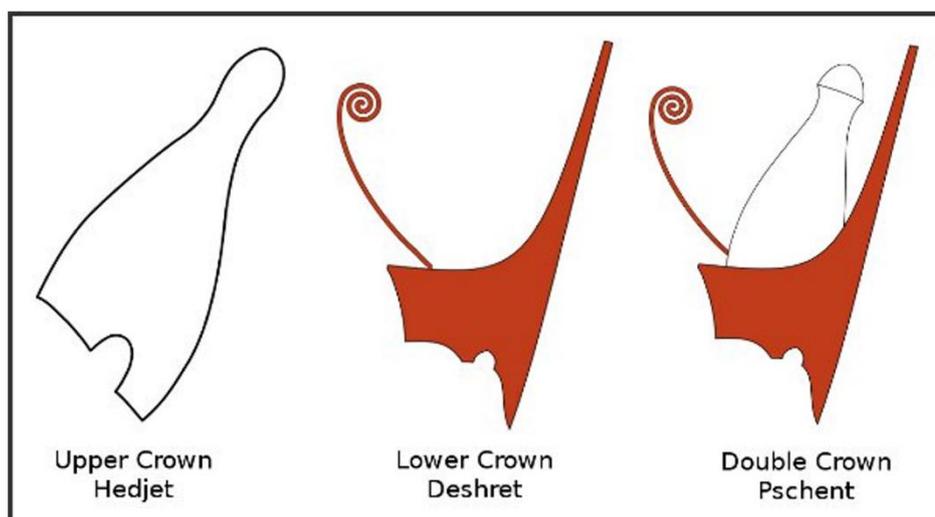


IMAGEM 08: Reprodução artística das coroas do Alto e Baixo Egito, bem como da coroa do Egito unificado. Fonte: <https://ecpsocialstudies5.files.wordpress.com/2013/12/egyptian-upper-lower-double-crowns-symbols.jpg>

Sobre as duas Enéades que são mencionadas no trecho destacado, podemos inferir que o texto faz referência à chamada Enéade Dual Heliopolitana, que sofria uma subdivisão interna entre Grande e Pequena Enéade, e formavam juntas o conjunto de principais deuses – não necessariamente nove, como o nome sugere – para o culto religioso de Heliópolis, um dos epicentros era o deus Rá.

A chamada Grande Enéade era composta pela primeira divindade absoluta e criadora, Atum – muitas vezes identificado com o deus solar Rá, outras tantas com o deus Amon – que ascendeu de Nun, o oceano primordial.

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

Com a sua masturbação, Atum cria seus primeiros filhos: Shu, o ar, e Tefnut, a umidade. Da união de Shu e Tefnut nascem Geb, o deus da terra, e Nut, deusa do céu noturno e da abóboda celeste. Estes dois deuses irmãos, por sua vez, dão origem aos quatro deuses cuja presença observamos no capítulo anterior, sendo uma delas o centro do presente trabalho. De Geb e Nut nascem Osíris, divindade relacionada à vida, e ao mundo dos mortos; Ísis, divindade relacionada à magia, fertilidade, e à proteção e ressurreição dos mortos, neste e no outro mundo; Seth, deus dos desertos implacáveis, vermelhos e inférteis; e Nephtys, deusa protetora, responsável pela guarda e proteção dos mortos ao lado de sua irmã Ísis. Osíris toma Ísis como esposa, enquanto Nephtys se torna esposa de Seth, fechando assim os deuses componentes da Grande Enéade.

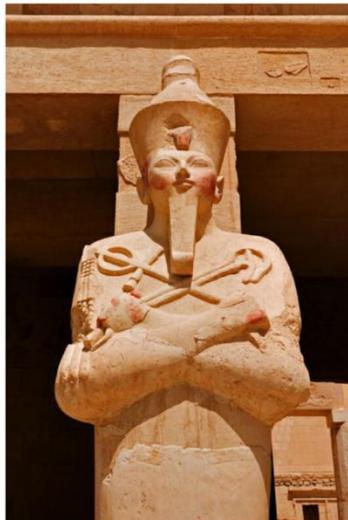


IMAGEM 09: Estátua de Hatshepsut representado como Osiris, utilizando sua coroa característica. Templo de Deir-el-Bahari. Tebas. Egito. Fonte: <http://f.tqn.com/y/womenshistory/1/S/w/N/2/iStock803896a.jpg>

A Pequena Enéade Heliopolitana, por sua vez era composta por quatro divindades, sendo elas Thot, a divindade responsável pela escrita e a sabedoria; Maat, deusa da justiça e guardiã da ordem nas terras do Egito; Anúbis, deus guia do mundo dos mortos e patrono da mumificação; e Khnum, deus patrono do processo criativo e da criação, sendo quem – segundo algumas fontes – teria sido o responsável por originar os seres humanos em seu torno, não apenas o corpo, mas também o *Ka* dos mesmos.

Voltando à Bleeker, podemos apresentar argumentos em defesa de suas afirmações acerca da identificação dos mortos – primeiramente dos faraós – com o deus Osíris através da observação e estudo detalhado das diversas

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

tumbas encontradas no Egito, tanto reais, como de construtores – como em Deir El-Medina. É importante destacar ainda que tal identificação não se apresenta apenas na forma das nomenclaturas, como indicado por Bleeker, mas também no fato de terem sido encontradas diferentes iconografias que apresentam os mortos representados como Osíris, ou com atributos a ele relacionados, tais como sua coroa – Atef, que apresenta duas plumas de cada lado de uma coroa branca, e é diferente da coroa do Alto e do Baixo Egito, portada por Hórus e vista acima – e os braços cruzados sobre o peito, na tradicional posição em que se colocavam os braços dos mortos mumificados. Podemos ver exemplo dessas representações na Imagem 09, que mostra uma representação de Hatshepsut em estátua que porta a coroa de Osíris, e apresenta os braços cruzados como é comum nas representações do deus dos mortos.



IMAGEM 10: Faraó Sétí I fazendo oferenda de incenso ao deus Osíris e sua esposa Ísis. Templo de Abidos,, Egito. Fonte: http://pt.123rf.com/photo_15461280_antigo-bas-eg%C3%ADpcio-al%C3%ADvio-escultura-que-mostra-o-fara%C3%B3-seti-i-que-faz-um-oferecimento-de-incenso-ao-html

Também é comum observarmos iconografias em que diferentes faraós são representados fazendo oferendas a Osíris, ou a ele sendo apresentados, como observamos na Imagem 10, em que o faraó Sétí I está diante de Osíris. Tais representações são também trazidas no livro dos Mortos, e não se limitam a faraós, mas também a pessoas comuns, como na tumba de Sennedjem, onde o morto é apresentado diante de Osíris, conforme é possível ver na Imagem 11.

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

Em algumas representações desse tipo encontramos também Ísis e Nephtys, e as vezes apenas de Ísis, atrás de Osíris, como vimos no exemplo acima de Séti I. É o caso também da representação de Ramsés II fazendo oferendas a Osíris, atrás do qual se posicionam Ísis e Hórus no templo de Ábydos, de acordo com o que podemos observar na Imagem 12.



IMAGEM 11: Osíris em pé, diante do qual está ajoelhado Sennedjem. Museu da Comunicação de Nuremberg. Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/564x/d4/e6/c9/d4e6c93455e28a7d4707ee5a03de4920.jpg>

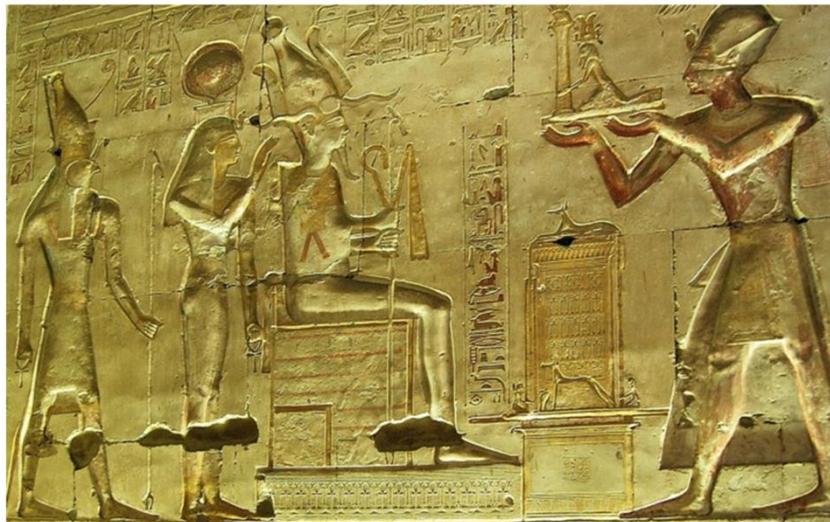


IMAGEM 12: Hórus, Ísis, Osíris sentado recebendo oferendas do faraó Ramsés II. Templo de Abydos. Egito. Fonte: <http://www.currenzionsville.com/wp-content/uploads/2015/01/Travel-Kaebel-720x455.jpg>

Como um importante elemento do capítulo, visando demonstrar a identificação dos mortos com Osíris, e de Ísis e Nephtys como as mulheres que

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

lamentam o morto no ritual da procissão funerária do antigo Egito, devemos retornar ao culto de Osíris, mencionado por Bleeker.

De acordo com o autor, faziam parte do culto de Osíris dois importantes hinos, chamados de “Canções de Ísis e Nephtys”, e “Lamentos de Ísis e Nephtys”. Esse último é relacionado à procissão funerária do próprio Osíris, e possui uma fórmula que deveria ser recitada. Também consta nos “Lamentos” a informação de que ele deve ser recitado não apenas nos cultos de Osíris em Ábydos, mas em toda a terra de Osíris e em todos os seus domínios, o que pode indicar que os “Lamentos” poderiam possuir uma dupla função ritual. A primeira delas seria no processo de enterramento como um todo e também nos rituais funerários em geral. A segunda poderia ser relacionada à questão do culto a Osíris de uma forma mais geral e específica nos templos, uma vez que, de acordo com a complexa concepção religiosa egípcia, todo o mundo dos mortos – inclusive o processo de mumificação, enterramento e a própria tumba do morto – pertenceriam às terras e aos domínios de Osíris, ou seja, tanto as terras dos mortos quanto o processo de passagem para o mundo dos mortos – ainda que esta última seja orientada por Anúbis, outra importante divindade funerária egípcia, da qual falaremos mais detalhadamente no capítulo seguinte – poderiam ser considerados terras ou domínios de Osíris.

Com o objetivo de fortalecer tal ponto de vista, tomamos ainda alguns elementos dos próprios “Lamentos” que permitem o questionamento acerca do direcionamento que se queria dar a eles, pois não fica claro, em certos momentos, se as invocações e clamores do hino se dirigem ao deus Osíris, ou se são destinados aos mortos, clamando ao deus que os reviva nos Campos de Iaru. Para elucidar esse questionamento, apresentamos abaixo alguns trechos dos “Lamentos”, de autor desconhecido, porém com tradução para o inglês de James Teakle Dennis.

“Glorifique sua alma! Estabeleça seu corpo morto!

Louve seu espírito! Dê ar aos seus pulmões e para a sua garganta ressecada!

[...]

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

Deuses, e homens diante da face dos deuses, estão chorando por vós ao mesmo tempo, quando eles me contemplam!

[...]

Deuses junto com homens estão convosco;

*Nenhum mal cometido até eles pelo teu brilho, / Nem de tua jornada no barco celestial acima”
(Dennis – Tradução Livre)⁸*

Os trechos destacados dos “Lamentos” não são os únicos que podem servir como elementos a favor do questionamento apresentado acima, sobre o destinatário das palavras do hino, mas foram escolhidos no presente trabalho por serem entendidos pelo autor como profundamente representativos da crença egípcia no pós-vida, e no processo pelo qual passaria o corpo, e especialmente a alma do morto.

O primeiro trecho destacado, “*Glorifique sua alma! Estabeleça seu corpo morto! Louve seu espírito! Dê ar aos seus pulmões e à sua garganta ressecada!*”, pode ser compreendido como uma referência aos rituais de mumificação e da colocação dos mortos em seus locais de descanso final e ressurreição no mundo dos mortos (“*Estabeleça seu corpo morto*”), bem como do importantíssimo ritual de abertura da boca do morto⁹.

O segundo trecho destacado, “*Deuses e homens diante da face dos deuses, estão lamentando por vós ao mesmo tempo, enquanto me observam!*” pode ser compreendido, ao nosso ver, de duas formas. A primeira dessas maneiras seria a de observar o trecho destacado enquanto uma representação do tribunal de Osíris, do julgamento da alma do morto, e da expectativa que se pode estabelecer acerca de seu resultado. Essa interpretação pode ser sustentada pela frase “*Deuses, e homens diante da face dos deuses*” que

⁸ *Glorify his soul! Establish his dead body! / Praise his spirit! Give breath to his nostrils and to his parched throat! / [...] / Gods, and men before the face of the gods, are weeping for thee at the same time, when they behold me! / [...] / Gods together with men are with thee; / No harm cometh unto them from thy shining, / Nor from thy journeying in the celestial boat above.
(Dennis)*

⁹ *Ritual em que os sentidos do morto seriam magicamente devolvidos – bem como Osíris teve seus sentidos restabelecidos por Ísis no mito de Osíris e Ísis – para que pudesse dizer seu nome aos deuses no tribunal de Osíris, e chegar com todos os sentidos nos Campos de Iaru (“Give breath to his nostrils and to his parched throat”).*

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

poderia ser compreendida como uma espécie de alegoria do tribunal dos deuses, em que todos devem se apresentar diante dos quarenta e dois deuses-juízes, presididos por Osíris, Senhor do Reino dos Mortos.

Uma segunda interpretação possível do mesmo trecho vai em direção virtualmente oposta, pois poderia indicar – através da frase *“estão lamentando por vós ao mesmo tempo”* – uma referência tanto ao lamento de deuses e homens pela morte do Osíris, ou pela morte de uma pessoa importante – muito possivelmente um faraó – o que poderia fortalecer a noção de identificação dos mortos com Osíris, e assim sua relação direta com Ísis, conforme visto acima.

Contudo, é o terceiro trecho – *“Deuses junto com homens estão convosco; Nenhum mal cometido sobre eles por teu brilho, Nem pela tua jornada no barco celestial acima.”* – que consideramos o mais interessante de todos, pois é o que, de acordo com nossa interpretação, permite os questionamentos acerca da possibilidade do duplo direcionamento dos “Lamentos”, ao deus Osíris, e aos mortos nos ritos funerários egípcios. Esse trecho também permite ao menos duas interpretações distintas acerca de seu significado.

A primeira delas corresponderia ao último estágio da passagem do morto para o pós-vida, após o julgamento de Osíris, em que o mesmo já se encontraria nos Campos de Iaru, onde estariam *“Deuses junto com homens estão convosco”*. Claro que não podemos nos furtar ao fato de que essa afirmação poderia também se referir ao próprio Osíris ressuscitado, mas tal correspondência não anularia a interpretação, mas reforçaria a identificação dos mortos com Osíris.

A segunda interpretação do trecho destacado vai apresentar ainda fatores mais interessantes a respeito do direcionamento dos “Lamentos”. Quando, no final dessa passagem, o texto se refere à barca celestial, torna-se virtualmente impossível não relacionar a referência ao mito de Rá, e da relação dos faraós com tal mito, uma vez que se acreditava que o deus-Sol durante o dia circundava a abóboda celestial em um barco, iluminando o Egito, e durante a noite mergulhava no abismo, onde combatia – junto com a alma dos faraós

mortos – os espíritos do caos, afim de manter a prosperidade das terras do Egito.

O mais curioso nessa referência é que, ainda que se acredite que o primeiro faraó e governante do Egito tenha sido o próprio Osíris, antes de ser morto por seu irmão Seth, conforme visto acima, não é comum encontrarmos referências do deus dos Mortos navegando sobre e sob a abóboda celeste, na barca solar de Rá, o que poderia indicar que ao menos este trecho destacado do hino tenha um direcionamento muito mais específico para os mortos, com especial destaque aos faraós. Uma segunda interpretação desse trecho nos permitiria recuar para o Antigo Império um processo conhecido do Novo Império, conhecido como solarização de Osíris, em que o deus dos mortos passa por um processo de identificação com elementos solares. Esse possível elemento de solarização de Osíris ainda no Antigo Império funciona como um elemento a mais no processo de entendermos a religião egípcia, especialmente em seu contexto funerário, como sendo muito mais ampla e contínua do que se imagina atualmente, e reforça a ideia de que muitos elementos tidos como típicos do Novo Império, e consagrados no Livro de Amduat – como o caso da solarização de Osíris – podem ter origens muito anteriores, já nos Lamentos de Ísis e Nephthys e nos Textos das Pirâmides.

Voltando, agora, nossa atenção mais detalhadamente para o período de maior foco da presente pesquisa, que é o Novo Império Egípcio, com especial destaque para a XVIII e XIX dinastias, podemos encontrar também importantes representações que relacionam os mortos a Osíris.

Através da observação das diferentes imagens presentes nas tumbas do Vale dos Reis em que Ísis é representada com os mortos, podemos observar alguns elementos que podem ser indicadores da representação do morto como Osíris, uma vez que notamos em diversas situações o morto não fazendo uma oferenda à deusa, ou dela recebendo alguma dádiva, mas sim sendo levado até ela, ou ainda a olhando de frente, como se fixasse seus olhos nos dela. Exemplos dessas afirmações podem ser encontradas nas representações da tumba de Horemheb, localizada no Vale dos Reis, em Tebas, e identificada como KV57.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

Na Imagem 13, observamos, na cena 1, Hórus com as mãos levantadas, trazendo o faraó Horemheb – XVIII dinastia – diante de Ísis, que o olha de frente. Tanto Horemheb quando a deusa mantêm os braços abaixados, parecendo que o faraó segura o cajado da deusa junto com ela – não se pode afirmar com certeza tal informação devido à qualidade da imagem e a aparente deterioração da figura original. Nesta imagem é importante destacar que, na cena dois, quando Horemheb se dirige à deusa Hathor, que não aparece na imagem, mas que é assim identificada na parede original da tumba, o faraó é representado de forma completamente diferente, com as mãos levantadas, levando uma oferenda de vinho à deusa, ao contrário da postura que apresenta em relação a Ísis.



IMAGEM 13: Anúbis como chacal deitado sobre altar. Hórus levando Horemheb a Ísis (Cena 1). Horemheb fazendo oferenda de vinho a Hathor [Não Visível] (Cena 2). Tumba de Horemheb. Vale dos Reis. KV57. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.

Na Imagem 14, podemos observar o mesmo padrão apresentado na primeira figura, em que – na cena dois – Ísis e Horemheb são representados de frente uma para o outro, com os braços abaixados, enquanto que nas cenas 1 e 3, o faraó é representado fazendo oferendas de vinho à Anúbis e Hórus, respectivamente. O mais interessante da décima quarta imagem, contudo, e que nos interessa mais cuidadosamente no presente trabalho, é a cena que se apresenta na parede lateral direita, em que Horemheb aparece entre Háthor e Hórus, com ambos colocando as mãos sobre os ombros do faraó. O interessante dessa representação é que ela muito se assemelha a iconografias

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

egípcias tradicionais, em que Osíris – muitas vezes em efígie – é representado entre Ísis e Hórus, com os dois últimos pousando as mãos sobre os ombros do primeiro, como pode ser visto na Imagem 15.

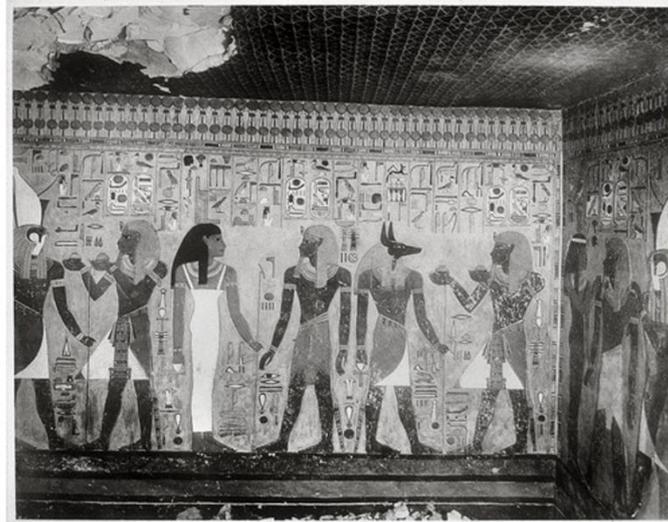


IMAGEM 14: Hórus recebendo vinho de Horemheb (Cena 3). Ísis com Horemheb (Cena 2). Anúbis recebendo vinho de Horemheb (Cena 1). Horemheb entre Ísis e Hórus. Tumba de Horemheb. Vale dos Reis. KV57. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.

Existem duas interpretações possíveis para a presença de Háthor – divindade também relacionada aos contextos funerários, e muitas vezes alcunhada de “Dama da Necrópole” – como está apresentada na Imagem 14. A primeira delas seria a de identificar Háthor com a própria Necrópole, como se estivesse recebendo o faraó morto – sendo levado por Hórus, e não por Anubis, conforme seria a tradição egípcia – e lhe dando as boas vindas. A segunda interpretação, que assume uma função mais importante no presente trabalho consiste em uma identificação entre Ísis e Háthor no contexto funerário. Essa ideia se sustenta por dois elementos importantes e observáveis na própria tumba de Horemheb. O primeiro deles é que é Hórus, e não Anúbis quem leva o morto até Háthor, na Imagem 14. Essa cena muito se assemelha à cena da Imagem 13, em que Horemheb é levado por Hórus diante de Ísis, que porta nessa representação iconográfica, o disco solar, e os chifres de Háthor, permitindo essa possibilidade de interpretação de identificação das duas deusas na referida tumba.

A própria Imagem 15 possui por si só um importante elemento de identificação dos mortos com Osíris, uma vez que abaixo da efígie do deus, não se encontra gravado seu nome, mas sim o de Osorkon II, faraó da XXII

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

Dinastia, e que pode ter sido representado de forma “Osirificada”, ou seja identificada com Osíris após sua morte.



IMAGEM 15: Hórus, Osíris e Ísis, com o nome do faraó Osorkon II, da XXII Dinastia. Museu do Louvre, Paris, França. Fonte: Internet

Na décima sexta e décima sétima imagens, podemos observar as divindades Ísis e Nephthys ao lado do cartucho de dois faraós. O primeiro deles é de Setnakhet, o primeiro faraó da XX dinastia, filho de Ramsés II, cuja tumba se localiza no Vale dos Reis, KV14 (imagem 16). Na Imagem 17 vemos cena semelhante à descrita para o cartucho de Setnakhet, mas com o nome de Siptah, faraó da XIX dinastia, que tem seu local de descanso final no Vale dos Reis, KV47. A grande importância dessas imagens é o fato delas representarem iconograficamente as afirmações presentes em Kleeper acerca da identificação das deusas Ísis e Nephthys como as mulheres que lamentam sobre o corpo dos mortos, como teriam lamentado sobre o corpo de Osíris morto na narrativa mítica.



IMAGEM 16: Ísis e Nephthys como mulheres que lamentam, flanqueando o cartucho com o nome de Setnakhet. . Vale dos Reis. KV14. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.



IMAGEM 17: Ísis e Nephthys como mulheres que lamentam, flanqueando o cartucho com o nome de Siptah. . Vale dos Reis. KV47. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.

Por fim, através da observação da iconografia tumular de Horemheb, faraó do Novo Império, de trechos dos “Lamentos de Ísis e Nephthys”, e de referências encontradas nos Textos das Pirâmides, datando do Antigo Império, podemos afirmar com certo grau de certeza que os egípcios antigos, ao longo de seus milhares de anos de História, possuíam o costume ritualístico de relacionar os mortos – em especial o faraó, e os membros das classes sociais mais abastadas – com seu deus-regente, Osíris, e que tal identificação interferia profundamente em certos elementos dos ritos funerários desses

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

povos, na medida em que muitas práticas remontam ao mítico funeral do próprio deus, e muito da iconografia tumular faz referências ao mito de Osíris, ou coloca o faraó na posição do próprio deus, como é o caso em que o faraó Osorkon II é apresentado entre Ísis e Hórus, que pousam a mão sobre seus ombros, de forma muito similar à representação osiríaca, com as mãos da esposa-irmã e do filho igualmente sobre os ombros.

Assim sendo, a partir dessa identificação dos mortos com Osíris, podemos estender a interpretação para Ísis e Nephtys, que seriam assim como as mulheres que acompanham e lamentam sobre o sarcófago do morto nos ritos funerários egípcios antigos, compondo um importante elemento dos ritos funerários egípcios, uma vez que, após os ritos iniciais de lamentação da procissão funerária, que correspondem aos lamentos da própria Ísis em seu mito original, dá-se o processo de revitalização e ressurreição dos mortos para o julgamento no Tribunal dos Deuses, e para a vida eterna nos Campos de Iaru. É justamente nesse contexto, que Ísis irá aparecer com maior frequência na iconografia tumular, e onde essa divindade adquire sua maior importância no contexto funerário. É nesse contexto que estudaremos certas representações tumulares do Novo Império da deusa Ísis no capítulo seguinte.

AQUELA QUE PROTEGE E DÁ VIDA AOS MORTOS

Tendo observado detalhadamente as representações de Ísis dentro dos contextos religiosos do processo de “Osirificação” dos mortos, bem como de sua importância nos ritos funerários e de lamentação dos mesmos dentro do contexto dos ritos de enterramento, podemos proceder para o estudo de uma segunda representação funerária de Ísis, também relacionada com o contexto do mito de Ísis e Osíris, bem como de elementos retirados do Livro de Amduat.

Ainda que seja de grande importância no contexto da “Osirificação” dos mortos; da procissão funerária e como divindade que lamenta os mortos e guia seus corpos para o local de descanso final, é como divindade relacionada à proteção dos mortos e como responsável pela ressurreição dos mesmos que Ísis vai encontrar sua principal importância, tanto no contexto funerário como no seu culto. Segundo as palavras de Salima Ikram.

“Esposa e irmã de Osíris, Ísis, e Nephtys, sua outra irmã eram também potentes divindades funerárias. Ambas as deusas cumprem um importante papel na proteção da múmia e em trazê-la em segurança para a ressurreição. Consequentemente, há o uso de suas imagens na cabeça e nos pés dos caixões e sarcófagos. Elas são também frequentemente mostradas lamentando o morto, assim sublinhando a associação do morto com Osíris e o potencial de renascimento. Elas são retratadas como Pássaros Negros, ou como mulheres. A insígnia de Ísis é um trono, enquanto a de Nephtys é um símbolo hieroglífico composto por uma cesta e uma construção, o que traduz seu nome e título, ‘Senhora da Mansão’. Essas insígnias são usadas sobre a cabeça” (Ikram, 2003, Pg. 37).¹⁰

Como vimos no trecho citado, Ísis e Nephtys são retratadas ora como mulheres com suas insígnias, ora como pássaros pretos. Também é importante ressaltar que uma representação muito comum dessas divindades é como mulheres aladas, e é assim que aparecem na maioria da iconografia estudada. Tal representação de Ísis e Nephtys com asas remonta novamente ao mito de

¹⁰ “Osiris’s wife and sister, Isis, and Nephtys, his other sister, were also potent funerary deities. Both goddesses play an important role in protecting the mummy and bringing it safely to resurrection, hence the use of their images at the head and foot of coffins and sarcophagi. They are also frequently shown mourning the deceased, thus underlining the deceased’s association with Osiris and potential of rebirth. They are depicted as Black Kites or as women. Isis’s insignia is a throne, while Nephtys’s is a composite hieroglyphic symbol consisting of a basket and a building, which translates as her name and title, ‘Lady of the Mansion’. These insignia are worn on the head.” (Ikram, 2003)

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

Ísis e Osíris, de acordo com o qual a vida do deus foi devolvida por Ísis através de um sopro de vida dado pelo bater de asas da deusa transformada em pássaro, que sobrevoava sobre o corpo morto de seu irmão e marido. Porém, é importante ressaltar, como veremos adiante, que tal representação alada não foi a regra ao longo do Novo Império, e que parece possuir uma data de aparição bastante específica entre as dinastias XVIII e XIX.

Visando a compreensão e o estudo da representação de Ísis como protetora dos mortos, faremos o estudo da decoração tumular e de sarcófagos de algumas tumbas encontrados no Vale dos Reis, em Tebas, cujas imagens são em boa parte retiradas do site *Theban Mapping Project*.

A iconografia mostrando Ísis – e muitas vezes também sua irmã, Nephtys – com as asas abertas decorando o sarcófago do faraó é bastante recorrente nas práticas funerárias do Vale dos Reis – com especial destaque para o final da XVIII e começo da XIX dinastias, como veremos mais adiante, podendo ser encontradas em diversos sarcófagos e tumbas, de formas e em posições diferentes, mas com o mesmo sentido e significado, que remonta ao mito de Osíris.

Quando falamos de diferentes posicionamentos nos sarcófagos, nos referimos ao fato da representação de Ísis poder aparecer de diferentes maneiras dentro da iconografia mortuária, na decoração tumular e do sarcófago dos mortos. A primeira representação analisada aqui é a que podemos encontrar nas Imagens 18 e 19, ambas referentes ao sarcófago do faraó Ramsés I, fundador da XIX Dinastia, durante o Novo Império. Em seu sarcófago de quartzito vermelho, podemos observar a figura de Ísis, ajoelhada à cabeceira do sarcófago, com os braços e asas abertas, em posição que parece ao mesmo tempo guardar o corpo do morto, e soprar sobre ele a vida perdida, para que ele possa gozar dela no outro mundo. Essa ideia de soprar a vida de novo para o morto vem do fato de que a imagem pode sugerir um bater de asas sobre a cabeça do morto, uma vez que a representação se encontra na cabeceira do sarcófago, e que, para os antigos egípcios, a vida seria dada pelos deuses aos homens através do ar.



IMAGEM 18: Imsety, Anubis, Duamutef, Thot. Ísis alada. Tumba de Ramsés I. KV16. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.

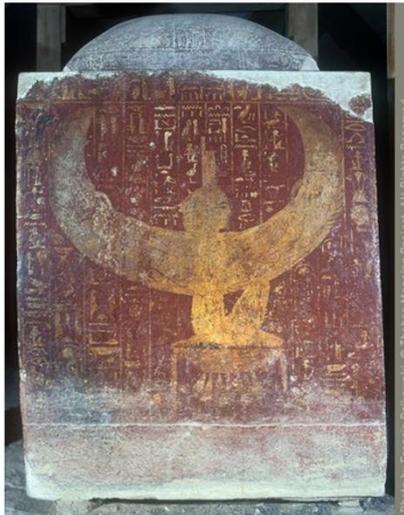


IMAGEM 19: Ísis alada. Tumba de Ramsés I. KV16. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.

Esse tipo de representação de Ísis com as asas abertas também pode ser encontrada em outros sarcófagos do Novo Império, como é o caso do caixão mais interno do faraó Tutankhamen, que reinou durante a XVIII dinastia, e tornou-se famoso por ter sua tumba encontrada intacta por Howard Carter, em 1922.

Olhando cuidadosamente, podemos perceber que a representação iconográfica é praticamente a mesma em ambos os sarcófagos.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES



IMAGEM 20: Ísis alada. Tumba de Tutankhamen. KV62. Tebas, Egito. Fonte: <http://www.touregypt.net/images/tutcoffin13.jpg>

Ainda seguindo o mesmo modelo de representação de Ísis ajoelhada com os braços e asas abertos que observamos acima, a Imagem 21 apresenta uma versão dessa imagem colorida e mais detalhada na decoração da câmara mortuária do faraó Séti I. É evidente que a própria natureza do suporte permitiu essa riqueza maior de detalhes na tumba do segundo faraó da XIX dinastia, acerca do qual – e de sua tumba – falaremos de forma mais detalhada, posto que as representações de Ísis ao lado de citações do livro de Amduat também se repetem em várias tumbas estudadas, e atuam como um elemento a mais na identificação da divindade com as questões relacionadas à proteção e à devolução da vida aos mortos egípcios no outro mundo.

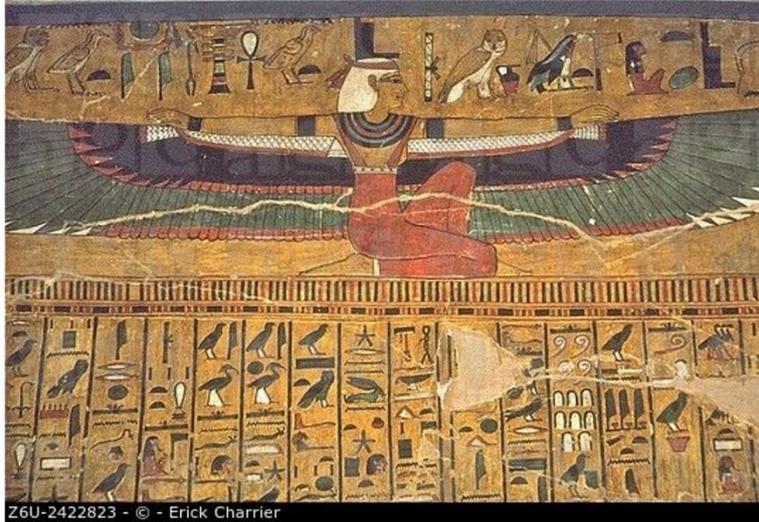


IMAGEM 21: Ísis alada. Amduat, versão abreviada e primeira hora. Tumba de Seti I. Vale dos Reis. KV17. Tebas, Egito. Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/564x/5e/2d/8d/5e2d8d825a54c4159e3fe426f34d5183.jpg>

Um ponto bastante interessante a ser destacado é que podemos identificar seguramente as referidas representações como sendo imagens de Ísis, através de seu atributo característico ou insígnia, de acordo com o termo utilizado por Ikram, um trono, posicionado sobre a sua cabeça, como é possível vermos nas imagens anteriores, mas que reproduzimos abaixo, na imagem 22, com o devido destaque para o referido atributo.



IMAGEM 22: Detalhes do atributo de Ísis, identificando-a nos sarcófagos de Ramsés I, Tutankhamen,, Sêti I e Hatshepsut/Tutmés I.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

Observando a imagem precedente, podemos ver o trono sobre a cabeça da deusa em cinco sarcófagos diferentes. A última das imagens, que mostra a divindade ajoelhada com seus atributos característicos, mas sem as asas e com as mãos abaixadas, é oriunda do sarcófago de Hatshepsut, que foi reinscrito para abrigar os restos mortais de seu pai Thutmés I, ambos da XVIII dinastia. Na Imagem 23 podemos ver mais detalhadamente essa representação.



IMAGEM 23: Ísis ajoelhada sobre o hieróglifo de ouro segurando o disco solar. Sarcófago de Tumés I. Tumba de Tutmés I e Hatshepsut. KV20. Tebas, Egito. Fonte: <http://educators.mfa.org/ancient/sarcophagus-queen-hatshepsut-recut-her-father-thutmose-i-box-49911>

Colocamos a foto desse sarcófago com esse tipo de representação por dois motivos interessantes. O primeiro e mais evidente deles é para mostrar que as representações de Ísis não são únicas e uniformes durante o Novo Império, sobre o qual nos debruçamos mais detalhadamente. O segundo é mostrar um possível recorte original das representações egípcias de Ísis alada durante o Novo Império.

No sarcófago de Hatshepsut/Thutmés I, a imagem da deusa é apresentada com os braços abaixados e sem asas, ajoelhada sobre o hieróglifo que significa ouro e segurando o disco solar em sua mão. Esse mesmo tipo de representação aparece também nos sarcófagos de Amenhotep II, Thutmés III, e no terceiro sarcófago da própria Hatshepsut – terceiro porque o primeiro, esculpido na forma de cartucho real foi reinscrito para o sacerdote Senmut, o

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

segundo, visto acima, foi reinscrito para seu pai Thutmés I, e o terceiro, praticamente idêntico ao segundo, possivelmente foi utilizado por ela mesma – como podemos ver nas Imagens 24, 25 e 26, abaixo.

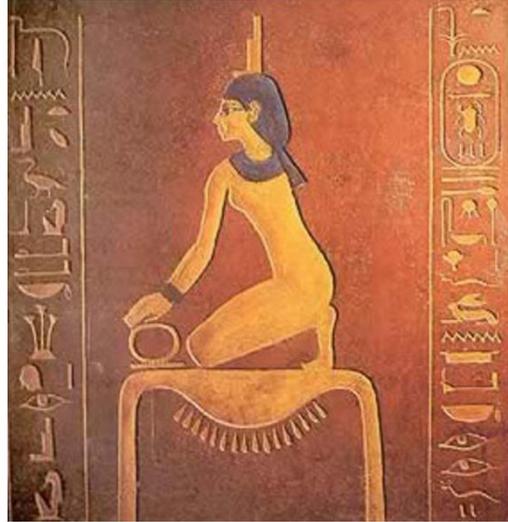


IMAGEM 24: Ísis ajoelhada sobre o hieróglifo de ouro segurando o disco solar. Tumba de Amenhotep II. KV35. Tebas, Egito. Fonte: <http://www.touregypt.net/featurestories/amenophist.htm>

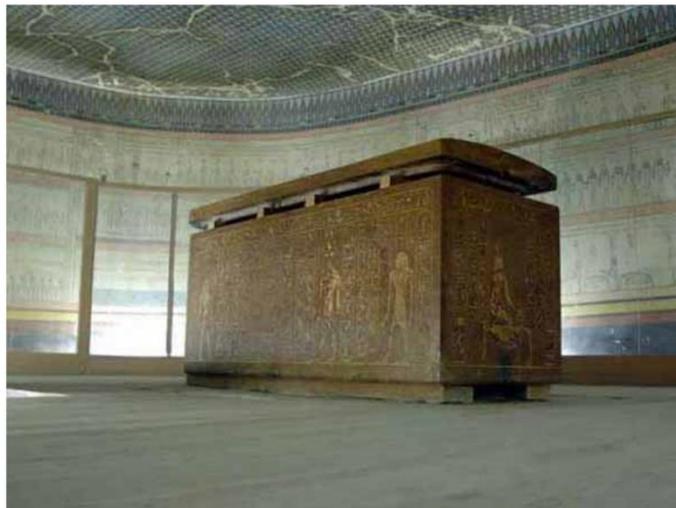


IMAGEM 25: [Cabeça do sarcófago. Lado direito da foto] Ísis ajoelhada sobre o hieróglifo de ouro, segurando o disco solar. Tumba de Tutmosé III. KV34. Tebas, Egito. Fonte: http://www.crystalinks.com/Thutmose_III.html

Destacamos esse tipo de representação por um motivo bastante específico. Se olharmos com cuidado os sarcófagos apresentados, veremos dois padrões de representações de Ísis. O da deusa com asas, e o da mesma

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

sem asas. O mais interessante desses dois padrões observados entre as dinastias XVIII e XIX é que parece haver um fator que separa os padrões. Esse fator se chama Akhenaton.



IMAGEM 26: [Cabeça do sarcófago. Lado direito da foto] Ísis ajoelhada sobre o hieróglifo de ouro segurando o disco solar. Sarcófago de Hatshepsut. Tumba de Tutmés I e Hatshepsut. KV20. Tebas, Egito. Fonte: http://egyptopia.com/Third+Sarcophagus+of+Hatshepsut+The+Egyptian+Museum_30_382_152_en.html

O faraó Akhenaton, da XVIII dinastia promoveu – ou mais corretamente, tentou promover – uma intensa reforma religiosa, que renegaria os deuses tradicionais em favor da promoção da divindade única Aton, o Disco Solar. Sua reforma religiosa não sobreviveu ao faraó, e nem foi aplicada de forma extensiva em todo o Egito, tendo se concentrado na cidade-capital de Amarna.

As representações de Ísis na iconografia tumular aparentam ser diferentes antes e depois do governo de Akhenaton. Se observarmos novamente os sarcófagos, veremos que as representações de Ísis nos sarcófagos de faraós que reinaram antes de Akhenaton durante a XVIII dinastia – Thutmés I, Amenhotep II, Thutmés III, e Hatshepsut – apresentam a deusa sem asas, com os braços abaixados, segurando o disco solar, como pudemos observar na Imagem 27. Há também o caso do sarcófago do faraó Thutmés IV, que traz uma representação diferente da deusa, em pé, com os braços abertos, porém ainda sem asas. Vemos tal sarcófago na Imagem 28.

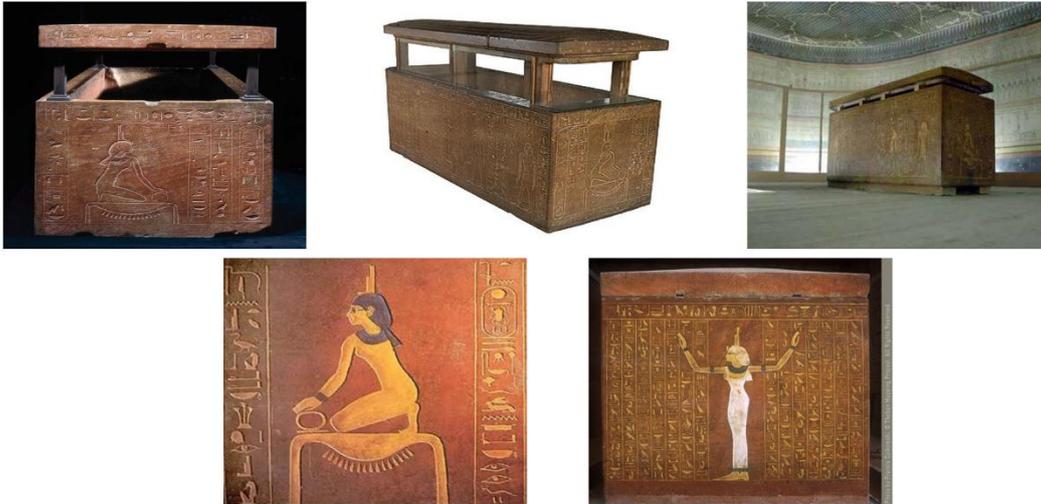


IMAGEM 27: Representações de Ísis em sarcófagos pertencentes a faraós que governaram antes de Akhenaton. Respectivamente Tutmés I, Hatshepsout, Tutmés III, Amenhotep II, e Tutmés IV.

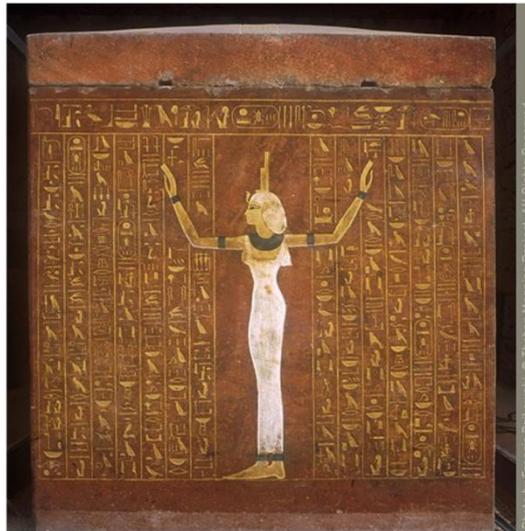


IMAGEM 28: Ísis em pé, de braços abertos. Sarcófago de Tutmés IV. KV 43. Tebas. Egito. Fonte: Theban Mapping Project

A Imagem 29, por sua vez, nos mostra sarcófagos e decoração parietal de faraós que viveram e governaram após o reinado de Akhenaton nas XVIII e XIX dinastias – Tutankhamen, Ay, Horemheb, Ramsés I, e Sêti I, apresentam Ísis com os braços erguidos, com asas. Em alguns casos, como nos de Ay e Horemheb a deusa aparece não apenas com os braços e asas abertas, como também abraçando o sarcófago, como se protegesse o *khat* – ou corpo do faraó falecido, como podemos observar mais detalhadamente nas Imagens 30 e 31.

A Imagem 32 mostra uma representação interessante – no sarcófago de Ramsés III – que pode servir como evidência para a nossa teoria de que as representações de Ísis sofreram mudanças depois do reinado de Akhenaton. A

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

representação de Ísis, nesse sarcófago específico, traz a deusa ajoelhada e de braços abaixados, exatamente como nas representações anteriores ao reinado de Akhenaton, porém ela é representada alada.

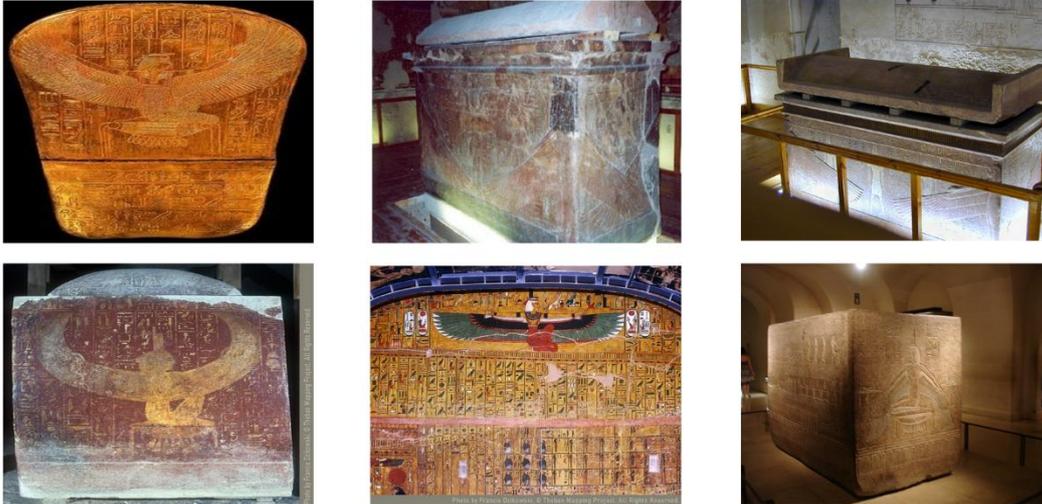


IMAGEM 29: Representações de Ísis em sarcófagos pertencentes a faraós que governaram após Akhenaton. Respetivamente Tutankhamen, Ay, Horemheb, Ramsés I, Sési I, e Ramsés III.



IMAGEM 30: Asas de Serqet, Ísis e Nephthys. Tumba de Ay. Vale dos Reis. KV23. Tebas, Egito. Fonte: <http://euler.shu.edu/~bart/egyptianhtml/kings%20and%20Queens/aye-sarcophagus.jpg>.

É essa mudança de padrão na representação da deusa Ísis, após o governo de Akhenaton, que nos chamou atenção. Como observamos, antes do governo do referido faraó, as imagens da deusa apareciam sem asas em sua maioria ao longo da XVIII dinastia, enquanto que, depois do governo de Akhenaton, as representações de Ísis aparecem em geral com asas, ao longo

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

da XVIII e XIX dinastias, pelo menos até o reinado de Ramsés III – este já da XX Dinastia - onde encontramos as devidas representações.



IMAGEM 31: Asas de Serqet, Nephthys e asas de Ísis. Tumba de Horemheb. Vale dos Reis. KV57. Tebas, Egito. Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f6/La_tombe_de_Horemheb_\(KV.57\)__\(Vall%C3%A9_des_Rois_Th%C3%A8bes_ouest\)_-7.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f6/La_tombe_de_Horemheb_(KV.57)__(Vall%C3%A9_des_Rois_Th%C3%A8bes_ouest)_-7.jpg)



IMAGEM 32: Ísis alada sobre o hieróglifo para ouro. Tumba de Ramsés III. Vale dos Reis. KV11. Tebas, Egito. Fonte: <http://nearchaology.blogspot.com.br/2012/09/sarcophagus-of-ramesses-iii.html>

O motivo específico pelo qual as representações de Ísis sofreram tal mudança ao longo da XVIII e XIX dinastias, e se de fato, como observamos no presente trabalho, tal mudança está relacionada, ou mesmo motivada, pelo reinado de Akhenaton, ainda é necessário um estudo mais aprofundado, que não cabe no presente trabalho.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

O que podemos afirmar é que a divindade aparece de forma recorrente na maioria dos túmulos da XVIII e XIX dinastias, especialmente nos finais da primeira e início da última, e sobretudo nos sarcófagos, com a notável exceção de Séti I, em que a representação alada da deusa aparece sobre trechos do livro do Amduat, outro fenômeno funerário da XVIII e XIX dinastias, acerca do qual também falaremos mais adiante – em capítulo separado – de forma mais detalhada e em relação à iconografia isíaca.

Também podemos afirmar com certo grau de certeza que as representações da deusa estão bastante relacionados à ideia de proteção dos mortos, pelo seu posicionamento no próprio sarcófago, e quase sempre ao lado oposto das representações de Nephtys, que também seguem os mesmos padrões de representação de Ísis apresentados acima acerca da existência ou não de asas.

Tendo feito tal análise acerca das formas de representação isíacas, e do reinado de Akhenaton, que parece ser o fator determinante nas mudanças referentes a essas representações, podemos retornar à primeira imagem apresentada, que mostra o sarcófago de Ramsés I, visando observações e interpretações que pertenceriam mais ao campo do simbólico-religioso.

Antes de prosseguir com a análise simbólico-religiosa dos sarcófagos, bem como das relações de Ísis com diferentes divindades presentes no contexto funerário, consideramos de grande importância deixar claro o fato de que a escolha pelo sarcófago de Horemheb, para grande parte das análises realizadas a partir desse momento, é deliberada e se justifica pelo fato do sarcófago apresentar diversos elementos dos mais tradicionais e importantes da religião funerária egípcia, como representações da própria Ísis e de outras divindades importantes para o contexto funerário tais como Nephtys, Anúbis, Neith, Serqet, e os Quatro Filhos de Hórus. A própria decoração da câmara funerária e da tumba do faraó também apresentam trechos retirados do Amduat, tornando a tumba e sarcófago de Horemheb uma fonte de extrema importância para o estudo de muitos aspectos das crenças funerárias dos egípcios do Novo Império; embora, evidentemente, não seja única nem exclusiva, mas apenas uma fonte que consideramos bastante rica nas informações que pode nos oferecer.

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

Na imagem 18, além da figura de Ísis, colocada em destaque pelo fotógrafo, podemos observar na lateral do sarcófago as figuras dos deuses Imsety, Anubis, Duamutef e Thot.

Imsety e Duamutef, ao lado de Qebehenuief e Hapy, são “Os Quatro Filhos de Hórus”, os deuses protetores dos vasos canopos, que guardam partes específicas e pré-determinadas do corpo dos mortos, afim de que sejam conservadas pela eternidade. Esses quatro deuses recebem proteção das deusas aladas Ísis, Nephtys, Serqet, e Neith. Não nos aprofundaremos, neste momento, nas atribuições e representações de cada uma dessas divindades de contexto funerário, pois iremos trabalhar com maiores detalhes acerca dessas figuras mais adiante, ao estudarmos mais pausadamente o sarcófago de Horemheb, quando também falaremos a respeito da figura de Anúbis.

Sobre Thot, deus egípcio com cabeça de íbis, cultuado sobretudo por ser o deus da escrita, da magia, e da sabedoria, bem como suposto inventor da escrita sagrada dos hieróglifos, cabem algumas palavras, neste momento, posto que assume certos aspectos específicos em determinados contextos.

No contexto funerário, quando aparece representado é na qualidade não de patrono dos escribas, mas como divindade relacionada à magia, e ao mito de Osíris, posto que foi ele um dos deuses que auxiliaram Ísis em sua busca pelas partes de seu marido morto, bem como na defesa da legitimidade de Hórus como filho de Osíris perante os deuses. A identificação com a magia vai reforçar a ligação de Thot com a deusa Ísis, uma vez que esta é uma das atribuições da deusa. Na qualidade de deus da magia, Thot representa importante papel no contexto fúnebre, pois sua relação com Ísis pode servir como indicador, até certa medida seguro, de sua função mística em auxiliar na ressurreição dos mortos no pós-vida.

Dentro dessas referidas funções místicas relacionadas ao processo de embalsamento e ressurreição dos mortos, um importante elemento são os vasos canopos, onde eram guardados certos órgãos retirados do corpo dos mortos durante o processo de mumificação, conforme visto acima. Esses vasos canopos representavam um importante papel no aparato funerário, por conterem parte do corpo – ou *khat* – que o morto precisaria no pós-vida. Assim

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

sendo, sua guarda também era ligada à Ísis, assim como às demais divindades aladas que com ela ofereciam proteção aos túmulos.

Sobre a relação entre as deusas aladas e os vasos que guardam o corpo dos mortos, podemos obter maiores informações nas palavras de Ikram.

“Juntas, as quatro deusas [Ísis, Nephtys, Serqet e Neith] protegiam o caixão e o baú canopo, que continha as vísceras embalsamadas do morto. Cada um dos quatro órgãos internos é também ligado a um semi-deus diferente, cada um deles responsável por um órgão separado. Esses deuses eram conhecidos coletivamente como os ‘Quatro Filhos de Horus’. Originalmente todos eram representados com cabeça humana. Porém, do Médio para o Novo Império as divindades foram personalizadas. Imsety é representado como um homem, e é responsável por proteger o fígado; ele é associado com Ísis. Hapy tinha a cabeça de um babuíno, e estava a cargo dos pulmões; ele é associado com Nephtys. Duamutef tinha cabeça de cachorro, e protegia o estômago; ele era associado a Neith. Qebehenuief tinha cabeça de falcão, e cuidava dos intestinos; ele era associado com Serqet. Esses semideuses protetores apareciam nos vasos canopos, caixões, sarcófagos, e outros equipamentos funerários” (Ikram, 2003. Pg. 37).¹¹

Ainda que a iconografia da deusa Ísis representada ajoelhada com os braços e asas abertas seja encontrada com certa frequência, é no sarcófago de Horemheb, analisado abaixo, que encontramos uma das mais comuns representações tumulares dessa deusa ao longo do Novo Império, sobretudo após o reinado de Akhenaton, em que ela aparece com as asas abertas. No caso específico desse sarcófago – como no de Ay – a deusa aparenta estar abraçando o sarcófago pela lateral, com as asas se “dobrando” na cabeça ou nos pés do morto, com a própria deusa posicionada no vértice, entre a lateral e as extremidades do sarcófago, em atitude de proteção, conforme visto nos capítulos anteriores, com representações de Ísis e Nephtys protegendo o corpo de Osíris, retiradas do templo dedicado à deusa em Philae, Aswan. Também

¹¹ *“Together, the four goddesses [Ísis, Nephtys, Serqet, e Neith] protect the coffin and the canopic chest, which contained the embalmed viscera of the deceased. Each of the four internal organs is also linked to a different demi-god, each one responsible for a separate organ. These gods are known collectively as the ‘Four Sons of Horus’. Originally all were shown with human heads. However, from the Middle to the New Kingdom the divinities are personalized. Imsety is shown as a man and was responsible for protecting the liver; he was associated with Isis. Hapy had the head of a baboon and was in charge of the lungs; he was associated with Nephtys. Duamutef was a canid headed and protected the stomach; he was associated with Neith. Qebehenuief was hawk headed and cared for the intestines; he was associated with Serqet. These protective demi-gods appear on canopic jars, on coffins, sarcophagi and other funerary equipment.”: (Ikram, 2003)*

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

no sarcófago de Horemheb encontramos a presença de outras importantes divindades relacionados ao contexto funerário, o que torna o mesmo tão importante para o presente estudo. Além da imagem 33, reproduzida abaixo, as imagens 35 e 36 também reproduzem o mesmo sarcófago, fotografados com uma vista diagonal, que coloca a figura de Ísis em destaque.



IMAGEM 33: Asas de Ísis e Nephthys. Tumba de Horemheb. Vale dos Reis. KV57. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.

Podemos ver, nessa primeira imagem, as asas cruzadas das deusas Ísis e Nephthys sobre o sarcófago de Horemheb, como se as deusas estivessem abraçando o sarcófago do faraó, ou abrindo suas asas para que pudesse soprar sobre o morto o vento da vida, fazendo com que o faraó ressurgisse no pós-vida, exatamente como encontramos no mito de Ísis e Osíris, nas representações encontradas no templo de Philae, conforme apresentamos na Imagem 34.

Como sabemos, as questões funerárias como um todo representavam importante parte da crença religiosa egípcia, não sendo uma parte pequena de seus aspectos culturais e/ou religiosos. Assim sendo, é natural que encontremos uma grande variedade de divindade relacionadas ao contexto fúnebre, bem como podem ser vistos deuses, que originalmente não estavam relacionados aos ritos de enterramento, assumirem funções específicas quando se trata de assuntos funerários. É o caso do deus Thot, como vimos

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

acima, que possui certos atributos no culto cotidiano, mas que assume outros aspectos quando apresentado no contexto funerário.



IMAGEM 34: Ísis e Nephthys de asas abertas protegendo o corpo do faraó Horemheb – à esquerda . KV 57, Tebas. – com a mesma postura que velam e protegem o corpo de Osiris – à direita. Templo de Philae, Aswan.

Seria grande imprudência de nossa parte afirmar que daríamos conta, no presente trabalho, de estabelecer uma lista com as principais divindades funerárias egípcias, e trabalhar com seus aspectos mais profundos. Não é esse o nosso objetivo, e não é o que nos propomos a fazer. Porém, ao estudar as representações e funções de Ísis no contexto funerário, não podemos simplesmente ignorar a presença de outras divindades que, com frequência, aparecem a ela relacionadas nesse contexto específico – dentre as quais se destaca a sua divindade irmã Nephthys, por estar presente com Ísis em absolutamente todos os sarcófagos estudados no presente trabalho, ainda que não tenham sido colocadas imagens com as suas representações em cada um deles. Também nos parece justo apresentar aspectos de divindades que aparecem nos sarcófagos e decorações tumulares junto à Ísis, posto que muitas vezes são de alguma forma relacionada à deusa, como o caso de Imsety, que segundo Ikram receberia proteção direta da deusa ao guardar o vaso canopo responsável pelo fígado do morto. Também é um exemplo interessante o caso menos evidente de Anúbis, cuja geração por Nephthys só foi possível através de um subterfúgio utilizado por Ísis, para que a primeira

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

pudesse gerar um filho de Osíris, uma vez que seu próprio marido, Seth era estéril como o deserto (Gama, 2015. Comunicação Oral).

Tendo esclarecido este ponto específico, retornemos à decoração do sarcófago de Horemheb – que é muito semelhante ao sarcófago de Ay em suas representações religiosas – para observarmos os demais elementos que compõe a iconografia do mesmo, e que certamente possui um caráter religioso que muito nos pode dizer a respeito das crenças funerárias do período estudado e como Ísis se encaixa nessas crenças em especial.



IMAGEM 35: Isis e Hapy. Vale dos Reis. Tumba de Horemheb. KV57. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.



IMAGEM 36: Isis e Hapy. Vale dos Reis. Tumba de Horemheb. KV57. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

No caso específico de Horemheb – embora esse padrão se repita em outros sarcófagos de forma semelhante – outras divindades também aparecem representadas junto com Ísis e Nephtys, ainda que não apareçam com o mesmo grau de importância, posto que são reproduzidas em menor tamanho e sempre posicionados ou fora do toque das asas de Ísis e das demais divindades aladas, ou posicionados atrás das asas das deusas, o que pode indicar a maior importância delas no contexto da iconografia do sarcófago, ou seja no contexto funerário, o que poderia agir como argumento para atestar a importância de Ísis no culto egípcio aos mortos. Nos debruçaremos agora um pouco sobre as demais divindades que são representadas no sarcófago de Horemheb além da própria Ísis.



IMAGEM 37: Vaso Canopo com a representação de Hapy. XXVI Dinastia. Museu Übersee. Fonte: Internet

Nas imagens 35 e 36, acima apresentadas, do sarcófago de Horemheb, encontramos, junto com Ísis, representado em tonalidade dourada atrás de suas asas abertas, o deus egípcio Hapy, que segundo a crença religiosa do Antigo Egito, possuía a cabeça de um babuíno, e tinha como sua principal responsabilidade guardar o trono de Osíris no outro mundo. Acreditava-se que Hapy era um dos quatro filhos de Hórus. Também nos chamados vasos canopos que guardavam os pulmões dos mortos, a tampa possuía a efígie deste importante deus funerário, conforme observamos na Imagem 37. É muito importante que seja confundido a divindade funerária Hapy com outro deus de mesmo nome, que era adorado como o deus do rio Nilo, e responsável pelas suas cheias anuais.

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

As possíveis relações entre Ísis e Hapy são apresentadas no próprio sarcófago, se observarmos cuidadosamente seu posicionamento no mesmo. O primeiro ponto se refere ao próprio nascimento da divindade, que é universalmente reconhecido como um dos quatro filhos de Hórus. A relação entre Hapy e Ísis, em primeiro grau, pode ser estabelecido pelo fato de que certos estudiosos identificarem a própria Ísis como mãe de Hapy, conforme encontramos nos Textos dos Caixões, e na Fórmula 112 do Livro dos Mortos.

Outro fator importante se concentra no fato de que, de acordo com Ikram, conforme vimos acima, Hapy era uma divindade associada à Nephtys, e não a Ísis. Porém, no sarcófago, ele aparece sob as asas de Ísis, e não de sua irmã. Tal fato pode nos dar uma interpretação dupla, uma mais profunda, em que seria algum tipo de indício confirmatório da afirmação de que Ísis seria mãe de Hapy. A segunda interpretação, mais conservadora, não ousaria tomar o posicionamento de Hapy como indicativo de sua maternidade, mas que indicaria de qualquer forma uma possível relação entre as duas divindades, mesmo que essa relação seja apenas de ambas as divindades possuírem grande importância dentro do contexto funerário egípcio. Além das asas de Nephtys, da própria Ísis, e de Hapy, na imagem 38, reproduzida abaixo, podemos observar também as representações das divindades funerárias Anúbis, Qebehsenuf, e Neith.



IMAGEM 38: Asas de Nephtys, Ísis, Hapy, Anubis, Qebehsenuf, e Neit. Tumba de Horemheb. Vale dos Reis. KV57. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

Nephtys, irmã de Ísis, é de fundamental importância no mito de Ísis e Osíris, e se manifesta – assim como a irmã – como deusa protetora das múmias, e representa a experiência da morte, bem como Ísis representa a experiência do nascimento e renascimento, fazendo com que as duas deusas irmãs se complementem de forma perfeita de acordo com essa cosmogonia.



IMAGEM 39: Anúbis em forma humana sentado, carregando os símbolos do poder e da vida. Templo de Hatshepsut em Deir-El-Bahari. Tebas. Egito. Fonte: http://m9.i.phase.com/o4/15/700115/1/122652929.Tc36MHbZ.IMG_3092.jpg

Anúbis, o deus que aparece na sequência, é um dos mais conhecidos deuses egípcios até os dias de hoje, e é representado com a cabeça de chacal, sendo o responsável pelos ritos funerários em geral, pelo enterro do faraó e pela mumificação, de forma mais específica. É também retratado como sendo aquele que guia os mortos de seus túmulos no mundo dos vivos para o tribunal dos deuses, no pós-vida, o que faz de Anúbis uma das divindades mais importantes e presentes nos túmulos, tumbas, sarcófagos e templos memoriais egípcios – tal como vemos nas Imagens 39 e 40, do templo memorial de Hatshepsut em Deir El-Bahari onde aparece representado na sua forma humana com cabeça de chacal, e no Ramesseum, templo memorial de Ramsés II, onde é representado como chacal em sua forma zoomórfica. Ambos os templos localizados em Tebas.



IMAGEM 40: Anúbis em forma de chacal. Faraó Ramsés II entre suas patas dianteiras. Templo Memorial de Ramsés II – Ramesseum. Tebas. Egito. Fonte: http://m9.i.pbase.com/o4/15/700115/1/122652929.Tc36MHbZ.IMG_3092.jpg

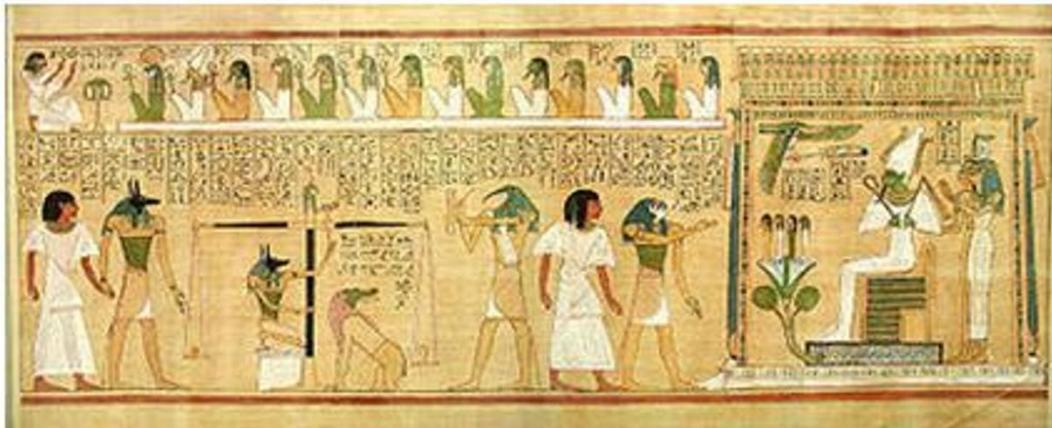


IMAGEM 41: Anubis guiando Henuttawy. Anubis pesando o coração de Hennuttawy contra a pena de Maat sob a observação de Ammit. Hórus guiando Hennuttawy para diante da capela de Osiris, com os Quatro Filhos de Hórus diante de si, e Isis e Nephthys com as mãos levantadas atrás de Osiris. Metropolitan Museum of Art. New York. U.S.A. Fonte: <https://vico.wikispaces.com/file/view/2.jpg/61757346/2.jpg>

Também aparece no chamado Livro dos Mortos, como aquele responsável por fazer o julgamento do coração no tribunal de Osíris onde, de acordo com a crença egípcia, o coração dos mortos seria pesado contra a pena da deusa Maat, que representa a justiça. Se o coração do morto apresentasse o mesmo peso da pena da justiça, isso significaria que o morto era justo e vivera de acordo com os princípios egípcios de justiça, sendo assim aceito para entrar no mundo dos mortos, os Campos de Iaru, uma espécie de Paraíso egípcio. No caso do peso do coração apresentar-se desequilibrado em relação à pena, isso indicaria que o morto não havia vivido de acordo com os princípios da ordem e da justiça, e por isso sua alma seria condenada à destruição, sendo devorada por uma besta mítica chamada Amenet (ou Ammit), que possuía corpo de leão e hipopótamo, juba de leão, e cabeça de crocodilo. A

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

imagem 41 apresenta o episódio da pesagem do coração, encontrado na tumba de Henuttawy, uma das filhas de Ramsés II. A representação mostra o capítulo 125 do Livro dos mortos, que discutiremos mais adiante.

As primeiras referências a Anúbis aparecem já nos Textos das Pirâmides, sendo o deus-chacal a mais importante divindade funerária até o advento do Médio Império, quando o culto de Osíris superou ao seu. Sua identificação com os rituais de mumificação estão intimamente relacionados com o mito de Ísis e Osíris, uma vez que, de acordo com o mito vista acima, foi o deus chacal o responsável pela mumificação do deus morto. É importante ressaltar que os registros indicam que os sacerdotes de Anúbis, durante os rituais de mumificação, utilizavam adornos de cabeça no formato de cabeças de chacais, em referência ao mito, e fortalecendo a identificação dos mortos com o próprio Osíris (Ikram, 2003, Pg. 36). Vimos acima a representação de Anúbis mumificando Osíris, com a figura de Ísis lamentando o marido enquanto o mesmo recebia os tratamentos funerários apropriados. Reproduzimos agora, na imagem 42, a decoração do túmulo de Amennakht, escriba real durante o reinado de Ramsés III, em que encontramos a representação do deus da mumificação embalsamando o morto, identificando-o com Osíris, mesmo não sendo um faraó. A imagem 43 apresenta as duas imagens para uma comparação mais precisa.

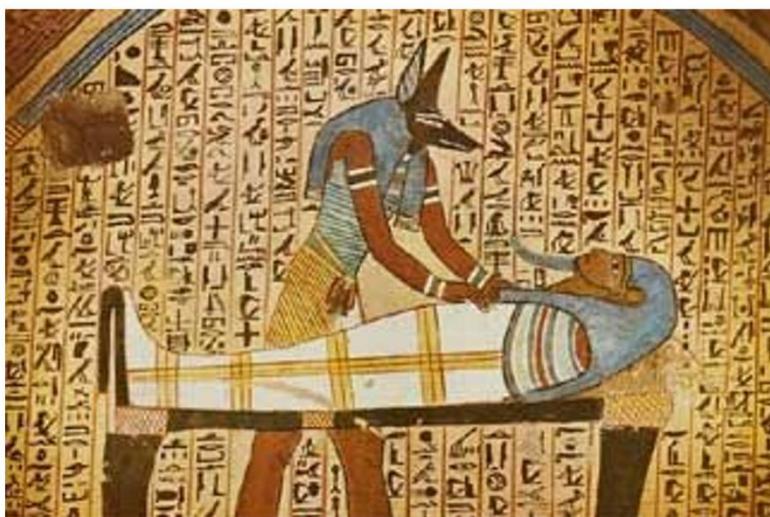


IMAGEM 42: Anúbis mumificando Amennakht. Tumba de Amennakht. Tebas, Egito. Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/564x/24/78/f4/2478f42963be95fed12103716ab2d923.jpg>

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

Um detalhe importante acerca da iconografia de Anúbis, na tumba de Horemheb, é que a importância dessa divindade pode ser percebida através de dois elementos na decoração do sarcófago. O primeiro deles é o fato de Anúbis ser a única divindade que aparece em ambas as laterais do sarcófago.

O segundo desses elementos é que Anúbis não aparece atrás das asas das divindades aladas que guardam os cantos do sarcófago. Essa aparente “independência” de Anúbis em relação à tutela/proteção das deusas aladas poderia ser compreendida como uma herança dos primeiros períodos da religião egípcia, em que o culto de Anúbis era o mais importante dos contextos funerários, sobrepondo inclusive o do próprio Osíris. Por outro lado, essa mesma “independência” pode ser interpretada através de uma simbologia mais mística, em que Anúbis, na qualidade de guia dos mortos, teria o trânsito livre entre o mundo dos vivos e o pós-vida, não estando, assim, submetido às mesmas regras e leis que regem a vida do morto quando parte para o outro mundo.

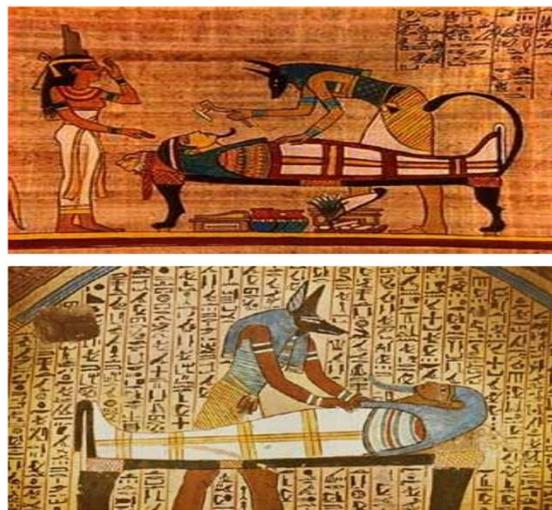


IMAGEM 43: Comparação entre as representações de Anubis mumificando Osiris – acima – e de Amennakht – abaixo.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

Ao lado de Anúbis, na quadragésima quarta imagem apresentada neste trabalho, está outro filho de Hórus, Qebehenuief, que é representado como possuindo cabeça de falcão, semelhante a de seu pai, e representado como o deus guardião do Oeste. É importante ressaltar aqui que, de acordo com a crença dos antigos egípcios, o Oeste era relacionado com a morte, por ser a direção na qual se punha o sol, onde – para utilizar termos egípcios – a barca celestial de Rá mergulhava no Horizonte. Qebehenuief também é representado nos vasos canopos, tendo sua efígie representada no vaso que deveria guardar os intestinos, conforme podemos ver na imagem 44.



IMAGEM 44: Vaso Canopo com a representação de Qebehenuief. Fonte: Internet

A última divindade representada na imagem 38, Neith, bem como a primeira divindade representada na imagem 48, Serqet, são frequentemente representadas como divindades aladas que – ao lados de Ísis e Nephtys – guardam os quatro cantos do sarcófago, assumindo, no contexto funerário, funções diferentes das que possuem em outros contextos religiosos. De acordo com as palavras de Ikram.

."Duas outras deusas, Neith e Serqet, regularmente se unem com Ísis e Nephtys em seus papéis protetores. Neith é também conhecida como criadora e uma deusa da guerra, cuja insígnia consiste em um escudo perfurado por duas flechas. Serqet é identificada como uma mulher com um escorpião erguido na sua cabeça, e seu nome parece ser uma abreviação de uma frase que é traduzida como 'aquela que faz a garganta respirar'. Presumivelmente esse título reflete seu poder sobre a picada do escorpião, mas é também relevante para o renascimento

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

como se ela pudesse fazer a múmia respirar novamente. Nos Textos das Pirâmides, ela é associada ao processo de embalsamento.” (Ikram, 2003. Pg. 37).¹²

Esse trecho extraído da obra de Ikram traz uma informação importante acerca da deusa Serqet. A autora identifica seu nome como sendo uma possível abreviação de uma frase cujo significado seria “aquela que faz a garganta respirar”, fazendo com que a deusa assuma relevância nos ritos de ressurreição, sendo ela responsável por fazer a múmia voltar a respirar, o que poderia significar, em última análise, que seria essa deusa a responsável por devolver a vida à múmia no outro mundo. Esse elemento é muito interessante ao cruzarmos as informações de Ikram com as que encontramos nas palavras de Budge, segundo o qual, essa divindade é identificada com a própria Ísis, sendo uma manifestação da própria deusa.



IMAGEM 45: Representação de Serqet com dorso de mulher e disco solar e cliques. Museu do Louvre. Paris. França. Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/2e/10/20/2e10209ecd8fb7274ce097bdf0987f1f.jpg>

¹² “Two other goddesses, Neith and Serqet, regularly join Isis and Nephtys in their protective roles. Neith was also known as a creator and a war goddess, whose insignia consists of a shield pierced by two arrows. Serqet is identified as a woman [Imagem 45] with a rearing scorpion on her head, and her name appears to be an abbreviation of a phrase that is translated as ‘the one who caused the throat to breathe’. Presumably this title reflects her power over the sting of a scorpion, but it is also relevant to rebirth as she could cause the mummy to breathe again. In the Pyramid Texts, she is associated with the embalming process (Ikram, 2003)

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

“Serq ou Selk é uma forma da deusa Ísis. Ela é usualmente representada na forma de uma mulher com um escorpião sobre sua cabeça; ocasionalmente ela aparece como um escorpião com cabeça de mulher rodeada pelo disco e chifres” (Budge, 2014. Pg. cxii)¹³

Essa afirmação categórica de Budge identificando Serqet com Ísis nos presta um serviço importante se cruzarmos essa informação com a de Ikram quando esta alega que é possível ser Serqet a responsável por devolver o ar aos mortos. Tal cruzamento de informações pode nos servir como um elemento a mais no sentido de demonstrar que Ísis apresenta a dupla função de proteger e devolver a vida aos mortos, manifestando-se em mais de uma forma se necessário para realizar tal responsabilidade, sempre dividida com sua irmã Nephtys. Essa dupla função apresentada na iconografia tumular nos remonta quase que automaticamente ao mito de Ísis e Osíris, em que ela e a irmã foram as responsáveis por guardar e proteger o corpo de Osíris e de devolver a vida a ele com seus poderes mágicos.



IMAGEM 46: Háthor saindo de necrópole alimentando com leite indivíduo ajoelhado. Templo Memorial de Hatshepsut. Deir El Bahari. Tebas. Egito. Fonte: https://www.brown.edu/Departments/Joukowsky_Institute/courses/templesandtomb/files/8057729.jpg

Os chifres, aos quais o autor se refere, ainda que tal atributo seja encontrado em todas as divindades femininas, e identificado mesmo no mito de Ísis e Osíris como um atributo que Thot coloca sobre a cabeça de Ísis, é

¹³ *“Serq or Selk is a form of the goddess Isis. She is usually depicted in the form of a woman, with a scorpion upon her head; occasionally she appears as a scorpion with a woman’s head surmounted by disk and horns.”. (Budge, 2014)*

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

primeiramente relacionado à Hathor, deusa com cabeça de vaca, muito relacionada aos contexto funerários, e que apresentamos na Imagem 46.



IMAGEM 47: Representação de Nefertari recebendo o sopro de vida através de um ankh por Ísis. Tumba de Nefertari. QV66. Vale das Rainhas. Tebas. Egito. Destaque nosso para os hieróglifos destacando o nome de Ísis, identificando a deusa. Fonte: Internet



IMAGEM 48: Asas de Serquet, Duamutef, Anubis, Imsety, Nephthys. Asas de Ísis. Tumba de Horemheb. Vale dos Reis. KV57. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.

A Imagem 47, por sua vez, nos chama mais atenção pelo fato de que Ísis está dando – ou devolvendo – a vida à Nefertari através do nariz, ou seja, através de um sopro de vida, o que pode servir como elemento importante no sentido de demonstrar nossa teoria de que as representações das asas de Ísis dão a elas a função de – como no próprio mito de Ísis e Osíris original – de devolver a vida aos mortos com o seu bater de asas, ou seja através do ar,

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

como um sopro de vida, de acordo com o que podemos observar na tumba de Nefertari.

Tendo feito essas observações, podemos voltar ao sarcófago de Horemheb, onde encontramos mais informações acerca das crenças funerárias egípcias do Novo Império, sobretudo do final da XVIII e início da XIX dinastias.



IMAGEM 49: Vaso Canopo com a representação de Duamutef. XXI-XXV Dinastia. Fonte: Internet



IMAGEM 50: Vaso Canopo com a representação de Imsety. XXVI Dinastia. Museu do Brooklin. New York. EUA. Fonte: Internet

Na imagem 48, vemos, ao lado de das asas de Serqet, Duamutef, seguido de Anúbis e Imsety. Depois temos a figura de Nephtys no canto do sarcófago, e a imagem da asa de Ísis, que se encontra no canto posterior direito do sarcófago. Duamutef e Imsety são os outros dois filhos de Hórus, e são responsáveis pelos vasos canopos que contém, respectivamente o

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

estômago, e o fígado do morto. Exemplos de vasos canopos das duas divindades encontram-se reproduzidas abaixo, nas imagens 49 e 50.

Duamutef é representado como uma divindade com cabeça de chacal, e é responsável pelo estômago, e é protegido pela divindade Neith. Imsety é representado sempre na forma humana, não sendo associado a nenhum animal. É considerado uma divindade protegida pessoalmente por Ísis. (Wilkinson, 2003. Pg. 88). Outro fato interessante é que, em certos contextos, Serqet aparece como uma manifestação de Ísis, e Imsety sendo, segundo Wilkinson, uma divindade protegida pessoalmente por Ísis. Assim, podemos nos perguntar se tal deidade não seria igualmente filha de Ísis, como é o caso de Hapy, observado bem mais acima.

É interessante notar que a relação com a magia também é um atributo creditado a Ísis em alguns contextos religiosos egípcios, inclusive no próprio contexto funerário e no mito de Osíris, uma vez que é através de conhecimentos mágicos que a deusa pôde rastrear o corpo do marido até Biblos; foi através de magia que pretendia tornar o filho da rainha de Biblos imortal; foi com magia que ela recriou o falo perdido de seu marido; bem como foi através de encantamentos que a deusa pôde se transformar em pássaro e restaurar a vida a seu marido divino.

Essa identificação da deusa Ísis com a magia também aparece representada na iconografia tumular através de fórmulas mágicas escritas em sarcófagos e paredes das tumbas, frequentemente posicionadas próximas às representações de Ísis, e com ela identificadas. Alguns desses encantamentos visam guiar o morto para o pós-vida em segurança, e aparecem escritos dentro de cartuchos sob as asas de Ísis, como é o caso dos encantamentos presentes na tumba de Seti I, um dos mais importantes faraós da XIX dinastia, pai de Ramsés II, e dono da tumba KV17.

Ao observarmos as imagens abaixo, da tumba de Seti I, o primeiro elemento que nos salta aos olhos é a figura dominante de Ísis alada, com os braços abertos, colocando sob suas asas toda as imagens, bem como o texto que preenche a maior parte da parede. Dentre essa iconografia representada na tumba de Seti I, podemos destacar três elementos bastante interessantes. O

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

primeiro deles se faz visível no canto inferior direito da imagem 51, onde vemos Osíris tendo a boca aberta por Anúbis. Tal rito de abertura da boca – do qual falaremos adiante – era realizado nos mortos para que pudessem dizer seus nomes a Osíris. Assim sendo, ao vermos Osíris tendo a boca aberta por Anúbis, podemos nos questionar se este elemento específico da iconografia não visaria demonstrar a identificação do faraó morto com o próprio deus dos mortos, sendo mais um exemplo para demonstrar a apresentação desse aspecto funerário do Egito Antigo, para somar-se aos outros tantos apresentados no capítulo anterior.

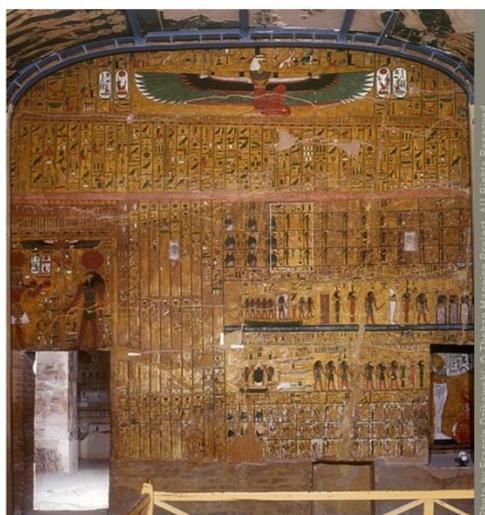


IMAGEM 51: Ísis alada. Amduat, versão abreviada e primeira hora; Seti I e Rá; Osíris [tendo sua boca aberta por Anubis]. Tumba de Seti I. Vale dos Reis. KV17. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.



IMAGEM 52: Ísis alada. Amduat, versão abreviada e primeira hora. Pares de retângulos brancos são nichos para encantamentos. Tumba de Seti I. Vale dos Reis. KV17. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

O segundo elemento interessante aparece na lateral esquerda, na parte superior da imagem 51, onde estão Sétí I com o disco solar sobre a cabeça, e o próprio deus solar, Rá. Tal iconografia representa a partida do faraó com o deus do sol em sua barca celestial para sua jornada diária e imutável no submundo, onde durante as doze horas noturnas deveria combater uma variedade de inimigos e atravessar diversos locais até encontrar a serpente Apep, suprema representante do caos, que teria como único objetivo impedir o nascimento do sol, o que provocaria a mais completa destruição do universo. Tal iconografia está profundamente relacionada com a presença da versão abreviada do *Imydwat* ou *Amduat*, e da primeira hora, que é o terceiro ponto de grande interesse na iconografia apresentada.

Antes de tratarmos diretamente da importância do livro de *Amduat* no contexto funerário dos egípcios, sobretudo como fórmula mística/mágica relacionada à Ísis e destinado à garantir a passagem do mundo dos vivos para o mundo dos mortos, bem como da travessia de Rá pelo submundo em sua jornada diária de doze horas, faz-se necessário uma breve explicação acerca da importância dos nomes para a civilização egípcia antiga, bem como a dedicação de algumas linhas para reflexão acerca da especificidade da “alma” para esse povo, que muito difere de nossa interpretação ocidental moderna.

A própria ideia de existência para os egípcios antigos possuía um caráter multifacetado, uma vez que cada indivíduo possuía ao menos sete elementos que compunham o seu ser, sendo que alguns deles eram físicos, pertencentes ao *Khemet*, que é a forma como os egípcios antigos chamavam o mundo dos vivos, e o próprio Egito; e outros tidos como espirituais, relacionados principalmente ao *Neter-Khertet*, que é o nome que os egípcios davam ao submundo; ou mais precisamente à *Duat*, que é o mundo dos mortos dos antigos egípcios, que seria uma versão espelhada, espiritual e paradisíaca (Campos de Iaru) do próprio Egito. São os sete principais elementos componentes da “alma” de acordo com a crença egípcia antiga.

- *Khet, Khat, Djet, ou Hau*: o Corpo do indivíduo.
- *Shut*: a Sombra do indivíduo.
- *Ib*: o Coração do indivíduo.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

- *Ren* ou *Hen*: o Nome do indivíduo.
- *Ka*: o Duplo protetor do morto.
- *Ba*: o Espírito Móvel do morto.
- *Akh, Ankh*: a Centelha de Vida, a alma imortal.

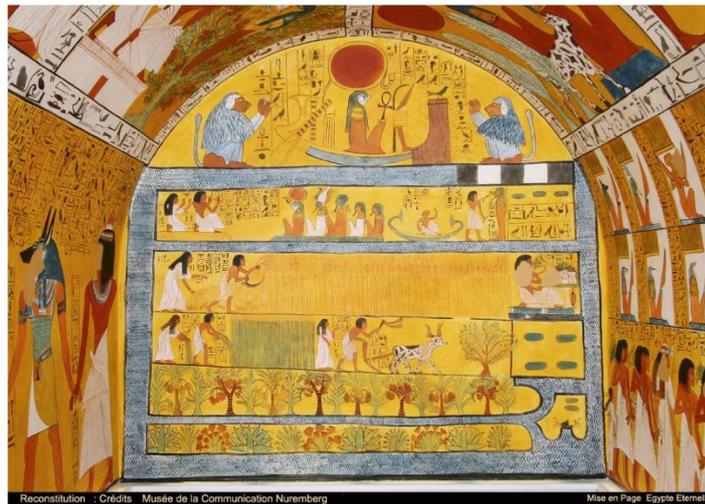
Sabendo que os quatro primeiros elementos acima seriam as partes da “alma” relacionadas ao mundo físico, e os três últimos ao mundo espiritual fazem-se necessários alguns comentários acerca deles, sobretudo no sentido em que elementos de um mundo permeiam o outro.



IMAGEM 53: Residência de Senmedjem. Vila dos Trabalhadores do Vale dos Reis. Deir El Medina. Tebas. Egito. Fonte: https://farm8.staticflickr.com/7173/6646437781_fl3e7285ee_b.jpg

O primeiro deles é o *Khat* do indivíduo que, sendo o corpo físico, pertence necessariamente ao mundo dos vivos, mas que interage diretamente com o mundo dos mortos, uma vez que de acordo com a crença dos egípcios antigos, a preservação do corpo físico era necessária à manutenção da vida do indivíduo no mundo dos mortos. Segundo algumas interpretações, o morto poderia inclusive utilizar o mesmo corpo no outro mundo, e fazer de sua tumba no mundo dos vivos a sua habitação no mundo dos mortos. Como evidência dessa crença possuímos a grande quantidade de tumbas e múmias egípcias, muitas vezes melhor adornadas e construídas que as habitações terrenas dos mesmos indivíduos. Exemplo maior disso é a residência relativamente

simples¹⁴ do trabalhador do Vale dos Reis, Sennedjem em Deir el-Medina, em comparação com o a riqueza de sua tumba, também localizada no mesmo local. Podemos ver tal diferença nas imagens 53 e 54, respectivamente da residência e da tumba de Sennedjem. (Ramazzina, 2015. Comunicação oral).



Reconstitution - Crédits Musée de la Communication Nuremberg Mise en Page Egypte Eternelle
IMAGEM 54: Tumba de Sennedjem. TT1. Deir El Medina. Tebas. Egito. Fonte: <http://egypte-eternelle.org/im/deir/SENOG.jpg>

O segundo elemento componente da alma para o qual gostaríamos de chamar atenção é o *ib*, ou o coração do morto. Novamente, é um elemento essencialmente relacionado ao mundo dos vivos, mas de fundamental importância no *Duat*, uma vez que era ele que deveria ser apresentado aos deuses no Tribunal de Osíris, e é justamente o coração do morto que deveria ser pesado contra a pena de *Maat*, que representa tanto a ideia egípcia de justiça e ordem, quanto a divindade homônima, que é responsável justamente pela manutenção da ordem e da justiça nas terras do Egito. Inclusive, uma das atribuições do faraó é garantir a permanência de *Maat* nas Duas Terras, e evitar que o caos invada o Egito.

¹⁴ Em relação aos túmulos dos próprios trabalhadores, que compunham parte da elite egípcia. Não podemos fazer uma relação entre as residências em Deir el-Medina e de trabalhadores menos especializados, devido à própria questão social egípcia. Além disso, é preciso tomar cuidado de sempre lembrar que a residência de Sennedjem em vida passou por processo de reutilização na forma de Igreja copta antes de ser escavada. No Egito, de acordo com Gama (2017), toda localidade cujo nome comece com “Deir” indica Igreja copta.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

O terceiro elemento a ser levado em consideração é *Ka* do morto que, ao contrário dos elementos anteriores, é intrinsicamente ligado ao *Duat*, mas que possui uma ligação interessante com o mundo dos vivos quando chegava o momento da morte. Acreditava-se que o *Ka* se mantinha sempre atrás da pessoa enquanto ela estivesse no *Khemet*, como um espírito protetor. De acordo com Gama (2015. Comunicação oral), uma das formas pelas quais uma pessoa poderia descobrir que estava morta era se virasse e visse seu próprio *Ka*. A partir do momento da morte, as funções invertiam-se, ou seja, o *Ka* passaria a habitar no mundo dos vivos, mais precisamente na tumba do morto, onde assumia a função de receber as oferendas, e também de guardar e proteger o *Khat* do indivíduo.

Outro elemento formador da “alma” do morto é a sombra, ou *Shut* do indivíduo. Embora nos possa parecer uma noção um pouco estranha, para os egípcios, a sombra era importante componente da alma humana, e também servia como um determinante se a pessoa estava viva ou não. De acordo com os egípcios, os mortos não tinham sombra, e se uma pessoa perdesse a sua sombra ela morreria. Esta seria também uma das formas pela qual se podia saber se um indivíduo estava vivo.

O próximo dos elementos para os quais gostaríamos de chamar atenção é o *Ba*, ou alma móvel do indivíduo. De todas as partes integrantes da multifacetada composição do ser humano, o *Ba* é o mais ligado aos dois mundos, mesmo durante a vida do indivíduo. De acordo com as crenças egípcias antigas, o espírito *Ba* habitava no peito do morto, e possuía a forma de ave completa ou a forma antropozoomórfica de um pássaro com a cabeça humana. Esse espírito *Ba* possuía a característica de poder sair do corpo e viajar através do *Khemet*, e da *Duat*, mesmo com o indivíduo ainda no mundo dos vivos. Essa atribuição se mantém após a morte do indivíduo, e o espírito *Ba* agia como um elo entre os dois mundos. Segundo alguns estudiosos, na época faraônica quando uma pessoa sonhava com outra – viva ou morta – não seria um sonho apenas, mas sim uma visita espiritual de um indivíduo a outro, e quem realizava e recebia essa visita, esse contato espiritual, era o *Ba* de ambas as pessoas (Gama, 2015. Comunicação oral).

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

O próximo elemento componente da alma é o *Ankh*, ou a Centelha de Vida, também podendo ser interpretado como Sopro de Vida. Esse aspecto da alma do indivíduo é de fundamental importância devido ao fato de que é justamente esse aspecto da alma que é o mais relacionado à Ísis. É justamente o ato de colocar a *Ankh*, ou sopro/centelha de vida sobre o morto que observamos acima, na imagem 47, retirada da tumba de Nefertari, e que podemos associar ao sopro de vida gerado também pelo bater de asas de Ísis, tanto sobre o corpo de Osíris, como sobre o corpo dos mortos afim de retornarem à vida no Ocidente.

Deixado por último, justamente por sua importância primordial no âmbito religioso-cultural egípcio, temos o *Hen/Ren*, ou nome. Os egípcios antigos acreditavam que o nome verdadeiro de uma pessoa era a janela para a sua alma, e que feiticeiros e divindades malignas poderiam usar o conhecimento do nome de uma pessoa para perpetrar contra ela ações terríveis, inclusive fazendo com que não pudessem chegar aos Campos de Iaru, e tivessem suas almas destruídas (Gama, 2015. Comunicação oral). Essa é uma das razões pelas quais os faraós, quando assumiam o trono, escolhiam outro nome, que seria seu nome de rei, ou nome real. Era comum que cada faraó do Egito tivesse cerca de cinco nomes, e que as rainhas também tivessem pelo menos três (Gama, 2015. Comunicação oral). Os nomes verdadeiros, aqueles escolhidos pelos pais do faraó – que os egípcios chamavam de nome de Filho de Rá, ou *Sa Re*, e pelo qual, de forma excessivamente íntima, os conhecemos nos dias de hoje – eram ocultos e protegidos, muitas vezes sendo escritos apenas nas tumbas ou templos memoriais dos faraós.

Um exemplo de fundamental importância para compreendermos a importância dos nomes verdadeiros dos faraós no Egito Antigo envolve a própria Ísis, e o relato mítico que descreve a forma como a deusa adquiriu seus poderes e conhecimentos de magia.

De acordo com o mito, Ísis obteve seus conhecimentos mágicos ao descobrir involuntariamente o nome verdadeiro de Amon-Rá. De posse do nome do deus supremo, a deusa fez com que este lhe revelasse os segredos da magia, em troca de jamais revelar seu segredo a ninguém, uma vez que se o nome verdadeiro de Rá chegasse ao ouvido de seus inimigos, eles poderiam

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

facilmente destruí-lo. Assim sendo, e fazendo o juramento requerido, Ísis recebeu do pai dos deuses todo o conhecimento e o domínio da magia, elemento que, como vimos, vai ser de fundamental importância no mito de Ísis e Osíris, e sem a qual talvez a deusa não tivesse sido capaz de encontrar seu marido e o trazer de volta a vida, e mesmo se conseguisse, provavelmente teria encontrado dificuldades muito maiores para fazê-lo.

Além disso, como mais um elemento que atesta a importância do nome para os egípcios temos que, mesmo após a entrada nos Campos de Iaru, a própria existência da pessoa dentro desse “paraíso” dependia de por quanto tempo o nome do indivíduo fosse lembrado. Mesmo que o corpo, a tumba, e todos os demais artefatos e vestígios da passagem da pessoa pela terra fossem apagados da História, enquanto seu nome fosse lembrado no mundo dos vivos, ele permaneceria vivo no mundo dos mortos. De fato, alguns estudiosos defendem a teoria de que a crença do período versava que a cada vez que pronunciamos – ou lêssemos – o nome de uma pessoa morta, ela receberia pão e cerveja no outro mundo, para que pudesse se alimentar e continuar vivendo a eternidade.

Não se trata de simples coincidência que os templos chamados atualmente de memoriais, como os de Deir el-Bahari e o Ramesseum, eram chamados pelos egípcios de Templos de Milhões de Anos (Gama, 2015. Comunicação oral). Se considerarmos as crenças egípcias, cada vez que pronunciamos, escutamos, ou lemos nome de um egípcio antigo, e especialmente o nome de um faraó, estamos garantindo a permanência dessa pessoa na eternidade. Também não é por acaso que encontramos evidências de nomes de faraós apagados após as suas mortes, com o objetivo de fazer com que seus antecessores – ou desafetos – fossem apagados e esquecidos completamente.

O mais notável dos casos é o do faraó Akhenaton, cuja reforma religiosa provocou retumbante ódio dos membros do clero de Amon, que se encarregaram de tentar apagar seu nome da História, sendo que um de seus sucessores, Horemheb, foi um dos principais responsáveis por perseguir as reformas que o clero de Amon chamava de heresia de Amarna, ou heresia

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

Amarniana. Podemos ver um exemplo disso na imagem 55, em que as figuras do próprio Akhenaton, bem como de sua esposa Nefertiti foram apagadas



IMAGEM 55: Akhenaton e Nefertiti (apagados com cinzel) recebendo a luz de Aton. Tumba Alto Oficial em Tebas, Tebas, Egito. Destaque nosso para onde ficariam as representações dos monarcas. Fonte: <http://www-tc.pbs.org/wgbh/nova/assets/img/missing-tombs-pharaohs/image-03-large.jpg>

Tendo em mente a necessidade dos mortos poderem dizer – e escutar – os próprios nomes no mundo dos mortos, o ritual funerário de abertura da boca – no qual o herdeiro ou descendente do morto utilizava um instrumento tido como mágico para tocar a boca, olhos e ouvidos do corpo mumificado do morto para que sua boca fosse aberta e ele pudesse falar, ver e ouvir no mundo dos mortos – possuía um valor místico altamente elevado justamente devido ao fato de ser esse o rito que permitiria que os mortos dissessem seus nomes a Osíris quando se apresentassem em seu Tribunal.

A crença egípcia antiga mostra que se um morto comparecesse diante do Tribunal de Osíris sem poder dizer seu nome, ele seria condenado a vagar pelo limbo durante toda a eternidade. Para confirmar tais informações, podemos nos lembrar que era comum no período faraônico que se destruísse o cartucho com o nome do morto, caso ele fosse odiado, ou se tivesse em vida feito inimigos poderosos, como é o caso do faraó Akhenaton, como vimos acima. Também é comum encontrarmos múmias que tiveram suas bocas destruídas propositalmente, com o objetivo de anular o feitiço de abertura da boca, condenando-as ao vazio eterno entre o mundo dos vivos e dos mortos. Tal é o caso de uma múmia feminina encontrada em 1998 em câmara secreta

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

na KV 53, no antigo cemitério de Luxor, que chegou a ser identificada por Joann Fletcher como possivelmente sendo a da própria Nefertiti.

Já pudemos observar, na tumba de Séti I, Anúbis realizando o referido ritual em Osíris. Na imagem 56 apresentamos uma nova representação deste importante ritual, em que o faraó Ay realiza do ritual de abertura da boca em seu antecessor, o faraó Tutankhamon.

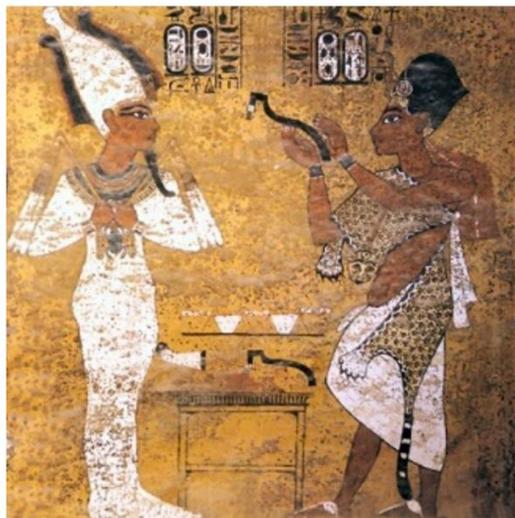


IMAGEM 56: Tutankhamen tendo sua boca aberta ritualisticamente por seu sucessor Ay. Tumba de Tutankhamon. KV62. Tebas. Egito. Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/40/Opening_of_the_Mouth_-_Tutankhamun_and_Aja.jpg

Por fim, podemos concluir a partir da observação detalhada da iconografia da deusa Ísis presente em algumas tumbas do Vale dos Reis, com especial destaque para a tumba de Horemheb, e do estudo das práticas funerárias e crenças religiosas dos antigos egípcios, que a importância de Ísis no processo de morte e de renascimento no outro mundo, bem como no ato de proteger os mortos, se faz bastante presente enquanto é apresentada como aquela que ajuda a guardar o corpo dos mortos para que possam voltar a fazer bom uso deles no pós-vida, ou quando se coloca de asas abertas diante do morto, afim de soprar sobre ele o vento divino da vida. Pudemos, ao observar a iconografia tumular e a decoração de alguns sarcófagos do Novo Império, notar que a deusa Ísis era encarada pelos egípcios como uma das divindades mais importantes para o pós-vida, uma vez que sem sua intervenção ao devolver a vida aos mortos, nenhum deles poderia chegar ao Tribunal de Osíris, e nem teriam garantida sua entrada nos Campos de Iaru.

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

No capítulo seguinte, dedicado às representações de Ísis no Livro dos Mortos, poderemos observar com maiores detalhes a importância dessa divindade no contexto funerário egípcio, no sentido de acompanhar a alma dos mortos no submundo em sua jornada para o tribunal de Osíris, bem como para sua viagem noturna ao lado de Rá, visando unir-se a ele em sua barca solar pela eternidade. Veremos que mesmo na barca solar de Rá, e no caminho que o sol percorre toda noite no submundo, a deusa apresenta-se igualmente como guardiã dos mortos, senhora da magia e responsável pelo renascimento – ou retorno à vida – daqueles que estão na *Duat*.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

AQUELA QUE NAVEGA NO SUBMUNDO

Ao longo de diversos momentos no presente trabalho foi citado o chamado Livro de Amduat, ou ainda, Livro para sair à Luz do Dia, que é uma possível tradução para o termo egípcio *reu nu pert em hru*, que é utilizado em algumas situações. A primeira coisa a se dizer sobre esse livro é que não devemos encará-lo como uma obra única de autor exclusivo – muito embora utilizaremos no presente estudo umas das versões mais completas e compiladas que se conhece – mas sim uma compilação posterior de diversos textos, feitiços e crenças egípcias que muitas vezes remontam aos primeiros anos do período faraônico. Essencialmente não podemos sequer identificá-lo como um livro de verdade, e em nenhuma das versões encontradas é referenciado nenhum autor.

Também é importante ressaltar que nas diferentes versões do livro de Amduat podem ser encontradas inúmeras referências, citações e representações da deusa Ísis. Dentre essas diversas citações, selecionamos a que consideramos a mais importante para o presente trabalho, pois identifica a deusa com os poderes mágicos de proteger e dar a vida aos mortos. Não queremos dizer que os demais trechos possuam uma importância menor dentro do contexto do Amduat, mas sim que para o presente trabalho, que visa, como dissemos acima exaustivamente, demonstrar a relação entre a deusa Ísis e os processos de proteção e ressurreição dos mortos. Reservamos um capítulo específico do presente trabalho para o livro de Amduat por sua grande importância no contexto funerário egípcio no período em que estudamos, porém as muitas representações de Ísis no livro poderiam dar um texto à parte e fugiriam ao propósito – e espaço – do presente trabalho, demandando um estudo muito mais aprofundado do livro do Amduat em si, e das representações específicas de Ísis no mesmo. É por esse motivo que apresentamos no presente capítulo apenas uma citação que se refere diretamente à deusa, que é a que melhor apresenta as representações de Ísis que trabalhamos no presente trabalho até o momento.

As compilações desses textos e feitiços no formato que conhecemos como Amduat é muito possivelmente datada do Novo Império, muito embora –

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

como dissemos acima – remontem muitas vezes a encantamentos que encontramos dispersos pelas mais diversas fontes de períodos anteriores.

Durante a décima oitava e décima nona dinastia encontramos reproduções do Amduat nas tumbas de diferentes faraós, dentre os quais destaca-se a de Tutmés III, em cujas paredes encontramos reproduções quase integrais do livro de Amduat. Podemos ver um dos murais dessa tumba na imagem 58.

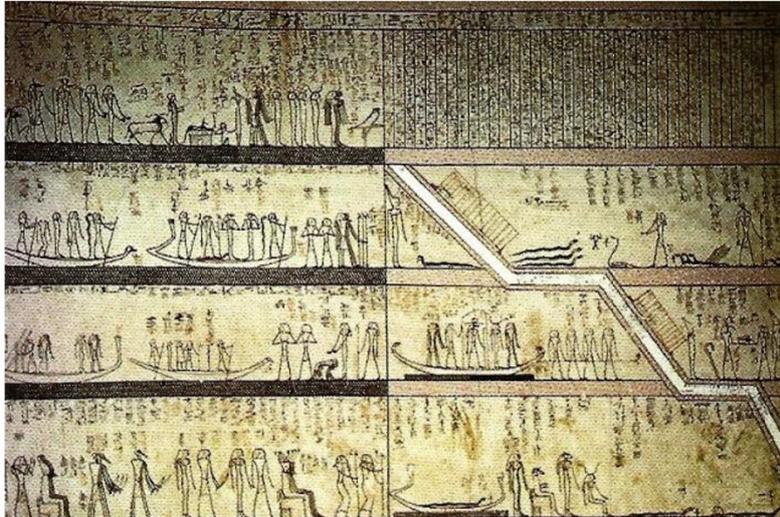


IMAGEM 57: Livro dos Mortos. Tumba de Tutmés III. Vale dos Reis. KV34. Tebas, Egito. Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/-FP6MZejmks/UblJKTHXTol/AAAAAAAAA0c/mwn8GQLnfl4/s640/pintura+tumulo+tutm%25C3%25A9s+III+vale+dos+reis+hp+scan.jpg>



IMAGEM 58: Amduat, versão abreviada e primeira hora. Tumba de Seti I. Vale dos Reis. KV17. Tebas, Egito. Fonte: http://media.kunst-fuer-alle.de/img/41/m/41_00567338.jpg

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

Também na tumba de Séti I encontramos trechos de Amduat, mais precisamente uma versão resumida, e a primeira hora – acerca da divisão do Amduat em horas trabalharemos mais adiante – como é possível observarmos na imagem 58.

Na descrição da imagem 58, podemos ler que se trata de uma versão resumida do Amduat. Esse fato – bem como o de se escolher trechos/capítulos específicos para se reproduzir nas tumbas, ou em papiros com os quais seriam enterrados – era bastante comum, segundo Budge, em diversos enterramentos egípcios, e o mesmo Budge interpreta que alguns capítulos ou trechos teriam, para os egípcios, maior importância do que outros, e que estes poderiam ser escolhidos justamente por representarem – dentro da cosmogonia egípcia – a parte pelo todo, ou seja, estes capítulos específicos poderiam conter em si a representação de todo o livro de Amduat.



IMAGEM 59: Livro dos Mortos. Asas de Ísis e Serqet. Tumba de Ay. Vale dos Reis. KV23. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.

O termo referencial em horas se deve ao fato de que um dos mais importantes objetivos do livro, e uma de suas mais importantes funções – mesmo funerárias – é o de narrar a passagem do deus Rá – e por conseguinte do faraó morto, que deve acompanhá-lo pelo submundo, durante as doze horas da noite. De acordo com esse livro, tal jornada se dividiria justamente em doze horas, sendo que em cada uma delas Rá e/ou o faraó teriam auxílio de outros deuses para enfrentar monstros que governavam o submundo. A ligação do livro de Amduat com o contexto funerário se processa pelo fato do livro se

basear na crença de que o faraó, após sua morte e julgamento no Tribunal de Osíris, passaria a navegar com Rá em sua barca celestial solar, iluminando o mundo durante o dia, e o protegendo das ameaças do submundo nas horas noturnas.

A imagem 59 traz referências Livro dos Mortos na tumba de faraós, porém desta vez não na decoração tumular, mas sim no próprio sarcófago, na forma de inscrições sob a proteção das asas de Ísis e Serqet.

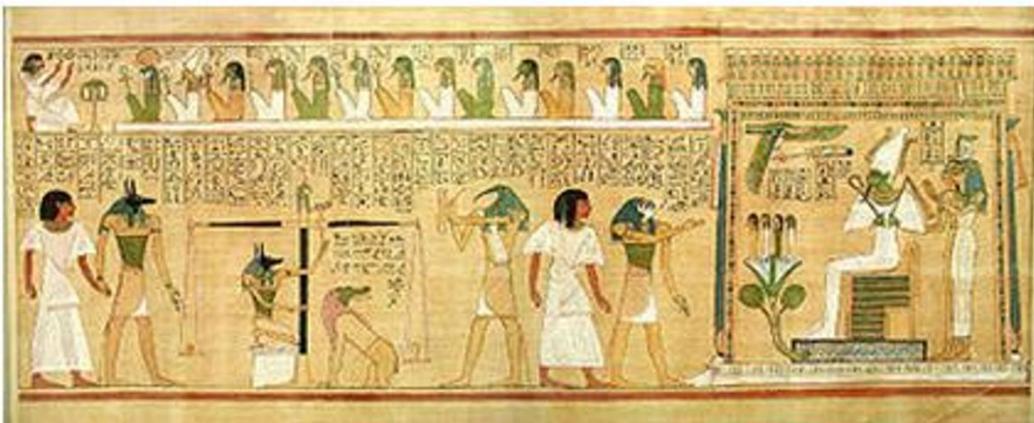


IMAGEM 60: Anubis guiando Henuttawy. Anubis pesando o coração de Henuttawy contra a pena de Maat sob a observação de Ammit. Thot.. Metropolitan Museum of Art. New York. U.S.A. Fonte: <https://vico.wikispaces.com/file/view/2.jpg/61757346/2.jpg>

Não apenas nas tumbas dos reis das XVIII e XIX dinastias encontramos representações e trechos do Amduat e do Livro dos Mortos¹⁵, como também na tumba de rainhas, como no caso de Henuttawy, posto que em sua tumba no Vale das Rainhas foi encontrado um papiro que continha o capítulo 125 do Livro dos Mortos, que trata do julgamento dos mortos no Tribunal de Osíris, acerca do qual falamos mais detalhadamente anteriormente. Podemos ver o detalhe do papiro, e da cena específica do julgamento na imagem 60.

¹⁵ É importante ressaltar que, embora sejam ambos fenômenos funerários do Novo Império egípcio, e que estejam ambos relacionados às questões funerárias, de passagem para mundo dos mortos, bem como a representação de elementos acerca de como seria a vida dos faraós nesse mundo, os dois livros são diferentes em sua essência, especialmente no fato de que o Livro dos Mortos era mais acessível à população egípcia, sobretudo à alta sociedade, enquanto o Livro de Amduat, por seu caráter cosmogônico é relacionado mais intensamente à figura do faraó.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

Também na tumba do trabalhador do Novo Império, Sennedjem, encontramos uma reprodução dos capítulos 44 a 59, que falam sobre a preservação da vida no mundo dos mortos, e recita fórmulas para evitar que ocorra a segunda morte. Podemos observar uma reprodução planificada da tumba de Sennedjem na imagem 61



IMAGEM 61: Tumba de Sennedjem TT1 Deir El Medina, Tebas, Egito. Fonte: http://www.osirisnet.net/tombes/artisans/sennedjem1/photo/sennedjem_farid_03v.jpg

É importante que falemos algumas palavras acerca desse conceito egípcio de segunda morte, posto que para os egípcios antigos seria uma das piores coisas possíveis de se acontecer, pois significaria o completo desaparecimento de uma pessoa, uma vez que quando um indivíduo morria no mundo dos mortos ela seria completamente apagado da existência, sem a possibilidade de retorno. E – de acordo com os egípcios – no mundo dos mortos havia diversas ameaças que poderiam levar à temida segunda morte, sendo que a pior delas seria ser devorado pela besta Amenet caso seu coração fosse reprovado no julgamento de Osíris.

A fome era outra forma terrível de morrer no mundo dos mortos, e por isso um dos elementos mais importantes dos capítulos presentes na tumba de Sennedjem é justamente aquele que pede para os deuses que não falte comida aos mortos no mundo dos mortos, para que possam dividir a comida ofertada aos deuses, e que suplicam para que não precisasse se alimentar com as próprias fezes. Também é devido ao medo de morrer de fome no outro

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

mundo que os mortos comumente levavam grandes quantidades de comida para seus túmulos, solicitavam e recebiam oferendas de comida de seus descendentes, e até mesmo colocavam na entrada de suas tumbas uma mesa de oferendas com o desenho de diversos tipos de alimentos, nas quais os transeuntes derramavam água, fazendo com que aquela comida ganhasse vida no mundo dos mortos. Podemos ver um exemplo dessas mesas de oferendas na imagem 62 (Gama, 2016. Comunicação oral).



IMAGEM 62: Tábuca funerária de oferenda alimentar. Egito. Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/48/Egyptian_-_Offering_Table_-_Walters_2291.jpg

Como vimos acima, mesmo tendo sido uma compilação provavelmente do Novo Império, o Livro dos Mortos é um texto funerário egípcio de extrema importância, que contém uma série de encantamentos e feitiços que teriam a função mística de indicar o caminho para os mortos afim de que eles não se percam no submundo e possam se apresentar de forma íntegra no Tribunal de Osíris. A própria crença no episódio do Tribunal de Osíris em que se dava o julgamento dos mortos pesando-se o coração do defunto contra a pena da justiça afim de se averiguar se o morto seria digno de entrar nos Campos de Iaru – como observamos mais detalhadamente no capítulo anterior, e pudemos observar na reprodução do capítulo específico da pesagem, o 125 do Livro dos Mortos, em papiro encontrado na tumba da Rainha Henuttawy – é um dos pontos principais e mais destacados do livro.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

Ao se falar na paisagem da alma contra a pena da justiça, é sempre bom lembrarmos que a ideia de justiça e equilíbrio é o ponto central do Livro dos Mortos. Um dos valores mais caros aos egípcios antigos – e podemos afirmar que eles foram um dos primeiros povos a desenvolverem essa consciência religiosa que de certa forma nos influencia até os dias de hoje – era o de que seus destinos no mundo dos mortos dependeria de suas atitudes no mundo dos vivos. (Cássio, 2016. Comunicação oral). Tendo em mente que para os egípcios o *Khemet* e o *Duat* eram mundos opostos e complementares, não é difícil de compreender porque os mesmos acreditavam que as ações realizadas em um desses mundos influenciava diretamente no outro.

As ações às quais nos referimos têm muita relação com a ideia egípcia de ordem e justiça, que eles expressavam através do termo *Maat*, que é tanto a palavra para designar ordem, em oposição ao caos, como também o nome da divindade que representava tais conceitos.

Ainda acerca das atitudes que os egípcios consideravam como fundamentais para a manutenção da ordem, podemos encontrar no próprio Livro dos mortos algumas informações sobre o que seriam comportamentos inadequados para os egípcios que respeitassem a *Maat*. Essas informações são oriundas de quarenta e duas sentenças que segundo a crença egípcia deveriam ser apresentadas pelos mortos diante dos deuses. Tais afirmações são conhecidas coletivamente como as Confissões Negativas, e são apresentadas abaixo, segundo a transliteração e tradução de Wallis Budge do Papiro de Ani para o inglês, contendo também, abaixo de cada uma delas, uma tradução nossa para o português.

(1) *Ani saith: "Hail, thou whose strides are long, who comest forth from Annu, I have not done iniquity."*

Ani disse: "Salve, vós cujas caminhadas são longas, que vens diante de Annu, eu não fiz iniquidades."

(2) *"Hail, thou who art embraced by flame, who comest forth from Kheraba, I have not robbed with violence."*

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

“Salve, vós que é abraçado pela chama, que vens diante de Kheraba, eu não roubei com violência.”

(3) *"Hail, Fentiu, who comest forth from Khemennu, I have not stolen."*

“Salve, Fentiu, que vens diante de Khemennu, eu não roubei.”

(4) *"Hail, Devourer of the Shade, who comest forth from Qernet, I have done no murder; I have done no harm."*

“Salve, Devorador das Sombras, que vens diante de Qernet, eu não cometi assassinatos; eu não cometi nenhum mal.”

(5) *"Hail, Nehau, who comest forth from Re-stau, I have not defrauded offerings."*

“Salve, Nehau, que vens diante de Re-stau, eu não defraudei as oferendas.”

(6) *"Hail, god in the form of two lions, who comest forth from heaven, I have not diminished oblations."*

“Salve, deus na forma de dois leões, que vens diante do paraíso, eu não reduzi as oblações.”

(7) *"Hail, thou whose eyes are of fire, who comest forth from Saut, I have not plundered the god."*

“Salve, vós cujos olhos são de fogo, que vens diante de Saut, eu não saqueei os deuses.”

(8) *"Hail, thou Flame, which comest and goest, I have spoken no lies."*

“Salve, Chama, que vem e vai, eu não falei mentiras.”

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

(9) *"Hail, Crusher of bones, who comest forth from Sutenhenen, I have not snatched away food."*

"Salve, Quebrador de osso, que vens diante de Sutenhenen, não roubei comida."

(10) *"Hail, thou who shootest forth the Flame, who comest forth from Het-Ptah-ka, I have not caused pain."*

"Salve, vós que atirou diante da Chama, que vens diante de Het-Ptah-ka, eu não causei dor."

(11) *"Hail, Qerer, who comest forth from Amentet, I have not committed fornication."*

"Salve, Qerer, que vens diante de Amentet, eu não cometi fornicação."

(12) *"Hail, thou whose face is turned back, who comest forth from thy hiding place, I have not caused shedding of tears."*

"Salve, vós cuja face é virada para trás, que vens diante de teu lugar Escondido, eu não causei o derramamento de lágrimas."

(13) *"Hail, Bast, who comest forth from the secret place, I have not dealt deceitfully."*

"Salve, Bast, que vens diante do lugar secreto, eu não provoquei enganos."

(14) *"Hail, thou whose legs are of fire, who comest forth out of the darkness, I have not transgressed."*

"Salve, vós cujas pernas são de fogo, que vens diante da saída da escuridão, eu não cometi transgressões."

(15) *"Hail, Devourer of Blood, who comest forth from the block of slaughter, I have not acted guilefully."*

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

“Salve, Devorador de Sangue, que vens diante do bloqueio do assassino, eu não agi de forma culposa.”

(16) "Hail, Devourer of the inward parts, who comest forth from Mabet, I have not laid waste the ploughed land."

“Salve, Devorador das parte internas, que vens diante de Mabet, eu não devastei a terra arada.”

(17) "Hail, Lord of Right and Truth, who comest forth from the city of Right and Truth, I have not been an eavesdropper."

“Salve, Senhor da Justiça e da Verdade, que vens diante da cidade da Justiça e da Verdade, eu não fui um bisbilhoteiro.”

(18) "Hail, thou who dost stride backwards, who comest forth from the city of Bast, I have not set my lips in motion [against any man]."

“Salve, vós que anda para trás, que vens diante da cidade de Bast, eu não coloquei meus lábios em movimento [contra nenhum homem].”

(19) "Hail, Sertiu, who comest forth from Annu, I have not been angry and wrathful except for a just cause."

“Salve, Sertiu, que vens diante de Annu, eu não fiquei com raiva e furioso exceto por uma justa causa.”

(20) "Hail, thou. being of two-fold wickedness, who comest forth from Ati (?) I have not defiled the wife of any man."

“Salve, vós, Ser de dupla maldade, que vens diante de Ati (?) eu não deflorei a mulher de nenhum homem.”

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

(21) *"Hail, thou two-headed serpent, who comest forth from the torture-chamber, I have not defiled the wife of any man."*

"Salve, vós serpente de duas cabeças, que vens diante da câmara de tortura, eu não deflorei a mulher de nenhum homem."

(22) *"Hail, thou who dost regard what is brought unto thee, who comest forth from Pa-Amsu, I have not polluted myself."*

"Salve, vós que levais em conta o que é trazido a ti, que vens diante de Pa-Amsu, eu não poluí a mim mesmo."

(23) *"Hail, thou Chief of the mighty, who comest forth from Amentet, I have not caused terror."*

"Salve, vós Chefe do poder, que vens diante de Amentet, eu não causei terror."

(24) *"Hail, thou Destroyer, who comest forth from Kesiu, I have not transgressed."*

"Salve, vós Destruidor, que vens diante de Kesiu, eu não transgredi."

(25) *"Hail, thou who orderest speech, who comest forth from Urit, I have not burned with rage."*

"Salve, vós que ordenou a fala, que vens diante de Urit, eu não queimei em fúria."

(26) *"Hail, thou Babe, who comest forth from Uab, I have not stopped my ears against the words of Right and Truth."*

"Salve, vós Babe, que vens diante de Uab, eu não fechei meus ouvidos contra as palavras de Justiça e Verdade."

(27) *"Hail, Kenemti, who comest forth from Kenemet, I have not worked grief"*

"Salve, Kenemti, que vens diante de Kenemet, eu não trabalhei com aflição."

(28) *"Hail, thou who bringest thy offering, I have not acted with insolence."*

"Salve, vós que traz as oferendas, eu não agi com insolência."

(29) *"Hail, thou who orderest speech, who comest forth from Unaset, I have not stirred up strife."*

"Salve, vós que ordenou a fala, que vens diante de Unaset, eu não despertei conflitos."

(30) *"Hail, Lord of faces, who comest forth from Netchfet, I have not judged hastily."*

"Salve, Senhor das faces, que vens diante de Netchet, eu não julguei precipitadamente."

(31) *"Hail, Sekheriu, who comest forth from Utten, I have not been an eavesdropper."*

"Salve, Sekheriu, que vens diante de Utten, eu não fui um bisbilhoteiro."

(32) *"Hail, Lord of the two horns, who comest forth from Saïs, I have not multiplied words exceedingly."*

"Salve, Senhor dos dois chifres, que vens diante de Saïs, eu não multipliquei palavras exageradamente."

(33) *"Hail, Nefer-Tmu, who comest forth from Het-Ptah-ka, I have done neither harm nor ill."*

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

“Salve, Nefer-Tmu, que vens diante de Het-Ptah-ka, eu não causei nenhuma dor ou mal.”

(34) "Hail, Tmu in thine hour, who comest forth from Tattu, I have never cursed the king."

“Salve, Tmu em tuas horas, que vens diante de Tattu, eu nunca amaldiçoei o rei.”

(35) "Hail, thou who workest with thy will, who comest forth from Tebu, I have never fouled the water."

“Salve, vós que trabalhou com tua vontade, que vens diante de Tebu, eu nunca poluí a água.”

(36) "Hail, thou bearer of the sistrum, who comest forth from Nu, I have not spoken scornfully."

“Salve, vós portador do sistrum, que vens diante de Nu, eu não falei desdenhosamente.”

(37) "Hail, thou who makest mankind to flourish, who comest forth from Saïs, I have never cursed God."

“Salve, vós que fez a humanidade florescer, que vens diante de Saïs, eu nunca amaldiçoei Deus.”

(38) "Flail, Neheb-ka, who comest forth from thy hiding place, I have not stolen."

“Salve, Neheb-ka, que vens diante de teu lugar Escondido, eu nunca roubei.”

(39) "Hail, Neheb-nefert, who comest forth from thy hiding place, I have not defrauded the offerings of the gods."

“Salve, Neheb-nefert, que vens diante de teu lugar Escondido, eu não defraudei as oferendas dos deuses.”

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

(40) *"Hail, thou who dost set in order the head, who comest forth from thy shrine, I have not plundered the offerings to the blessed dead."*

"Salve, vós que colocou em ordem a cabeça, que vens diante de teu santuário, eu não saqueei as oferendas aos abençoados mortos."

(41) *"Hail, thou who bringest thy arm, who comest forth from the city of Maati, I have not filched the food of the infant, neither have I sinned against the god of my native town."*

"Salve, vós que trouxe teu braço, que vens diante da cidade de Maat, eu não roubei a comida das crianças, nem pequei contra o deus de minha cidade natal."

(42) *"Hail, thou whose teeth are white, why comest forth from Ta-she, I have not slaughtered with evil intent the cattle of the god."*

"Salve, vós cujos dentes são brancos, porque vens diante de Ta-she, eu não assassinei com intenção maligna o gado do deus."

(Budge, 2014. Pg. 347-349)

A defesa e manutenção desses conceitos é um dos pontos centrais do Livro dos Mortos, e a presença de Ísis em seu conteúdo – a deusa é mencionada mais de cem vezes na compilação encontrada no túmulo do escriba Ani – é bastante massiva e importante em diversas passagens da obra, como nos diversos momentos em que ela aparece ao lado de Nephtys saudando o morto, ou quando, no capítulo em que as partes do corpo do morto são identificadas com os deuses, em que as bochechas do morto são identificadas ora com as bochechas de Ísis, ora com a própria Ísis. Destacamos – conforme dito acima – a citação que consideramos de fundamental importância para a presente obra.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

O trecho destacado faz referência a passagens do mito de Ísis e Osíris, apresentando-o quase em versão resumida, e destacando os poderes protetores e curativos de Ísis, bem como de sua função de dar a vida e criar Hórus, para que esse pudesse assumir o trono de seu pai.

“Sua irmã [Ísis] o protegeu, e repeliu suas ameaças, e desviou calamidades (do mal). Ela proferiu o feitiço com o poder mágico de sua boca. Sua língua era perfeita, e ela jamais hesitou em qualquer palavra. Beneficente em comando e palavra era Ísis, a mulher dos feitiços mágicos, a advogada de seu irmão. Ela o procurou incansavelmente. Ela vagou voltas e voltas ao redor desse mundo em sofrimento, e ela não descansou sem encontrá-lo. Ela fez luz com suas penas, ela criou ar com suas asas, e ela soltou o grito de morte por seu irmão. Ela ergueu seus membros inativos em que o coração estava, ela tirou dele sua essência, ela fez um herdeiro, ela criou a criança em solidão, e no lugar onde ele não era conhecido, e ele cresceu em força e altura, e sua mão era poderosa na Casa do Keb. A Companhia dos Deuses se alegrou, se alegrou com a chegada de Hórus, o filho de Osíris, cujo coração era firme, o triunfante, o filho de Ísis, o herdeiro de Osíris” (Budge, 2014)¹⁶

Como pudemos claramente observar, no trecho reproduzido acima, há um destaque especial dado aos poderes mágicos de Ísis, quando ela é chamada de deusa que possui as fórmulas mágicas, que sua língua era perfeita e que jamais hesitava em pronunciar qualquer palavra. Tendo observado tal trecho, podemos reafirmar os atributos de Ísis como divindade relacionada à magia, e a principal responsável por devolver a vida ao seu marido Osíris, muitas vezes identificado com os mortos, conforme observamos acima. Assim sendo, não seria absurdo assumir que o trecho reproduzido visasse não apenas falar da ressurreição de Osíris, mas também da ressurreição do próprio morto a quem o livro acompanhava – no caso, o escriba Ani – bem como exaltar sua descendência, através da qual não seria

¹⁶ *“His sister [Isis] hath protected him, and hath repulsed the fiends, and turned aside calamities (of evil). She uttered the spell with the magical power of her mouth. Her tongue was perfect, and it never halted at a word. Beneficent in command and word was Isis, the woman of magical spells, the advocate of her brother. She sought him untiringly, she wandered round and round about this earth in sorrow, and she alighted not without finding him. She made light with her feathers, she created air with her wings, and she uttered the death wail for her brother. She raised up the inactive members of whose heart was still, she drew from him his essence, she made an heir, she reared the child in loneliness, and the place where he was not known, and he grew in strength and stature, and his hand was mighty in the House of Keb. The Company of the Gods rejoiced, rejoiced, at the coming of Horus, the son of Osiris, whose heart was firm, the triumphant, the son of Isis, the heir of Osiris.” (Budge, 2014)*

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

esquecido, podendo ser recebido pelos deuses nos Campos de Iaru, afim de celebrar com eles.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo observado cuidadosamente diferentes representações de Ísis, como divindade que representa o lamento pelos mortos; como deusa essencial no processo de osirificação dos mortos; como divindade que deve ser responsável por proteger o corpo; e finalmente como deusa responsável por devolver a vida aos mortos no pós-vida, pudemos chegar a algumas conclusões a respeito da importância dessa divindade no contexto funerário dos antigos egípcios.

O primeiro ponto a ser destacado consiste no fato de que grande parte das representações de Ísis como divindade funerária remonta ao mito relacionado à própria deusa e ao seu marido Osíris, o que torna muito complicado o estudo dela como divindade funerária de forma dissociada do estudo das representações de seu marido-irmão, sobretudo no que diz respeito à primeira representação estudada de Ísis, como divindade relacionada aos lamentos dos mortos, com maior destaque para aqueles de maior importância social, tais como os faraós, e os altos sacerdotes.

Quanto ao mito de Ísis e Osíris, observamos que existem diferentes representações fragmentárias do mesmo, em diversos locais, tais como centros religiosos, templos e tumbas diversas. Não é possível definir qual a versão mais antiga ou mais próxima à tradição oral, uma vez que nenhuma fonte egípcia guarda um relato completo do mesmo, ainda que sua importância no contexto egípcio seja absoluta e inquestionável.

Vimos que a versão mais completa do mito de Ísis e de Osíris se provém de uma fonte greco-romana, os escritos de Plutarco, e que tal compilação guarda diferenças cruciais de enfoque com os fragmentos do mito que temos nas fontes egípcias, como é o caso da pouca importância dada por Plutarco no que concerne aos episódios da mumificação e ressurreição de Osíris, que estão entre os mais reproduzidos nas terras originais de Ísis.

É possível que tais diferenças sejam dadas pelos valores culturais de Plutarco, porém não se pode negar a importância de seu trabalho de recolher diversos fragmentos do mito e os compilar, ainda que sua racionalidade greco-romana tenha acabado por interferir no produto final, isto é, no que diz respeito

aos dois aspectos de Ísis, que foram o grande enfoque do presente trabalho: a figura da deusa como aquela que lamenta os mortos, por identificá-los com seu marido divino, e como aquela que protege o corpo dos mortos, afim de lhes devolver a vida no outro mundo com o bater de suas divinas asas.

Para se compreender essa relação de Ísis como mulher que lamenta os mortos, é preciso que se tenha em mente que só é possível estabelecer paralelos se o estudo for conduzido não a partir de Ísis, mas a partir do ponto de vista da identificação dos mortos com Osíris, que foi lamentado – e revivido – por sua esposa-irmã imortal. Pudemos observar que desde os mais remotos textos religiosos egípcios essa identificação é feita, e a presença das mulheres que lamentam os mortos em suas procissões funerárias são importantes na ritualística mortuária, e que tais mulheres são, desde os Textos das Pirâmides identificadas com Ísis e Nephtys, e remontam por sua vez ao mito de Osíris, onde as duas deusas lamentam sobre o corpo morto de seu irmão. Ainda que Plutarco tenha colocado, em sua versão do mito, Ísis como a única a lamentar sobre o corpo morto do marido-irmão, no templo de Ísis, em Philae, encontramos iconografias que mostram o corpo de Osíris sendo guardado e lamentado pelas duas deusas aladas.

Outro ponto importante da identificação dos mortos com Osíris pôde ser encontrado na Tumba do faraó Horemheb – da qual retiramos a grande maioria das fontes para o presente trabalho – localizada no Vale dos Reis, em Tebas, KV57. Nas paredes dessa tumba encontramos iconografia que mostram o faraó fazendo oferendas de vinho a diversos deuses, tais como Hórus, Anúbis, e Hathor, mas não à Ísis, diante da qual aparece com os braços abaixado, e com os olhos aparentando estar fixos nos dela.

Na tumba de Osorkon II encontramos interessante estatueta de ouro, com o deus dos mortos recebendo nos ombros as mãos de sua esposa e de seu filho. O curioso dessa imagem é que sob a efígie de Osíris não aparece o nome do deus, mas sim do faraó Osorkon II, que reinou durante a XXII Dinastia.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

Ao passarmos ao estudo de Ísis como divindade protetora do corpo dos mortos, e deusa responsável pela ressurreição dos mesmos no pós-vida, encontramos no sarcófago de Horemheb importantíssima fonte de informações.

Como vimos, nos cantos do caixão se encontram as figuras das quatro deusas aladas – Ísis, Nephtys, Neith, e Serqet, que assumem, no contexto funerário, as funções de protetoras dos corpos dos mortos, para que se preserve pela eternidade. Nesse ponto é interessante observar que as duas últimas divindades – Neith e Serqet – assumem, no contexto *post mortem* atributos que não lhes são tradicionais fora do mesmo, uma vez que são tradicionalmente cultuadas como deusa da guerra e deusa-escorpião, respectivamente.

Junto com as deusas aladas, representadas no sarcófago de Horemheb, encontramos outras divindades funerárias tradicionais, mas que estão de uma maneira ou de outra ligadas à Ísis, como é o exemplo do deus-babuíno Hapy, que se acredita filho de Ísis; de Imsety, que é associado à Ísis por possuir a função de auxiliar na ressurreição dos mortos.

Também encontramos o deus Anúbis representado, uma das mais antigas divindades funerárias dos antigos egípcios, cujo nome já aparece citado nos Textos das Pirâmides, e cujo culto ultrapassava o de Osíris até o Médio Império. A identificação de Anúbis com Ísis é praticamente imediata, uma vez que, como vimos no mito de Osíris, foi ele o deus responsável pela mumificação do deus, para que Ísis pudesse lhe devolver o sopro de vida.

Vimos também, no que diz respeito à ressurreição dos mortos através de rituais mágicos as representações presentes nos túmulos de Séti I e no sarcófago de Ay, que remetem a Ísis como artífice de rituais místicos e mágicos, que têm como objetivo tanto a própria ressurreição dos mortos e sua condução aos Campos de Iaru, como é observado no Livro dos Mortos, como o fornecimento de fórmulas de invocação para que o faraó morto possa enfrentar no outro mundo as ameaças que visam interromper sua jornada noturna e pôr em xeque a prosperidade das terras do Egito.

Após observar cuidadosamente as representações tumulares e demais documentos apresentados ao longo do presente trabalho – que evidentemente

não são os únicos instrumentos possíveis de análise, e nem as únicas interpretações às quais se pode chegar – podemos concluir que a deusa Ísis possui grande complexidade em sua figura e seus atributos, uma vez que ao longo do presente trabalho pudemos observar diferentes representações e atribuições ao longo do tempo, o que torna virtualmente impossível uma definição fechada de sua importância e representatividade dentro do contexto egípcio, posto que essa divindade permeia diversos aspectos da vida egípcia.

Porém, se pode também verificar que, ao darmos o foco do estudo às representações e identificações de Ísis no contexto funerário, podemos encontrar uma diferente gama de visões e atribuições de Ísis, ainda que não se possa dizer que ela seja uma divindade exclusivamente funerária.

Assim sendo, observando a iconografia tumular apresentada, encontramos Ísis como irmã e esposa, ao procurar o corpo do marido-irmão, mesmo depois de feito em pedaços, e lamentar sobre o seu sarcófago, tomando a seguir a dianteira em sua procissão funerária. Vemos Ísis como divindade funerária, uma vez que junto com outros deuses é ela a principal responsável pela proteção e guarda dos corpos dos mortos, para que possam novamente ser utilizados no pós-vida. Vemos Ísis como divindade do *post mortem*, uma vez que é somente pelo sopro de vida dado pelo seu bater de asas divino que os mortos podem receber a dádiva da ressurreição. E vemos Ísis como a senhora da magia, uma vez que revive os mortos com seus encantos, substitui com magia o membro viril de seu marido morto, e aparece de asas abertas sobre o Livro de Amduat, como se oferecesse aos faraós mortos as palavras mágicas para lutarem ao lado de Rá.

Por fim, Ísis se apresenta como uma divindade funerária de extrema importância e complexidade, pois toca diversos pontos da crença egípcia, e não se restringe a um único contexto, mas influencia de forma profunda a maneira como os egípcios vivem, e especialmente como morrem. Para concluir, deixamos que Ísis “fale”, através de uma frase retirada do Livro dos Mortos.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

“I have come to be a protector unto thee. I waft unto thee air for thy nostrils, and the north wind which cometh forth from the god Tem unto thy nose. I have made whole for thee thy windpipe. I make thee to live like a god. Thine enemies have fallen under thy feet. I have made thy word to be true before Nut, and thou art mighty before the gods.”

“Eu vim para ser uma protetora para ti. Eu soprei a ti ar sobre tuas narinas, e o vento norte que vem diante do deus Tem até o seu nariz. Eu tenho feito todo por ti tua traquéia. Eu vos faço viver como um deus. Teus inimigos caíram sobre teus pés. Eu tenho feito tua palavra ser verdade diante de Nut, e tu és poderoso diante dos deuses,”

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 01: Hórus, Ísis como pássaro copulando com Osíris deitado, Ísis em forma humana. Templo de Abydos. Egito.....23

IMAGEM 02: Hórus, Anúbis, Ísis como pássaro copulando com Osíris deitado, Nephtys. Templo de Dendera. Egito. Internet.....24

IMAGEM 03: Osíris sendo ressuscitado por Ísis em forma humana. Templo de Phylae. Aswan. Egito.....25

IMAGEM 04: Osíris sendo velado por Nephtys e Ísis. Templo de Phylae. Aswan.Egito25

IMAGEM 05: Ísis. Osíris sendo mumificado por Anúbis.....26

IMAGEM 06: Ísis alada ajoelhada sobre o hieróglifo para ouro. Sarcófago de Ramsés III. KV11. Vale dos Reis. Tebas. Egito.....28

IMAGEM 07: Nephtys alada ajoelhada sobre o hieróglifo para ouro. Sarcófago de Ramsés III. KV11. Vale dos Reis. Tebas. Egito.....29

IMAGEM 08: Reprodução artística das coroas do Alto e Baixo Egito, bem como da coroa do Egito unificado.....36

IMAGEM 09: Estátua de Hatshepsut representada como Osíris, utilizando sua coroa característica. Templo de Deir-el-Bahari. Tebas. Egito.....37

IMAGEM 10: Faraó Sêti I faz\endo oferenda de incenso ao deus Osíris e sua esposa Ísis. Templo de Abidos, Egito.....38

IMAGEM 11: Osíris em pé, diante do qual está ajoelhado Sennedjem. Museu da Comunicação de Nuremberg.....39

IMAGEM 12: Hórus, Ísis, Osíris sentado recebendo oferendas do faraó Sêti I. Templo de Abydos. Egito.....39

IMAGEM 13: Anúbis como chacal deitado sobre altar. Hórus levando Horemheb a Ísis (Cena 1). Hohemreb fazendo oferenda de vinho a Hathor [Não Visível] (Cena 2). Tumba de Horemheb. Vale dos Reis. KV57. Tebas, Egito.....44

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

- IMAGEM 14:** Hórus recebendo vinho de Horemheb (Cena 3). Ísis com Horemheb (Cena 2). Anúbis recebendo vinho de Horemheb (Cena 1). Horemheb entre Ísis e Hórus. Tumba de Horemheb. Vale dos Reis. KV57. Tebas, Egito45
- IMAGEM 15:** Hórus, Osíris e Ísis, com o nome do faraó Osorkon II, da XXII Dinastia. Museu do Louvre, Paris, França.....46
- IMAGEM 16:** Ísis e Nephtys como mulheres que lamentam, flanqueando o cartucho com o nome de Setnakhet. Vale dos Reis. KV14. Tebas, Egito.....47
- IMAGEM 17:** Ísis e Nephtys como mulheres que lamentam, flanqueando o cartucho com o nome de Siptah. Vale dos Reis. KV47. Tebas, Egito.....47
- IMAGEM 18:** Imsety, Anubis, Duamutef, Thot. Ísis alada. Tumba de Ramsés I. KV16. Tebas, Egito.....51
- IMAGEM 19:** Ísis alada. Tumba de Ramsés I. KV16. Tebas, Egito.....51
- IMAGEM 20:** Ísis alada. Tumba de Tutankhamen. KV62. Tebas, Egito.....52
- IMAGEM 21:** Ísis alada. Amduat, versão abreviada e primeira hora. Tumba de Seti I. Vale dos Reis. KV17. Tebas, Egito.....53
- IMAGEM 22:** Detalhes do atributo de Ísis identificando-a nos sarcófagos de Ramsés I, Tutankhamen,, Sési I e Hatshepsut/Tutmés I.53
- IMAGEM 23:** Ísis ajoelhada sobre o hieróglifo de ouro segurando o disco solar. Sarcófago de Tutmés I. Tumba de Tutmés I e Hatshepsut. KV20. Tebas, Egito.54
- IMAGEM 24:** Ísis ajoelhada sobre o hieróglifo de ouro segurando o disco solar. Tumba de Amenhotep II. KV35. Tebas, Egito.....55

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

- IMAGEM 25:** [Cabeça do sarcófago. Lado direito da foto] Ísis ajoelhada sobre o hieróglifo de ouro, segurando o disco solar. Tumba de Tutmés III. KV34. Tebas, Egito.....55
- IMAGEM 26:** [Cabeça do sarcófago. Lado direito da foto] Ísis ajoelhada sobre o hieróglifo de ouro segurando o disco solar. Sarcófago de Hatshepsut. Tumba de Tutmés I e Hatshepsut. KV20. Tebas, Egito.....56
- IMAGEM 27:** Representações de Ísis em sarcófagos pertencentes a faraós que governaram antes de Akhenaton. Respectivamente Tutmés I, Hatshepsut, Tutmés III, Amenhotep II, e Tutmés IV.57
- IMAGEM 28:** Ísis em pé, de braços abertos. Sarcófago de Tutmés IV. KV 43. Tebas. Egito.....57
- IMAGEM 29:** Representações de Ísis em sarcófagos pertencentes a faraós que governaram após Akhenaton. Respectivamente Tutankhamen, Ay, Horemheb, Ramsés I, Séti I, e Ramsés III.58
- IMAGEM 30:** Asas de Serqet, Ísis e Nephtys. Tumba de Ay. Vale dos Reis. KV23. Tebas, Egito.58
- IMAGEM 31:** Asas de Serqet, Nephtys e asas de Ísis. Tumba de Horemheb. Vale dos Reis. KV57. Tebas, Egito.....59
- IMAGEM 32:** Ísis alada sobre o hieróglifo para ouro. Tumba de Ramsés III. Vale dos Reis. KV. Tebas, Egito.....59
- IMAGEM 33:** Asas de Ísis e Nephtys. Tumba de Horemheb. Vale dos Reis. KV57. Tebas, Egito.....63
- IMAGEM 34:** Ísis e Nephtys de asas abertas protegendo o corpo do faraó Horemheb – à esquerda. KV 57. Tebas. – com a mesma postura que velam e protegem o corpo de Osíris – à direita. Templo de Philae. Aswan.64
- IMAGEM 35:** Isis e Hapy. Vale dos Reis. Tumba de Horemheb. KV57. Tebas, Egito.65

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

- IMAGEM 36:** Isis e Hapy. Vale dos Reis. Tumba de Horemheb. KV57. Tebas, Egito.65
- IMAGEM 37:** Vaso Canopo com a representação de Hapy. XXVI Dinastia. Museu Übersee.....66
- IMAGEM 38:** Asas de Nephtys. Ísis, Hapy, Anubis, Qebehenuief, e Neit. Tumba de Horemheb. Vale dos Reis. KV57. Tebas, Egito.....67
- IMAGEM 39:** Anúbis em forma humana sentado, carregando os símbolos do poder e da vida. Templo de Hatshepsut em Deir-El-Bahari. Tebas. Egito.....68
- IMAGEM 40:** Anúbis em forma de chacal. Faraó Ramsés II entre suas patas dianteiras. Templo Memorial de Ramsés II – Ramesseum. Tebas. Egito.....69
- IMAGEM 41:** Anubis guiando Henuttawy. Anubis pesando o coração de Hennuttawy contra a pena de Maat sob a observação de Ammit. Hórus guiando Hennuttawy para diante da capela de Osíris, com os Quatro Filhos de Hórus diante de si, e Ísis e Nephtys com as mão levantadas atrás de Osíris. Metropolitan Museum of Art. New York. U.S.A.....69
- IMAGEM 42:** Anúbis mumificando Amennakht. Tumba de Amennakht. Tebas, Egito.....70
- IMAGEM 43:** Comparação entre as representações de Anubis mumificando Osíris – acima – e de Amennakht – abaixo.71
- IMAGEM 44:** Vaso Canopo com a representação de Qebehenuief.....72
- IMAGEM 45:** Representação de Serqet com dorso de mulher e disco solar e chifres. Museu do Louvre. Paris. França.....73
- IMAGEM 46:** Háthor saindo de necrópole alimentando com leite indivíduo ajoelhado. Templo Memorial de Hatshepsut. Deir El Bahari. Tebas. Egito.....74
- IMAGEM 47:** Representação de Nefertari recebendo o sopro de vida através de um ankh por Ísis. Tumba de Nefertari. QV66. Vale das Rainhas. Tebas. Egito. Destaque nosso para os hieróglifos destacando o nome de Ísis, identificando a deusa.....75

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

- IMAGEM 48:** Asas de Serqet. Duamutef, Anubis, Imsety, Nephtys. Asas de Ísis. Tumba de Horemheb. Vale dos Reis. KV57. Tebas, Egito..... 75
- IMAGEM 49:** Vaso Canopo com a representação de Duamutef. XXI-XXV Dinastia.....76
- IMAGEM 50:** Vaso Canopo com a representação de Imsety. XXVI Dinastia. Museu do Brooklin. New York. EUA..... 76
- IMAGEM 51:** Ísis alada. Amduat, versão abreviada e primeira hora; Seti I e Rá; Osiris [tendo sua boca aberta por Anubis]. Tumba de Seti I. Vale dos Reis. KV17. Tebas, Egito.....78
- IMAGEM 52:** Ísis alada. Amduat, versão abreviada e primeira hora. Pares de retângulos brancos são nichos para encantamentos. Tumba de Seti I. Vale dos Reis. KV17. Tebas, Egito..... 78
- IMAGEM 53:** Residência de Sennedjem. Vila dos Trabalhadores do Vale dos Reis. Deir El Medina. Tebas. Egito.....80
- IMAGEM 54:** Tumba de Sennedjem. TT1. Deir El Medina. Tebas. Egito.....81
- IMAGEM 55:** Akhenaton e Nefertiti (apagados com cinzel) recebendo a luz de Aton. Tumba Alto Oficial em Tebas. Tebas. Egito. Destaque nosso para onde ficariam as representações dos monarcas.....85
- IMAGEM 56:** Tutankhamen tendo sua boca aberta ritualisticamente por seu sucessor Ay. Tumba de Tutankhamon. KV62. Tebas. Egito.....86
- IMAGEM 57:** Livro dos Mortos. Tumba de Tutmés III. Vale dos Reis. KV34. Tebas, Egito.....89
- IMAGEM 58:** Amduat, versão abreviada e primeira hora. Tumba de Seti I. Vale dos Reis. KV17. Tebas, Egito.....89
- IMAGEM 59:** Livro dos Mortos. Asas de Ísis e Serqet. Tumba de Ay. Vale dos Reis. KV23. Tebas, Egito.....90
- IMAGEM 60:** Anubis guiando Henuttawy. Anubis pesando o coração de Hennuttawy contra a pena de Maat sob a observação de Ammit. Thot. Metropolitan Museum of Art. New York. U.S.A.....91

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

IMAGEM 61: Tumba de Sennedjem TT1 Deir El Medina. Tebas, Egito.....92

IMAGEM 62: Tábua funerária de oferenda alimentar. Egito.....93

BIBLIOGRAFIA

Livros e Artigos.

BLEEKER, C.J. “*Isis and Nephthys as Wailing Women.*” *Numen* 5.1 (1958): 17. JSTOR. Web.

BRISSAUD, Jean-Marc. *O Egito dos Faraós*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores. 1978.

BUDGE, E. A. Wallis. *The Egyptian book of dead. The papyrus of Ani*. New York: Dover Publications. 2014.

IKRAM, Salima. *Death and burial in Ancient Egypt*. London: Pearson Education Limited. 2003.

MANICHE, Lise. *The so-called scenes of daily life in the private tombs of the Eighteenth Dynasty: an overview*. 2003

PINCH, Geraldine. *Handbook of Egyptian Mythology*. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2002

PLUTARCH. *Of Isis and Osiris. Or of the ancient religion and philosophy of Egypt*. Thopphania Publishing.

SANTOS, Poliane Vasconi dos. *Religião e sociedade no Egito antigo: do mito de Ísis e Osíris na obra de Plutarco (I d.C.)*. 2003. 131 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93452>>.

SEGANFREDO, Carmen; FRANCHINI, A.S. *As melhores histórias da mitologia egípcia*. Porto Alegre: L&PM Editores. 2012.

TRIGGER, Bruce G. *História do Penamento Arqueológico*. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

VIEIRA, Cristina. *Egito. O poder dos Faraós*. São Paulo: Editora Escala.

WILKINSON, Richard H. “*Symbolic Location and Alignment in New Kingdom Royal Tombs and Their Decoration.*” *Journal of the American Research Center in Egypt* 31 (1994): 7986. JSTOR.

_____. *The Complete Gods and Goddesses of Ancient Egypt*. New York: Thames & Hudson, 2003

WILSON, A.M. Epiphanius. *Egyptian Literature. Comprising Egyptian Tales, Hymns, Litanies, Invocations, The Book Of The Dead, and Cuneiform Writings*. New York & London: The Colonial Press, 1901.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

WITT, R. E. *Isis in the Ancient World*. London: Johns Hopkins Paperback edition. 1997

Palestras e Comunicações Orais.

BRANCAGLION JR, Antonio. *O Livro para sair da Luz do Dia: o Livro Egípcio dos Mortos*. Palestra MAE-USP. Outubro/2016.

GAMA-ROLLAND, Cintia Alfieri. *As chaves para compreender a religião egípcia*. Palestra Fundação Ema Klabin. Agosto/2015.

_____. *Egito Antigo: em busca do cotidiano perdido*. Palestra UNISA. Junho/2016

_____. *O poder faraônico e os templos imemoriais: a manutenção do cosmos e da memória da realeza*. Palestra MAE-USP. Outubro/2015.

_____. *Pão e cerveja: a Arqueologia da Alimentação egípcia*. Palestra MAE-USP. Junho/2016

RAMAZZINA, Adiana Anselmi. “*Arqueologia Funerária*”. Curso de Extensão Universitária: “Arqueologia: Construção do conhecimento humano. Abril/2012

Sites.

AFRICAN STUDIES CENTER. UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA. Acesso em 09/06/2015. Disponível em: http://www.africa.upenn.edu/Books/Papyrus_Ani.html

ANCIENT EGYPT MYTHOLOGY. Acesso em 09/06/2015. Disponível em: <http://www.egyptianmyths.net/hapi.htm>

ANCIENT EGYPT ONLINE. Acesso em 09/06/2015. Disponível em: <http://www.ancientegyptonline.co.uk/ay-tomb.html>

BROOKLYN MUSEUM. Acesso em 09/06/2015. Disponível em: http://www.brooklynmuseum.org/opencollection/objects/4109/Canopic_Jar_and_Lid_Depicting_a_Human

CONORP EGYPT. Acesso em 09/06/2015. Disponível em: <http://www.conorp.com/canopicjarwithlidrepresentingduamutef>

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

CRYSTAL LINKS. Acesso em: 15/07/2016. Disponível em:
<http://www.crystallinks.com>

EGYPTOLOGY RESOURCES. Acesso em 09/06/2015. Disponível em:
<http://www.fitzmuseum.cam.ac.uk/er/index.html>

EGYPTOPIA.COM. Acesso em 15/07/2016. Disponível em:
<http://egyptopia.com>

FELLOWSHIP OF ISIS CENTRAL WEBPAGE. Acesso em 09/06/2015.
Disponível em:
<http://www.fellowshipofisiscentral.com/isis---the-book-of-the-dead-spells-156---158>

GERALDINE PINCH EGYPTOLOGY HOME PAGE. Acesso em 09/06/2015.
Disponível em:
<http://www.chalcedon.demon.co.uk/geg.html>

ISIS AND OSIRIS. Acesso em 09/06/2015. Disponível em:
https://courses.cit.cornell.edu/hist1510/Plutarch_Isis&Osiris.pdf

MAAT SOPHIA. Acesso em 09/06/2015. Disponível em:
<http://maat.sofiatopia.org/>

MFA FOR EDUCATORS. Acesso em 13/07/2016. Disponível em:
<http://educators.mfa.org/>

NEAR ESATREN ARCHAEOLOGY. Acesso em 18/07/2016. Disponível em:
<http://neararchaeology.blogspot.com.br>

OSIRISNET. Acesso em 15/07/2016. Disponível em: <http://osirisnet.net>

PLUTARCH MORALIA. Acesso em 09/06/2015. Disponível em:
http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Plutarch/Moralia/Isis_and_Osiris*/A.html

PYRAMID TEXTS ONLINE. Acesso em 25/07/2016. Disponível em:
<http://www.pyramidtextsonline.com/translation.html>

SACRED TEXTS. Acesso em 09/06/2015. Disponível em:
<http://www.sacred-texts.com/>

SCRIBD. EGYPTIAN MYTHOLOGY ANCIENT GODS AND GODDESSES OF THE WORLD. Acesso em 09/06/2015. Disponível em:
<https://pt.scribd.com/read/251687183/Egyptian-Mythology-Ancient-Gods-and-Goddesses-of-the-World>

THEBAN MAPPING PROJECT. Acesso em 09/06/2015. Disponível em:

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

<http://www.thebanmappingproject.com/>

TOUR EGYPT. Acesso em 12/07/2016. Disponível em:
<http://www.touregypt.net>

GALERIA DE IMAGENS



IMAGEM 01: Hórus, Ísis como pássaro copulando com Osiris deitado, Ísis em forma humana. Templo de Abydos. Egito Fonte: Internet.



IMAGEM 02: Hórus, Anúbis, Ísis como pássaro copulando com Osiris deitado, Nephtys. Templo de Dendera. Egito Fonte: Internet.



IMAGEM 03: Osiris sendo ressuscitado por Ísis em forma humana. Templo de Phylae. Aswan. Egito Fonte: Santos.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES



IMAGEM 04: Osiris sendo velado por Nephthys e Ísis. Templo de Phylae. Aswan. Egito Fonte: Santos.



IMAGEM 05: Ísis. Osiris sendo mumificado por Anúbis. Fonte: Internet.

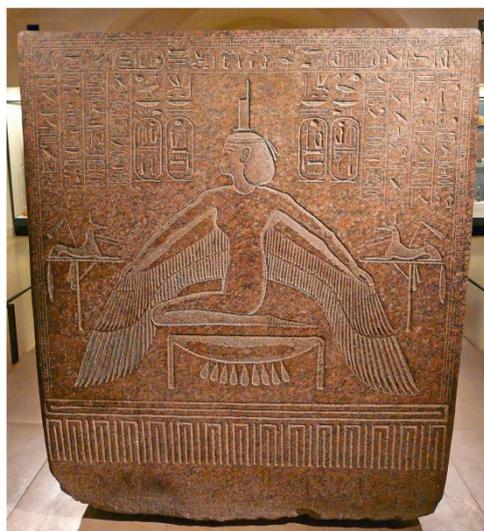


IMAGEM 06: Ísis alada ajoelhada sobre o hieróglifo para ouro. Sarcófago de Ramsés III. KV11. Vale dos Reis. Tebas. Egito. Fonte: https://c1.staticflickr.com/3/2701/4102766645_4d724ab4ed_b.jpg

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES

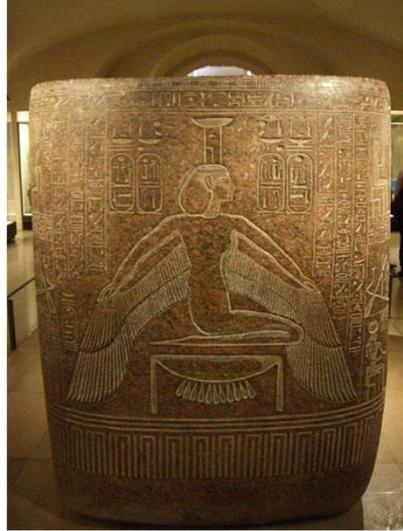
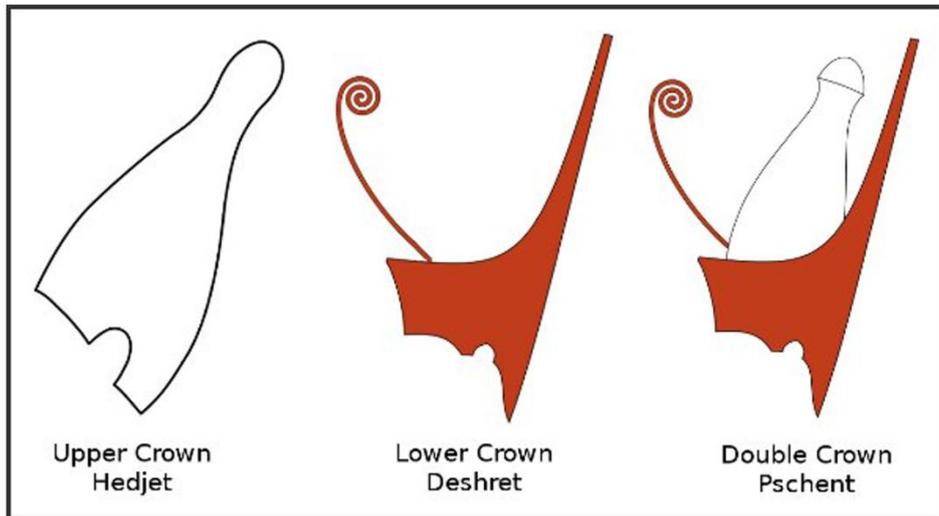


IMAGEM 07: Nephthys alada ajoelhada sobre o hieróglifo para ouro. Sarcófago de Ramsés III. KV11. Vale dos Reis. Tebas. Egito. Fonte: <http://medial.shmoop.com/images/mythology/characters/nephthys/ramses-iii-sarcophagus.jpg>



Upper Crown
Hedjet

Lower Crown
Deshret

Double Crown
Pschent

IMAGEM 08: Reprodução artística das coroas do Alto e Baixo Egito, bem como da coroa do Egito unificado. Fonte: <https://ecpsocialstudies5.files.wordpress.com/2013/12/egyptian-upper-lower-double-crowns-symbols.jpg>



IMAGEM 09: Estátua de Hatshepsut representado como Ostris, utilizando sua coroa característica. Templo de Deir-el-Bahari. Tebas. Egito. Fonte: <http://f.tqn.com/y/womenhistory/1/S/w/N/2/Stock803896a.jpg>

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES



IMAGEM 10: Faraó Séti I fazendo oferenda de incenso ao deus Osiris e sua esposa Ísis. Templo de Abidos, Egito. Fonte: http://pt.123rf.com/photo_15461280_antigo-bas-



IMAGEM 11: Osiris em pé, diante do qual está ajoelhado Sennedjem. Museu da Comunicação de Nuremberg. Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/564x/d4/e6/c9/d4e6c93455e28a7d4707ee5a03de4920.jpg>
<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/564x/d4/e6/c9/d4e6c93455e28a7d4707ee5a03de4920.jpg>

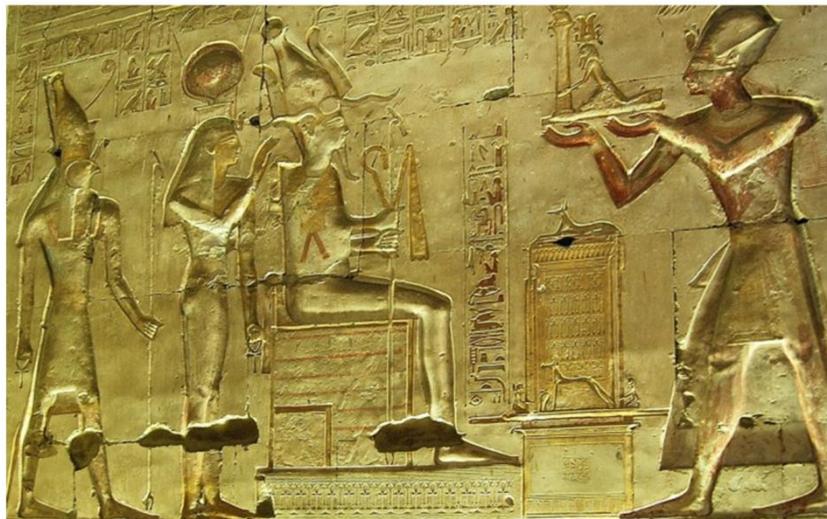


IMAGEM 12: Hórus, Ísis, Osiris sentado recebendo oferendas do faraó Ramsés II. Templo de Abydos. Egito. Fonte: <http://www.curentzionsville.com/wp-content/uploads/2015/01/Travel-Kaebel-720x455.jpg>

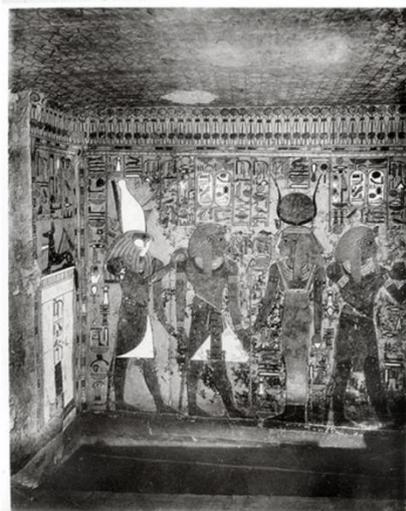


IMAGEM 13: Anúbis como chacal deitado sobre altar. Hórus levando Horemheb a Ísis (Cena 1). Horemheb fazendo oferenda de vinho a Hathor [Não Visível] (Cena 2). Tumba de Horemheb. Vale dos Reis. KV57. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.



IMAGEM 14: Hórus recebendo vinho de Horemheb (Cena 3). Ísis com Horemheb (Cena 2). Anúbis recebendo vinho de Horemheb (Cena 1). Horemheb entre Ísis e Hórus. Tumba de Horemheb. Vale dos Reis. KV57. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.



IMAGEM 15: Hórus, Osiris e Ísis, com o nome do faraó Osorkon II, da XXII Dinastia. Museu do Louvre, Paris, França. Fonte: Internet

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES



IMAGEM 16: Ísis e Nephthys como mulheres que lamentam, flanqueando o cartucho com o nome de Setnakhet. . Vale dos Reis. KV14. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.



IMAGEM 17: Ísis e Nephthys como mulheres que lamentam, flanqueando o cartucho com o nome de Siptah. . Vale dos Reis. KV47. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project



IMAGEM 18: Imsety, Anubis, Duamutef, Thot. Ísis alada. Tumba de Ramsés I. KV16. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.

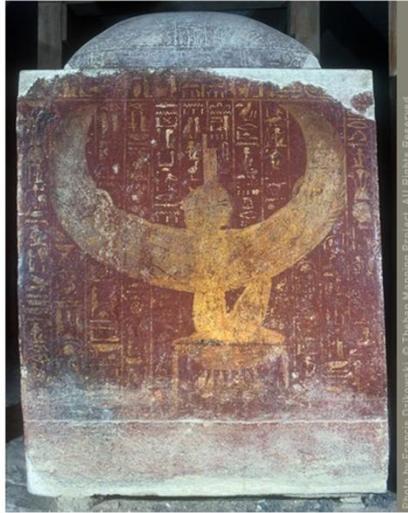


IMAGEM 19: Ísis alada. Tumba de Ramsés I. KV16. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.



IMAGEM 20: Ísis alada. Tumba de Tutankhamen. KV62. Tebas, Egito. Fonte: <http://www.touregypt.net/images/touregypt/tutcoffin3.jpg>

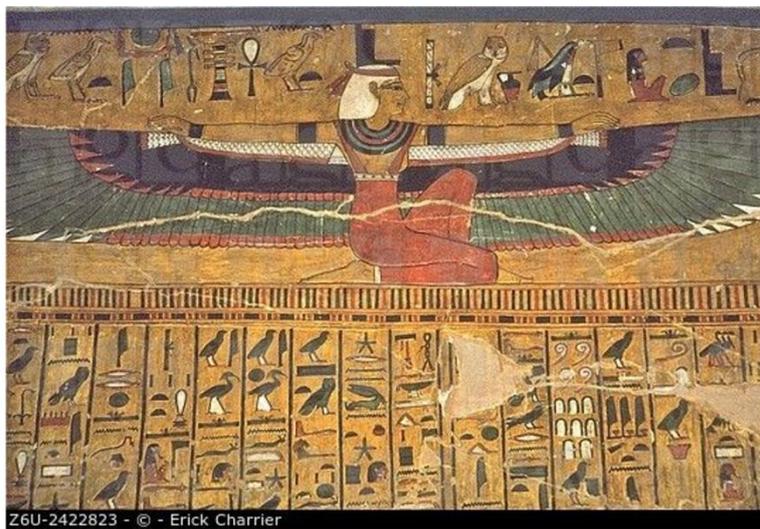


IMAGEM 21: Ísis alada. Amduat, versão abreviada e primeira hora. Tumba de Seti I. Vale dos Reis. KV17. Tebas, Egito. Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/564x/5e/2d/8d/5e2d8d825a54e4159e3fe426f34d5183.jpg>

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES



IMAGEM 22: Detalhes do atributo de Ísis , identificando-a nos sarcófagos de Ramsés I, Tutankhamen., Séti I e Hatshepsut/Tutmés I.



IMAGEM 23: Ísis ajoelhada sobre o hieróglifo de ouro segurando o disco solar. Sarcófago de Tutmés I. Tumba de Tutmés I e Hatshepsut. KV20. Tebas, Egito. Fonte: <http://educators.mfa.org/ancient/sarcophagus-queen-hatshepsut-recut-her-father-thutmose-i-box-49911>

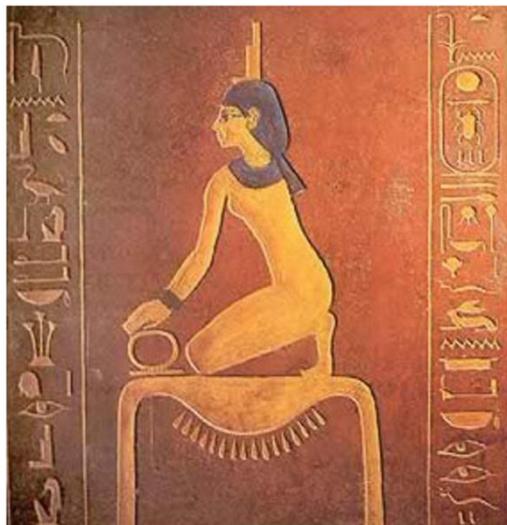


IMAGEM 24: Ísis ajoelhada sobre o hieróglifo de ouro segurando o disco solar. Tumba de Amenhotep II. KV35. Tebas, Egito. Fonte: <http://www.touregypt.net/featurestories/amenophist.htm>

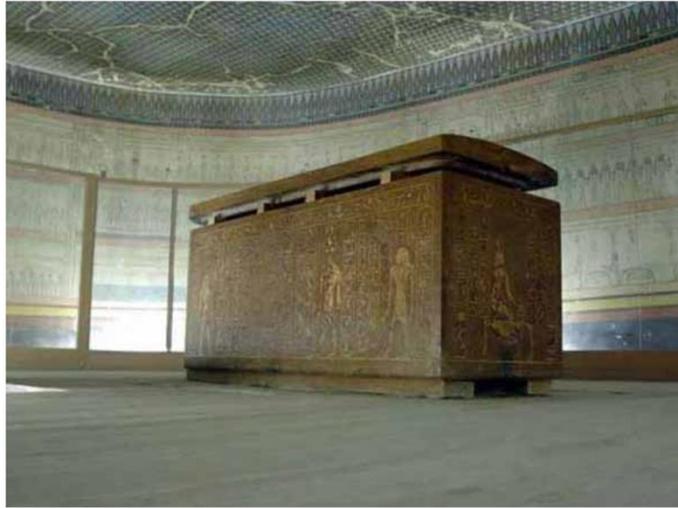


IMAGEM 25: [Cabeça do sarcófago. Lado direito da foto] Ísis ajoelhada sobre o hieróglifo de ouro, segurando o disco solar. Tumba de Tutmés III. KV34. Tebas, Egito.



IMAGEM 26: [Cabeça do sarcófago. Lado direito da foto] Ísis ajoelhada sobre o hieróglifo de ouro segurando o disco solar. Sarcófago de Hatshepsut. Tumba de Tutmés I e Hatshepsut. KV20. Tebas, Egito. Fonte: http://egyptopia.com/Third+Sarcophagus+of+Hatshepsut+The+Egyptian+Museum_30_382_152_en.html

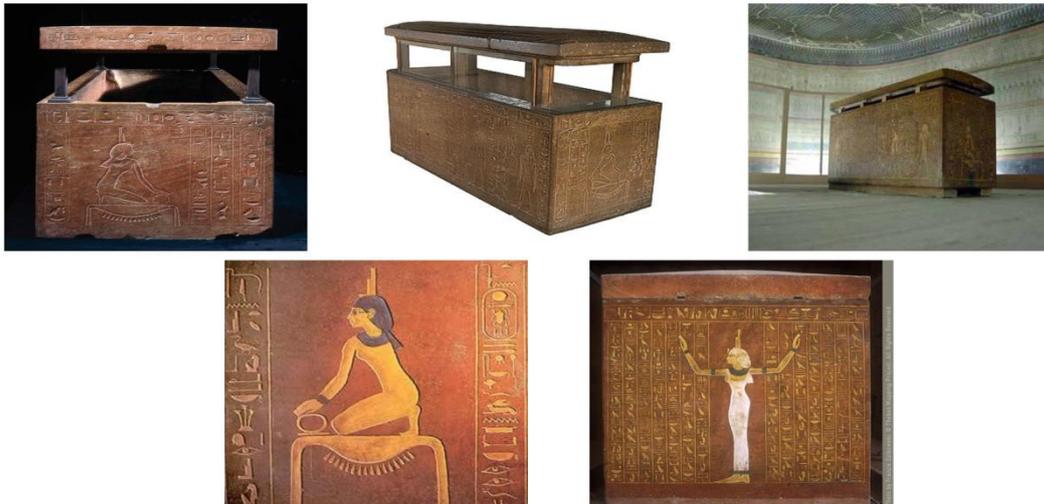


IMAGEM 27: Representações de Ísis em sarcófagos pertencentes a faraós que governaram antes de Akhenaton. Respectivamente Tutmés I, Hatshepsout, Tutmés III, Amenhotep II, e Tutmés IV.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

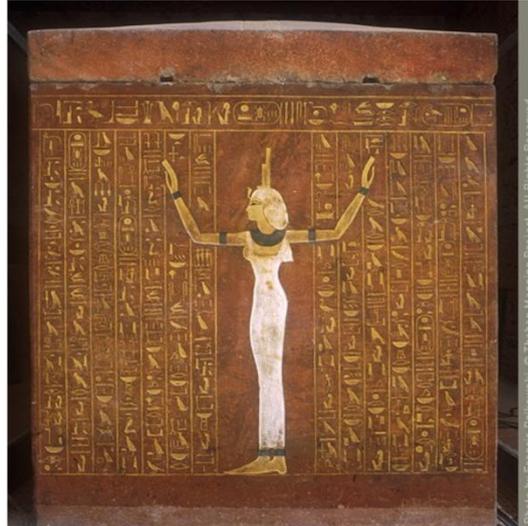


IMAGEM 28: Ísis em pé, de braços abertos. Sarcófago de Tutmés IV. KV 43. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project

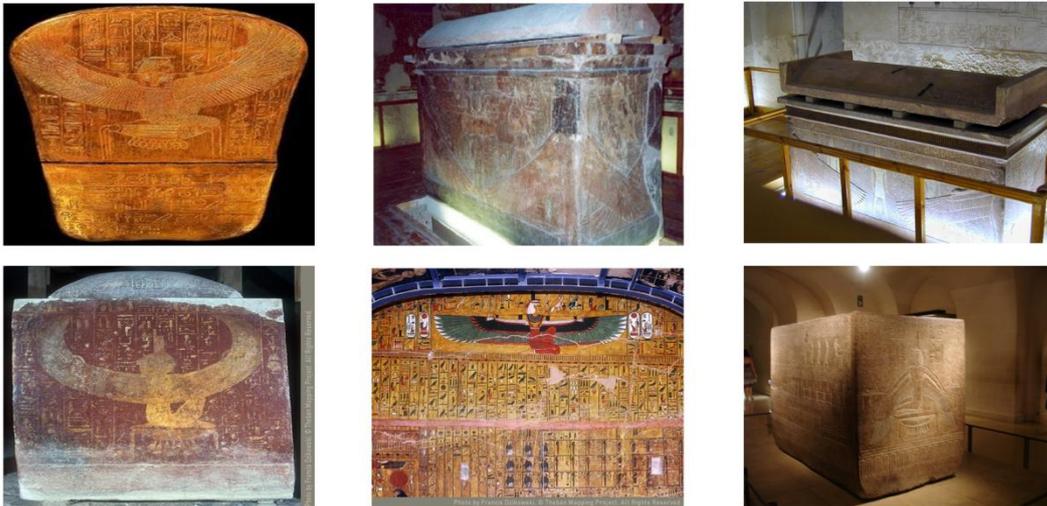


IMAGEM 29: Representações de Ísis em sarcófagos pertencentes a faraós que governaram após Akhenaton. Respetivamente Tutankhamen, Ay, Horemheb, Ramsés I, Séti I, e Ramsés III.

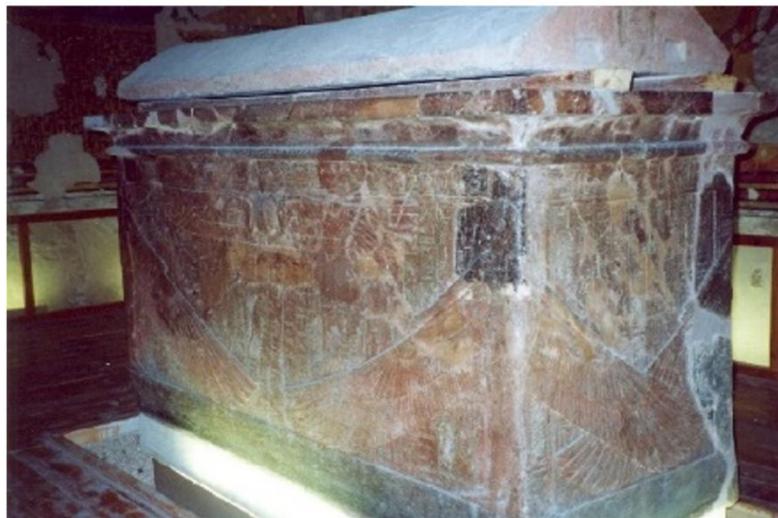


IMAGEM 30: Asas de Serquet, Ísis e Nephtys. Tumba de Ay. Vale dos Reis. KV23. Tebas, Egito. Fonte: <http://euler.slu.edu/~bart/egyptianhtml/kings%20and%20Queens/aye-sarcophagus.jpg>.



IMAGEM 31: Asas de Serqet, Nephthys e asas de Ísis. Tumba de Horemheb. Vale dos Reis. KV57. Tebas, Egito. Fonte: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f6/La_tombe_de_Horemheb_\(KV.57\)_\(Vall%C3%A9_des_Rois_Th%C3%A8bes_ouest\)_-7.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/f6/La_tombe_de_Horemheb_(KV.57)_(Vall%C3%A9_des_Rois_Th%C3%A8bes_ouest)_-7.jpg)



IMAGEM 32: Ísis alada sobre o hieróglifo para outro. Tumba de Ramsés III. Vale dos Reis. KV11. Tebas, Egito. Fonte: <http://nearchaology.blogspot.com.br/2012/09/sarcophagus-of-ramesses-iii.html>



IMAGEM 33: Asas de Ísis e Nephthys. Tumba de Horemheb. Vale dos Reis. KV57. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES



IMAGEM 34: Ísis e Nephthys de asas abertas protegendo o corpo do faraó Horemheb – à esquerda. KV 57. Tebas. – com a mesma postura que velam e protegem o corpo de Osiris – à direita. Templo de Philae. Aswan.



IMAGEM 35: Isis e Hapy. Vale dos Reis. Tumba de Horemheb. KV57. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.



IMAGEM 36: Isis e Hapy. Vale dos Reis. Tumba de Horemheb. KV57. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.



IMAGEM 37: Vaso Canopo com a representação de Hapy. XXVI Dinastia. Museu Übersee. Fonte: Internet



IMAGEM 38: Asas de Nephtys, Ísis, Hapy, Anubis, Qebhsenuf, e Neit . Tumba de Horemheb. Vale dos Reis. KV57. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.



IMAGEM 39: Anúbis em forma humana sentado, carregando os símbolos do poder e da vida. Templo de Hatshepsut em Deir-El-Bahari. Tebas. Egito. Fonte: http://m9.i.pbbase.com/o4/15/700115/1/122652929.Tc36MHbZ.IMG_3092.jpg

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES



IMAGEM 40: Anúbis em forma de chacal. Faraó Ramsés II entre suas patas dianteiras. Templo Memorial de Ramsés II – Ramesseum, Tebas, Egito. Fonte:

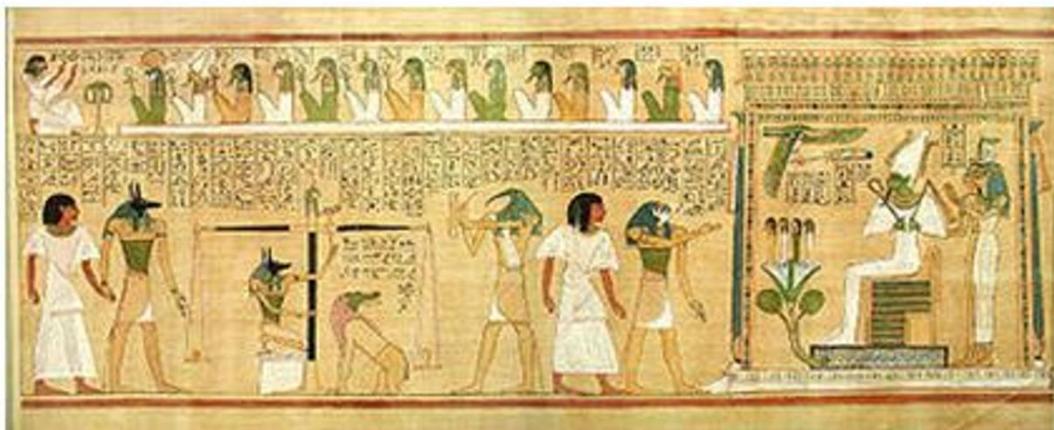


IMAGEM 41: Anubis guiando Hennuttawy. Anubis pesando o coração de Hennuttawy contra a pena de Maat sob a observação de Ammit. Hórus guiando Hennuttawy para diante da capela de Osiris, com os Quatro Filhos de Hórus diante de si, e Isis e Nephthys com as mãos levantadas atrás de Osiris. Metropolitan Museum of Art, New York, U.S.A. Fonte: <https://vico.wikispaces.com/file/view/2.jpg/61757346/2.jpg>



IMAGEM 42: Anúbis mumificando Amennakht, Tumba de Amennakht, Tebas, Egito. Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/564x/24/78/f4/2478f42963be95fed12103716ab2d923.jpg>

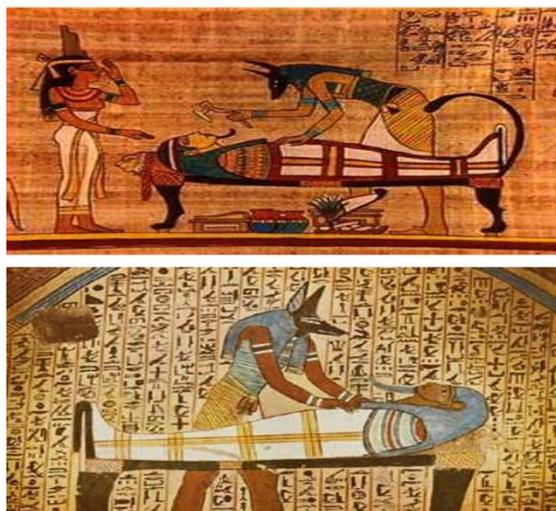


IMAGEM 43: Comparação entre as representações de Anubis mumificando Osiris – acima – e de Amennakht – abaixo.



IMAGEM 44: Vaso Canopo com a representação de Qebehsenuef. Fonte: Internet



IMAGEM 45: Representação de Serquet com dorso de mulher e disco solar e chifres. Museu do Louvre, Paris, França. Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/2c/10/20/2c10209ecd8fb7274ce097bdf0987f1f.jpg>

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES



IMAGEM 46: Háthor saindo de necrópole alimentando com leite individuo ajoelhado. Templo Memorial de Hatshepsut. Deir El Bahari. Tebas. Egito. Fonte: https://www.brown.edu/Departments/Joukowsky_Institute/courses/templesandtomb/files/8057729.jpg



IMAGEM 47: Representação de Nefertari recebendo o sopro de vida através de um ankh por Ísis. Tumba de Nefertari. QV66. Vale das Rainhas. Tebas. Egito. Destaque nosso para os hieróglifos destacando o nome de Ísis, identificando a deusa. Fonte: Internet



IMAGEM 48: Asas de Serqet. Duamutef, Anubis, Imsety, Nephthys. Asas de Ísis. Tumba de Horemheb. Vale dos Reis. KV57. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.



IMAGEM 49: Vaso Canopo com a representação de Duamutef. XXI-XXV Dinastia. Fonte: Internet



IMAGEM 50: Vaso Canopo com a representação de Imsety. XXVI Dinastia. Museu do Brooklin. New York. EUA. Fonte: Internet

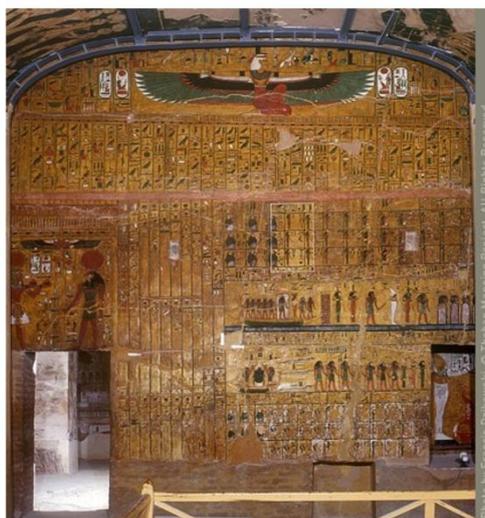


IMAGEM 51: Ísis alada. Amduat, versão abreviada e primeira hora; Seti I e Rá; Osiris [tendo sua boca aberta por Anubis]. Tumba de Seti I. Vale dos Reis. KV17. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES

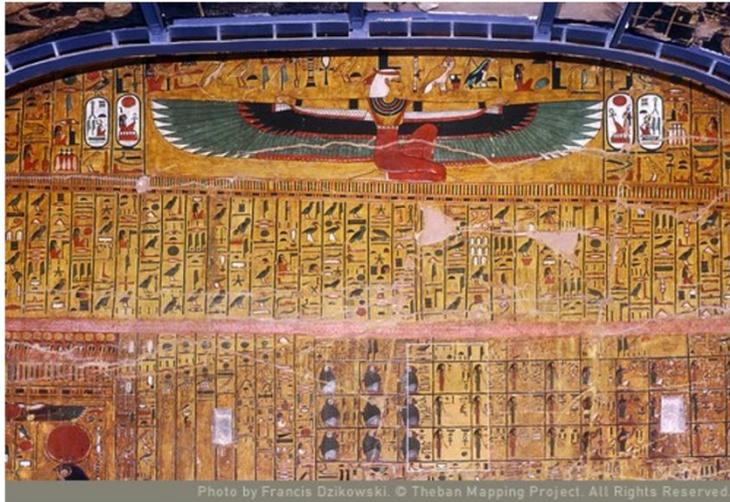
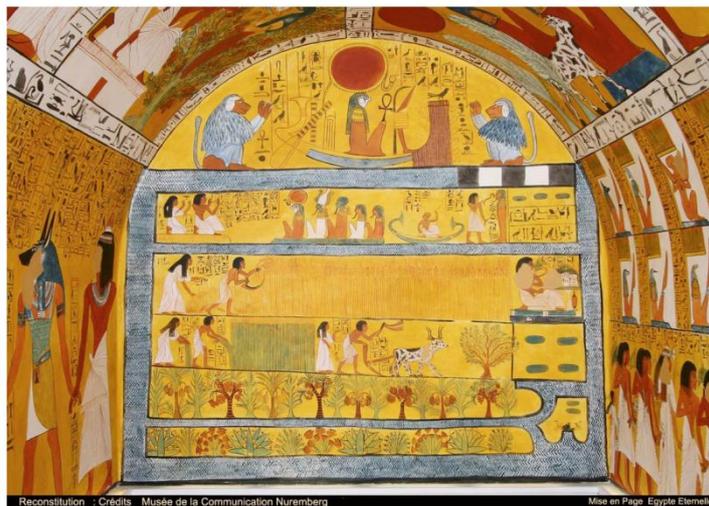


IMAGEM 52: Ísis alada. Amduat, versão abreviada e primeira hora. Pares de retângulos brancos são nichos para encantamentos. Tumba de Seti I. Vale dos Reis. KV17.



IMAGEM 53: Residência de Sennedjem. Vila dos Trabalhadores do Vale dos Reis. Deir El Medina. Tebas. Egito. Fonte: https://farm8.staticflickr.com/7173/6646437781_f13e7285ee_b.jpg



Reconstitution : Crédits : Musée de la Communication Nuremberg Mise en Page : Egypte Eternelle
IMAGEM 54: Tumba de Sennedjem. TT1. Deir El Medina. Tebas. Egito. Fonte: <http://egypte-eternelle.org/im/deir/SENOG.jpg>

EVANDRO FANTONI RODRIGUES ALVES



IMAGEM 55: Akhenaton e Nefertiti (apagados com cinzel) recebendo a luz de Aton. Tumba Alto Oficial em Tebas. Tebas. Egito. Destaque nosso para onde ficariam as representações dos monarcas. Fonte: <http://www-tc.pbs.org/wgbh/nova/assets/img/missing-tombs-pharaohs/image-03-large.jpg>

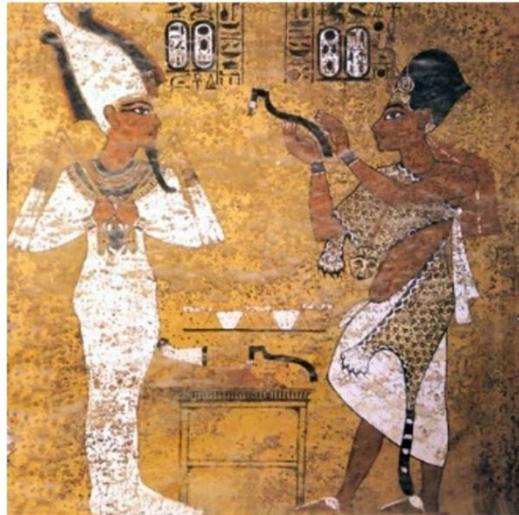


IMAGEM 56: Tutankhamen tendo sua boca aberta ritualisticamente por seu sucessor Ay. Tumba de Tutankhamon. KV62. Tebas. Egito. Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/40/Opening_of_the_Mouth_-_Tutankhamun_and_Aja.jpg

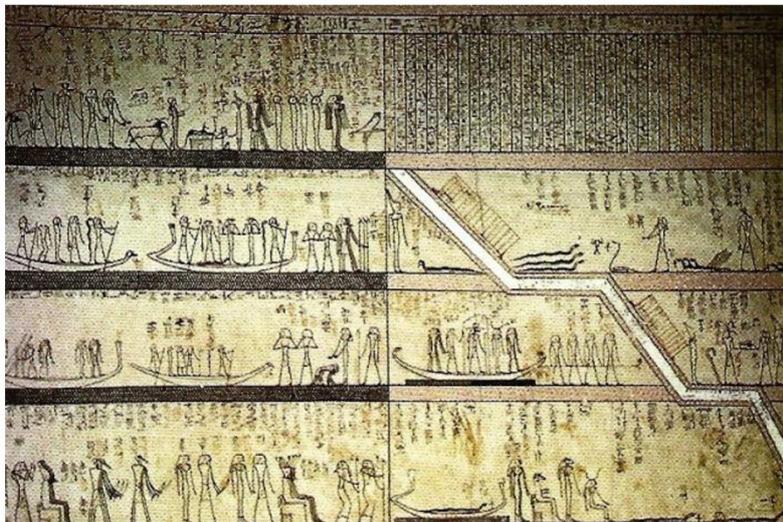


IMAGEM 57: Livro dos Mortos. Tumba de Tutmés III. Vale dos Reis. KV34. Tebas. Egito. Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/-FP6MZojpmks/UblJKTHXTol/AAAAAAAAA0c/mwnSGQLnfJ4/s640/pintura+tumulo+tutm%25C3%25A9s+III+vale+dos+reis+hp+scan.jpg>

AQUELA QUE CAMINHA NAS NECRÓPOLES



IMAGEM 58: Amduat, versão abreviada e primeira hora. Tumba de Seti I. Vale dos Reis. KV17. Tebas, Egito. Fonte: <http://media.kunst-fuer->

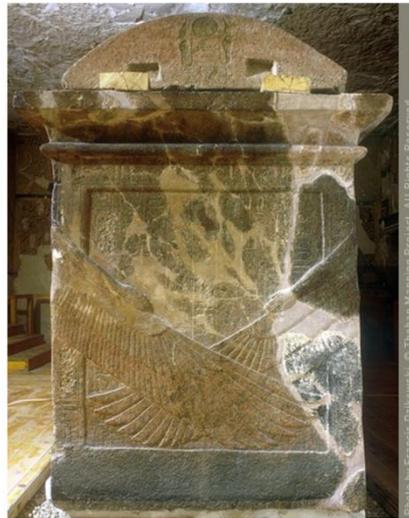


IMAGEM 59: Livro dos Mortos. Asas de Isis e Serquet. Tumba de Ay. Vale dos Reis. KV23. Tebas, Egito. Fonte: Theban Mapping Project.

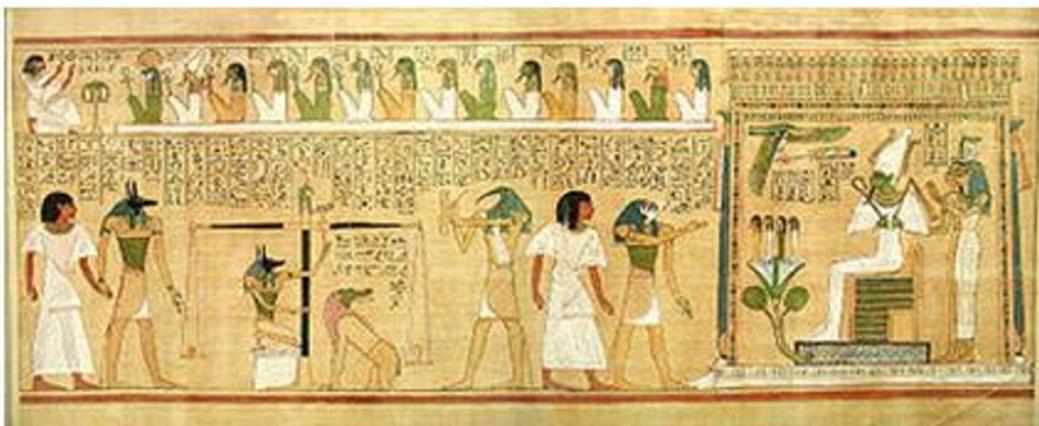


IMAGEM 60: Anubis guiando Henuttawy. Anubis pesando o coração de Henuttawy contra a pena de Maat sob a observação de Ammit. Thot., Metropolitan Museum of Art. New York, U.S.A. Fonte: <https://vico.wikispaces.com/file/view/2.jpg/61757346/2.jpg>



IMAGEM 61: Tumba de Senedjem TT1 Deir El Medina. Tebas, Egito. Fonte: http://www.osirisnet.net/tombes/artisans/senedjem1/photo/senedjem_farid_03v.jpg



IMAGEM 62: Tábua funerária de oferenda alimentar. Egito. Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/48/Egyptian_-_Offering_Table_-_Walters_2291.jpg